

XI JINPING OS NOVOS DESAFIOS DA RAEM 15 ANOS DEPOIS

Macau

澳門



OS TEMPOS ÁUREOS DO CINEMA

Salas míticas, maiores bilheteiras, personagens que ditaram tendências. A história e as estórias da sétima arte



ANO DA CABRA
AS PREVISÕES SIGNO
A SIGNO PARA 2015



MIO PANG FEI
A CARA DE MACAU
NA BIENAL DE VENEZA



Parade
for the
Celebration
of the Year
of Ram



【乙未年】
2015

Parada de Celebração
do Ano da Cabra

21
/2

正月初三
20:00 - 23:00



楊千嬅
Yvonne Young



許志安
Andy Hui

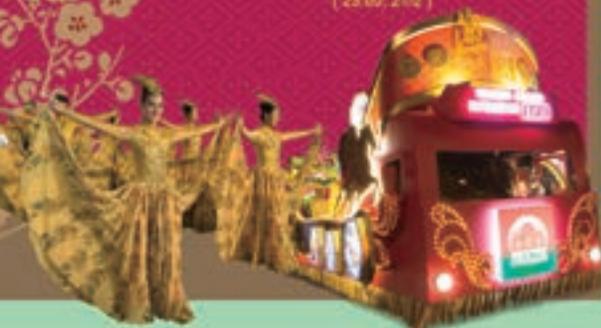
路線・Percurso・Route

澳門科學館→孫逸仙大馬路→西灣湖廣場
Centro de Ciência de Macau →
Av. Dr. Sun Yat Sen →
Praça do Lago Sai Van

（烟花表演）

Espectáculo de Fogo de Artificio
Fireworks Display

澳門旅遊塔對出海面
Bata Frente à Torre de Macau
Sea Front of Macau Tower
(23.00, 21/2)



羊
洋
喜
氣
花
車
巡
遊
匯
演

28
/2

正月初十
20:00 - 21:30



龔嘉欣
Emily Fong

路線・Percurso・Route

沙梨頭北街→青洲大馬路→拱形馬路→青沙環
馬路→喜拉士大馬路→東沙環第四街→長壽大
馬路→市場街→祐漢街市公園

Rua Norte do Patane → Av. do Conselheiro Borge
→ Estrada do Arco → Estrada da Anela Preta →
Av. de Venceslau de Moraes → Rua Quatro do
Balco da Anela Preta → Av. da Longevidade →
Rua do Mercado de Iao Hon → Jardim do Mercado
Municipal de Iao Hon

（花車展覽）

Exibição dos Carros Alegóricos
Parade Float Exhibition

西灣湖廣場
Praça do Lago Sai Van
Sai Van Lake Square
(23.00, 21/2 - 17.00, 28/2)

堤石廣場
Praça do Tap Seac
Tap Seac Square
(22.00, 28/2 - 18.00, 3/3)



主辦單位 / Organizers / Organizadores

協辦單位 / Collaborators / Apoiadores

贊助單位 / Sponsors / Patrocinadores

澳門科學館 / Centro de Ciência de Macau

澳門科學館 / Centro de Ciência de Macau

澳門特別行政區政府文化局 / INSTITUTO CULTURAL do Governo da R.A.E. de Macau

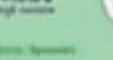
澳門特別行政區政府旅遊局 / Turismo de Macau



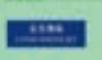
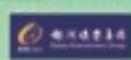
支持單位 / Sponsors / Apoiadores



澳門科學館 / Centro de Ciência de Macau



贊助單位 / Sponsors / Patrocinadores



澳門特別行政區政府旅遊局
Turismo de Macau
www.turismoemacau.com.mo





DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTOR EXECUTIVO

Alberto, Au Kam Va

EDITOR EXECUTIVO

Fernando Sales Lopes

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

ENDEREÇO

Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804
Edif. China Plaza, 15º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 Fax: (+853) 2835 5426
e-mail: info@ges.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

Delta Edições, Lda.
Tel: (+853) 2832 3660 Fax: (+853) 2832 3601

EDITOR

Luis Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA

Catarina Lau Pineda
CLL design

WEB DESIGN

Rita Ferreira

COLABORAM NESTA EDIÇÃO

Alexandra Lages, Cláudia Aranda, Fátima Valente,
Filipa Queiroz, Luciana Leitão, Nuno G. Pereira, Patrícia Cruz,
Patrícia Lemos e Sofia Jesus

FOTOGRAFIA

Carmo Correia e Gonçalo Lobo Pinheiro

FOTOGRAFIA DA CAPA

Gonçalo Lobo Pinheiro
Modelo: Winnie Miao/ Aomen TV
Agradecimentos ao Instituto Cultural da RAEM

TRADUÇÃO

Cecilia Lin

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E
Edif. Centro Comercial "First International", 14º andar, Sala 1404
Tel: (+853) 2832 3660 Fax: (+853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM

3000 exemplares

ISSN: 0871-004X

PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL

ANGOLA: AOA 3.390,00 | BRASIL: BRL 78,00
CABO VERDE: CVE 2.760,00 | GUINÉ-BISSAU: XOF 16.400,00
MACAU: MOP 200,00 | MOÇAMBIQUE: MZM 1.075,00
PORTUGAL: EUR 25,00 | S.TOMÉ E PRÍNCIPE: STD 607.000,00
TIMOR-LESTE: USD 35,00 | RESTO DO MUNDO: USD 40,00



www.revistamacau.com

www.facebook.com/RevistaMacau

Em Março próximo o Chefe do Executivo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) apresentará na Assembleia Legislativa o programa das Linhas de Acção Governativa (LAG) para o ano de 2015. Isso costuma ocorrer no mês de Novembro do ano precedente, mas uma vez que Chui Sai On tomou posse em Dezembro para um segundo mandato, à frente de uma equipa renovada, essa apresentação só então será feita.

Em comparação com o mandato anterior, nenhum dos cinco Secretários da equipa governativa se manteve em funções, o que criou uma grande expectativa entre a população quanto às inovações que trarão as LAG para 2015.

A tomada de posse, a 20 de Dezembro, de Chui Sai On, bem como da equipa de Secretários do novo Governo e outros detentores dos principais cargos, além do novo Procurador-Geral do Ministério Público, contou com a presença do Presidente Xi Jinping. O evento coincidiu com a celebração dos 15 anos do estabelecimento da RAEM.

Estes são alguns dos temas em destaque nesta edição, onde se faz um ponto da situação da construção da ponte entre Hong Kong, Zhuhai e Macau, um megaprojecto com 50 quilómetros de ligações, cuja conclusão está prevista para 2017.

O Brasil e a China acabam de assinalar 40 anos de parceria comercial, uma cooperação que só na última década viu o seu valor aumentar dez vezes.

Na vertente cultural e histórica recordam-se os tempos áureos do cinema e da indústria de panchões em Macau, a par de um destaque para a presença do pintor Mío Pang Fei na Bienal de Veneza, em representação da RAEM.

Luis Ortet



- 6 ACONTECEU**
As notícias que marcaram a actualidade da RAEM
- 12 XI JINPING EM VISITA OFICIAL**
Presidente chinês anuncia novidades e deixa recomendações para Macau
- 18 O NOVO GOVERNO DA RAEM**
Um novo ciclo com novos secretários sob a liderança de Chui Sai On
- 30 PERSONALIDADES DE MÉRITO**
Governo distingue quem fez a diferença em 2014
- 36 PONTE PARA INTEGRAÇÃO**
Ligação Zhuhai-Macau-Hong Kong fomenta relações
- 44 BRASIL DE OLHO NA CHINA**
Quais são e o que fazem as empresas brasileiras na China
- 52 TELECOMUNICAÇÕES LUSÓFONAS**
Entrevista com João Caboz Santana, presidente da AICEP
- 56 A MODA DO VINHO**
Mercado consumidor aumenta; oportunidades de carreira também



Ponte para o futuro

A paisagem e economia de Macau já são marcadas por pontes, mas a futura ligação Hong Kong–Zhuhai–Macau não só vai alterar a imagem da cidade, como dar passos de gigante na integração das três regiões do sul da China. Quando estiver concluída, será a maior travessia em número de quilómetros na China

Vai um copo de vinho?

O vinho está a tornar-se uma forma de estar na vida entre jovens locais e turistas que vêm à procura de marcas célebres. É também opção para uma carreira de prestígio na indústria do turismo. Com o aumento de turistas em Macau cresce também o mercado consumidor de vinhos de qualidade e aumentam as necessidades de escanções para a indústria de restauração



64 OS GRANDES ANOS DO CINEMA
 A história e as estórias da sétima arte em Macau

78 INDÚSTRIA DE PANCHÕES
 Os tempos em que a pólvora era a rainha das exportações

86 O ANO DA CABRA
 As previsões completas para 2015 segundo os almanaques chineses

96 ÍCONES: ALTAR CHINÊS
 As divindades que protegem os lares e os negócios

98 O MESTRE E OS SEUS PUILOS
 Denis Murrell, artista local, ensina técnicas únicas a jovens talentos

106 ÁTRIO: MIO PANG FEI
 As pinceladas neo-orientais do pintor que vai representar Macau em Veneza

112 ESPECTÁCULOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS
 Sugestões para ver e ler nos próximos meses

118 MEMÓRIAS: RUA DE SÃO DOMINGOS
 Em pleno coração do Bazar Chinês, uma das ruas mais históricas da região

Os loucos anos do cinema

Em Macau o cinema surgiu ao mesmo tempo que a electricidade, no início do século passado. Começou por ser desprezado, depois apreciado apenas pela elite e só um pouco mais tarde passou a ser para todos. A história e as estórias da sétima arte: os grandes filmes, a mudança de tendências, a cidade como cenário e o desaparecimento de salas emblemáticas



Mio Pang Fei e a arte que se respira

Mio Pang Fei é um dos mais conceituados artistas contemporâneos da China. Em Macau desde os anos 1980, prepara-se para representar o território na Bienal de Veneza. Uma distinção que não esperava, a caminho dos 80 anos. O desafio foi aceite. Ou não fosse a arte o ar que ainda hoje respira

O Ano da Cabra

No calendário tradicional chinês, 2015 será o ano da Cabra, um dos 12 animais do zodíaco oriental. O último ano da Cabra foi em 2003 e o próximo será em 2027. Dia 19 de Fevereiro inicia-se um novo ano lunar. Os signos com as melhores previsões em 2015 são o Tigre, o Coelho, o Cavalo, o Macaco e o Porco. Este será um ano particularmente romântico para o Macaco, o Tigre e o Rato





Consulado de Portugal lança plataforma online

O Consulado Geral de Portugal em Macau e Hong Kong lançou a 15 de Janeiro uma nova plataforma informática (disponível através do website www.cgportugal.org) que vai permitir reduzir consideravelmente o tempo de espera para renovação de documentos e marcações. Com cerca de 168 mil cidadãos portugueses registados, o consulado de Portugal tem actualmente marcações até Maio para casos não urgentes, situação que o sistema permitirá encurtar. Além da nova, a representação vai lançar também a renovação do seu sítio na Internet.

Chui Sai On recebe convite formal para viagem a Lisboa

O Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, foi convidado para uma nova visita oficial a Portugal através do director-geral da política externa do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Francisco Duarte Lopes, depois da reunião mista Macau-Portugal, que decorreu em Novembro. No âmbito do encontro, ficou alinhavada a criação de uma subcomissão dedicada à língua e à educação, uma das maiores apostas de cooperação entre Macau e Lisboa.

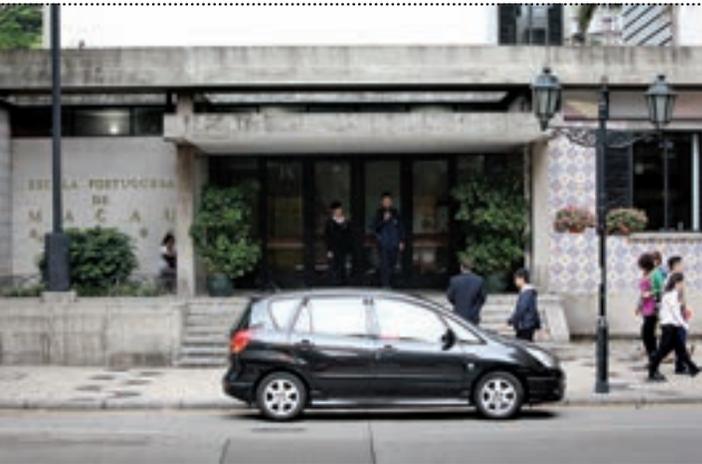


Rita Santos deixa Fórum Macau em Março

Depois de mais de uma década em funções, Rita Santos vai deixar o cargo de secretária-geral adjunta do Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau) no próximo dia 3 de Março, data em que termina a actual comissão de serviço. A saída acontece depois de Lionel Leong, secretário para a Economia e Finanças, ter aceiteado o pedido de aposentação da responsável.



GONÇALO LOBO PINHEIRO



GONÇALO LOBO PINHEIRO

Escola Portuguesa recebe jornais e revistas de Portugal

A Escola Portuguesa de Macau e a Associação de Imprensa de Portugal assinaram um protocolo que prevê que a instituição receba todas as semanas 30 quilos de jornais e revistas oferecidas pelas editoras em Portugal. Além dos jornais, a escola ganhou também uma edição da colectânea de textos de Eça de Queiroz que o escritor português escreveu enquanto jornalista.

Macau e Portugal assinam protocolos para Misericórdias

A Santa Casa da Misericórdia de Macau, a União das Misericórdias Portuguesas (UMP) e a Santa Casa da Misericórdia do Porto assinaram, em Novembro, uma série de protocolos inéditos que permitem uma maior cooperação entre as instituições. Os acordos, além da troca de informações, prevêem ainda formação de pessoal ou até o intercâmbio de profissionais, especialmente na área da saúde.



MAIS VAGAS PARA ESTUDAR EM PORTUGAL

A edição deste ano da iniciativa “O Ser e Saber da Língua Portuguesa”, organizada pelo Gabinete de Apoio ao Ensino Superior (GAES), disponibiliza 100 vagas, quase o dobro do que em 2014. No ano passado, foram abertas 56 vagas para que alunos locais viajem até Portugal para frequentar um curso intensivo. O aumento anunciado surge devido ao interesse dos estudantes do ensino superior em relação ao português. Os candidatos, seleccionados a partir dos cursos do Instituto Português do Oriente, vão frequentar cursos em Lisboa ou no Porto durante um mês no Verão.



Fronteiras com horários alargados

O horário dos postos fronteiriços de Macau foi alargado em Dezembro: a fronteira das Portas do Cerco está aberta mais duas horas por dia – entre as 6h e a 1h do dia seguinte – e a da Ponte Flor de Lótus, no Cotai, funciona agora durante 24 horas. Já o Parque Industrial Transfronteiriço Zhuhai-Macau, até agora reservado a certos trabalhadores e a empresários autorizados, passou a estar de portas abertas a trabalhadores do Interior da China, estudantes e residentes de Macau, entre a meia-noite e as 7h.





Morreu o fotógrafo Manuel Cardoso

O macaense Manuel Cardoso morreu no início de Dezembro, depois de ter dedicado a vida à fotografia. Entrou para a função pública durante o governo do General Nobre de Carvalho, tendo trabalhado no Centro de Informação e Turismo de Macau, mudando depois para o Gabinete de Comunicação Social. Foi o fotógrafo oficial de vários governadores portugueses, colaborando também com a imprensa local, incluindo a MACAU, mesmo depois de reformado. Em 1985, foi agraciado com a Medalha de Mérito Profissional pelo governador Almeida e Costa.

MORREU O PILOTO MACAENSE RUI CLEMENTE

O piloto macaense Rui Clemente, que participou em várias edições do Grande Prémio de Macau, morreu em Janeiro em Macau. Apesar de ter estado ausente das corridas nos últimos anos, regressou ao Circuito da Guia em 2014, para competir na Taça CTM. Clemente fundou com Palmiro Estorninho uma das equipas macaenses de maior destaque no automobilismo local: a Macau Racing Team.



BUSINESS AWARDS COM DEZ DISTINGUIDOS

A cadeia de retalho Royal foi a vencedora da categoria liderança da segunda edição dos Business Awards, concurso organizado pela revista *Macau Business*. Austin Ao destacou-se na categoria Novos Talentos, enquanto que os restantes vencedores foram: John Ho (Empreendedor), Annabella Lam (Jovem Empreendedor), Lisboa (Marca mais valiosa), Louis Vuitton (Responsabilidade Social), Oasis Electric Motorcycle Factory (Performance Ambiental), Berço da Boa Esperança (Organização sem fins lucrativos), KPM Project Management (Melhor PME) e Sheraton (Inovação).

Celebrados nas ruas os 15 anos da RAEM

Para assinalar o 15º aniversário da RAEM, o “Desfile Por Macau, Cidade Latina” saiu às ruas do Centro Histórico com mais de 2000 artistas, numa actuação sob o tema “Paz, Amor e Integração Cultural”. Com início às 16h00 do dia 14 de Dezembro, o desfile teve como narrativa uma festa no espaço, contando a história do aparecimento numa galáxia distante de vida extraterrestre que espalha a antiga e única cultura latina, mas cujo mundo, devido ao impacto do rápido desenvolvimento tecnológico, perdeu cor e brilho. No entanto, o planeta Terra contou com a ajuda de VIVA, a mascote do desfile, que lançou o poder da “Paz, Amor e Integração Cultural” para o espaço, fazendo com que a cultura da vida extraterrestre recuperasse as cores e a alegria.





GONÇALO LOBO PINHEIRO

Banco da China quer explorar mercados da lusofonia

O Banco da China quer aproveitar o papel de Macau como plataforma para a lusofonia para “explorar os serviços financeiros nos países de língua portuguesa e por esta via contribuir para que Macau entre no mercado financeiro mundial”. A intenção foi transmitida em Dezembro pelo presidente do Conselho de Administração do Banco da China em Hong Kong, Tian Guoli, num encontro com o Chefe do Executivo, Chui Sai On.

Novo guia online sobre restaurantes

Encontrar um restaurante ficou agora mais fácil, com o lançamento do guia online *Taste Macau*, que inclui informações sobre mais de mil estabelecimentos do ramo divididos por tipo de cozinha, preço e localização, tanto em inglês como em chinês. A aplicação, criada pela inMedia Asia, empresa de matriz lusófona, está disponível para telemóveis e *tablets* e é gratuita.



Sandra Azevedo vence Prémio Macau Reportagem 2013

Sandra Azevedo, jornalista do Canal Macau da TDM, foi a vencedora do Prémio Macau Reportagem 2013, atribuído pela Fundação Oriente. O júri decidiu “por unanimidade” atribuir o prémio no valor de 50 mil patacas a Sandra Azevedo pela reportagem “Viver com pouco”, transmitida no telejornal do dia 27 de Setembro de 2013. Marco Carvalho, também da TDM e colaborador da MACAU, teve uma menção honrosa pela reportagem “Chips e Cordyceps: Ciência em Macau”.

MAIS ZONAS DE COMÉRCIO LIVRE

Um ano depois do sucesso do lançamento da Zona de Livre Comércio (ZLC) de Xangai, o Governo Chinês está a planear lançar novas zonas para estimular a economia. A decisão de estabelecer três parques de comércio livre nas províncias de Guangdong e Fujian e no Município de Tianjin, foi anunciada depois de uma reunião executiva do Conselho de Estado em Dezembro, que pretende replicar o sucesso do modelo de Xangai.

ANGOLA TEM NOVO DELEGADO NO FÓRUM DE MACAU

Belarmino Barbosa é, desde Novembro, o novo delegado de Angola no Fórum Macau. Licenciado em Direito, foi chefe de gabinete do ministro angolano do Comércio, Turismo e Hotelaria. Foi também representante comercial de Luanda no Brasil e além de delegado no Fórum, vai desempenhar funções de conselheiro económico e comercial no consulado de Angola na RAEM.

Quenianos lideram Maratona Internacional

O queniano Julius Kiplimo Maisei venceu, pela segunda vez consecutiva, a Maratona Internacional de Macau, realizada em Dezembro, numa prova em que os atletas do Quénia conquistaram os oito primeiros lugares. Dominic Kangor Kimwetich conquistou o segundo lugar, seguido de Duncan Cheruiyot Koech. Na competição feminina, a queniana Flomena Chepchirchir Chumba venceu a corrida, deixando a sua compatriota Hellen Wanjiku Mugo a 11 segundos e a chinesa Li Hua Gong, que ocupou o terceiro lugar do pódio, a 17 segundos. Já a meia-maratona teve um pendor mais lusófono, com o português Daniel Pinheiro e o cabo-verdiano Ruben Sanca, a conquistarem os dois primeiros lugares da prova com. O terceiro lugar da meia-maratona foi conquistado por Kun Wang, da China.



GONÇALO LOBO PINHEIRO



Crenças de A-má e Na Tcha são património imaterial

Mais dois itens de Macau foram classificados pelo Conselho de Estado chinês como património cultural intangível: as crenças e costumes das divindades A-Má e de Na Tcha. As crenças e costumes ligadas à deusa A-Má têm uma longa história no território, estando mesmo ligada, na sabedoria popular, ao surgimento de Macau. Sendo uma Deusa protectora face aos perigos do mar, e que dá sorte e paz, A-Má constitui-se como uma das principais crenças da comunidade local. Já as crenças de Na Tcha têm mais de três séculos de história. Oito itens de Macau foram integrados na lista, incluindo a Ópera Cantonense, o Chá Medicinal, a Escultura de Ídolos Sagrados, o Canto Naamyam, a Música Ritual Taoista e o Festival do Dragão Embriagado.

Académico recebe Prémio GUSI para a Paz

Manson Fok, director da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST) e presidente do Fórum Médico Internacional Sino-Luso, foi galardoado com o prémio GUSI para a Paz de 2014, pelo seu trabalho humanitário, contribuição para a educação ao nível da medicina, prestação de cuidados médicos e progressos ao nível da biotecnologia que chegaram a diversos continentes. Atribuído pela fundação com o mesmo nome, o prémio GUSI para a Paz é um dos mais prestigiados galardões reconhecidos pelas Nações Unidas, tal como o Prémio Nobel.



ASSINATURA ANUAL DA REVISTA MACAU



ONDE ENCONTRAR A REVISTA MACAU

PORTUGAL

CENTRO DE PROMOÇÃO E INFORMAÇÃO
TURÍSTICA DE MACAU EM PORTUGAL
Direção dos Serviços de Turismo da RAEM
Av. 5 de Outubro, 115 – R/C
1069-204 Lisboa
Tel.: (+351) 217 936 542

DELEGAÇÃO ECONÓMICA
E COMERCIAL DE MACAU
Av. 5 de Outubro, 115 – 4.º andar
1069-204 Lisboa

FUNDAÇÃO ORIENTE
Centro de Doc. António Alçada Baptista
Avenida Brasília, Doca de Alcântara (Norte)
1350-352 Lisboa

FUNDAÇÃO CASA DE MACAU
Praça do Príncipe Real, n.º25 - 1.º
1250-184 Lisboa

CASA DE MACAU EM PORTUGAL
Av. Almirante Gago Coutinho, n.º142
1700-033 Lisboa

CHINA

EMBAIXADA DE PORTUGAL
EM XANGAI
16-C, Cristal Century Tower
567, Weihai Road
200 041 Shanghai

EMBAIXADA DE PORTUGAL
EM PEQUIM
8, Dong Wu Jie - San Li Tu
Chaoyang District
Beijing 100600

BRASIL

CASA DE MACAU DE S. PAULO
Rua Mário Martins de Almeida 234,
Jd. Santa Helena
04772-135
São Paulo, SP

BÉLGICA
MACAO ECONOMIC AND TRADE
OFFICE TO THE EU
Avenue Louise, 480
1050 Bruxelles

MACAU

LIVRARIA PORTUGUESA
Rua de S. Domingos, 18-22
Tel.: (+853) 2855 6442

LIVRARIA SÃO PAULO
Travessa do Bispo, 11
Tel.: (+853) 2832 3957

PLAZA CULTURAL
Av. Conselheiro Ferreira
de Almeida, 32

CAFÉ CARAVELA
Pátio do Comandante
Mata e Oliveira, 29

PIZZA & COMPANHIA
Av. Ouvidor Arriaga, 79

JADE GARDEN
MAGAZINES STALL
Av. Da Praia Grande, S/N

SE DESEJA FAZER UMA ASSINATURA ANUAL
DA **REVISTA MACAU**, PREENCHA O CUPÃO E
ENVIE-O POR CORREIO, FAX OU E-MAIL PARA:

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600E
Ed. First International
14.º andar – 1404
Macau

contacto@revistamacau.com
Tel.: (+853) 2832 3660
Fax: (+853) 2832 3601

Nome: _____

Morada: _____

Telefone: _____ E-mail: _____



PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL

Angola	AOA 3.390,00	Mozambique	MZM 1.075,00
Brasil	BRL 78,00	Portugal	EUR 25,00
Cabo Verde	CVE 2.4760,00	S. Tomé e Príncipe	STD 607.000,00
Guiné-Bissau	XOF 16.400	Timor-Leste	USD 35,00
Macau	MOP 200	Resto do mundo	USD 40,00

* Sem portes de correio

Um novo ciclo para a RAEM

O Presidente Xi Jinping esteve em visita oficial à RAEM em Dezembro e deixou várias directrizes para o futuro. O ponto alto da visita foi o anúncio do início do processo de definição das áreas marítimas que ficarão sob jurisdição da Região e a doação de um casal de pandas





XI JINPING iniciou a sua visita oficial a Macau no dia 19 de Dezembro, marcando presença nas comemorações dos 15 anos da RAEM e na tomada de posse do IV Governo, liderado por Chui Sai On. Entre os anúncios feitos em Macau, sublinhou que o Governo Central dará início à definição das áreas marítimas que ficarão sob jurisdição da região e será ainda oferecido um novo casal de pandas à RAEM.

O Presidente presidiu à tomada de posse do novo Governo, que teve lugar no dia da RAEM, 20 de Dezembro, na Nave Desportiva dos Jogos

da Ásia Oriental. Num discurso repleto de alertas sobre os desafios da cidade, instou o Governo local a avançar para a diversificação económica, afastando o domínio actual do jogo, a promover a integração com o resto da China e o patriotismo entre os jovens, a aproximar-se da população e a prevenir-se contra “interferências de forças externas”.

De modo a evitar os “conflitos profundos e riscos de desenvolvimento que se formaram ao longo dos anos”, Macau deve “promover activamente a diversificação adequada e o desenvolvimento sustentável da economia”,

afirmou. Para isso, disse, é preciso “melhorar o regulamento da indústria de jogo” com “coragem e sabedoria”, recorrendo a “um plano racional” e a “uma visão abrangente e de longo alcance”.

Uma forma de o fazer é tirando “o melhor proveito das políticas e medidas oferecidas pelo Governo Central para apoiar o desenvolvimento de Macau” e “aprofundando a cooperação com a China, particularmente com a Província de Guangdong e a região do Delta do Rio das Pérolas”, sugeriu o líder.

Depois da economia, o Chefe de Estado sublinhou que é



“ DEVEMOS DESTACAR OS ENSINAMENTOS DA HISTÓRIA, CULTURA E REALIDADE DO PAÍS PARA QUE OS JOVENS APRECIEM MELHOR A RIQUEZA E A GRANDEZA DA CIVILIZAÇÃO CHINESA ”

XI JINPING

preciso promover a harmonia e a estabilidade, bem como a “coesão social”. Ao mesmo tempo, devem ser tomadas “medidas preventivas contra a infiltração e a interferência das forças externas para consolidar a tranquilidade e solidariedade de Macau”. No seguimento desta advertência, salientou a importância de promover a formação dos jovens, em especial no que toca ao patriotismo. “Devemos destacar os ensinamentos da história, cultura e realidade do país para que os jovens apreciem melhor a riqueza e a grandeza da civilização chinesa (...), compreendam melhor o caminho extraordinário percorrido pela nova China e as enormes conquistas, além de perceberem melhor a ligação inerente entre ‘um país, dois sistemas’, o desenvolvimento do socialismo com peculiaridades chinesas e a concretização do sonho chinês”, disse.

Deste modo, os jovens de Macau podem ligar “estritamente” o “futuro de Macau à pátria” e sentir “mais orgulho nacional e mais amor pelo país e por Macau”. O chefe de Estado salientou também a importância de o Governo “acompanhar a situação dos habitantes” e “criar um ambiente social mais justo e equitativo”, numa altura em que se acentuam as críticas ao aumento do custo de vida na cidade. O Governo local deve, assim, ser “diligente, honesto, eficiente e justo”, e actuar “segundo as leis, a fim de garantir que o desenvolvimento da Região Administrativa Especial de Macau permanece na trajectória jurídica”.

Durante os dois dias de visita, Xi Jinping esteve em Seac Pai Van e no novo cam-

A DEFINIÇÃO DAS ÁGUAS SOB JURISDIÇÃO DE MACAU, NUM PROCESSO QUE AGORA SE INICIA, PERMITIRÁ À RAEM GERIR O PLANEAMENTO DA ZONA QUE LHE FICARÁ AFECTA

pus da Universidade de Macau, na Ilha da Montanha.

Chui Sai On satisfeito com anúncios

O líder do Governo local, Chui Sai On, em declarações após a sua tomada de posse como quarto Chefe do Executivo para um último mandato, mostrou satisfação por ser dado início ao processo de definição das áreas marítimas da RAEM, e destacou ainda a entrega de mais um casal de pandas anunciada por Xi Jinping.

A definição das águas sob jurisdição de Macau permitirá à RAEM gerir e decidir o planeamento da zona que lhe ficará afectada.

No seu discurso, o Chefe do Executivo disse que o novo Governo que tomou posse a 20 de Dezembro está “num novo ponto de partida” e que o Executivo não está satisfeito com os resultados alcançados e quer fazer mais. “Iremos, prudentemente e humildemente, prosseguir o princípio da nossa governação de ‘ter por base a população e toma-

A VISITA EM FOTOS



1 Xi Jinping e a mulher, Peng Liyuan, à chegada ao Aeroporto Internacional de Macau, num voo especial



2 Centenas de crianças receberam o presidente chinês com flores e bandeiras



3 O presidente observa o Complexo de habitação pública de Seac Pai Van



4 À conversa com uma família que reside em habitação social



5 Num encontro com representantes de vários sectores da sociedade de Macau



6

Peng Liyuan, mulher de Xi Jinping, canta com as crianças do centro de dia da Associação Geral das Mulheres



7

Num encontro com os titulares dos principais cargos públicos da RAEM, na Nave Desportiva dos Jogos da Ásia Oriental



8

O Chefe do Executivo do IV Governo, Chui Sai On, presta juramento perante o presidente Xi Jinping



9

Encontro com estudantes durante a visita ao campus da Universidade de Macau, na Ilha da Montanha



10

Na despedida ao Chefe do Executivo, Chui Sai On, no Aeroporto Internacional de Macau

da de decisão baseada em critérios científicos”, afirmou.

Para Chui Sai On, o novo Governo “irá enfrentar o futuro com sentido de responsabilidade, superando as insuficiências em constante auto aperfeiçoamento”. “Iremos, seguindo um rumo de reforma, analisar novas situações, resolver novos problemas e acumular novas experiências, para em conjunto com a população construir e partilhar os frutos do desenvolvimento”, disse.

O Chefe do Executivo não esqueceu a diversificação económica necessária à cidade e vincou esse objectivo como uma “opção indiscutível e como uma estratégia de longo prazo para o desenvolvimento económico de Macau”. “Estamos cientes de que sobre nós recai a responsabilidade pelas expectativas dos cidadãos de Macau de uma vida com qualidade e condições para um crescimento saudável das gerações futuras. Somos responsáveis por dar prioridade à promoção do bem-estar da população, com vista à construção célere de uma cidade aprazível para viver e trabalhar. Não cruzaremos os braços”, garantiu.

Ao intervir na recepção à comunidade, Chui Sai On salientou que os conflitos existentes e as novas questões não podem desviar o Governo de trabalhar “tendo por base a população” e mantendo um “sentido de alerta”. Destacou também o discurso de Xi Jinping onde o Chefe de Estado traçou quatro objectivos para Macau, nomeadamente a formação de quadros, diversificação económica, melhoria do nível da governação e promoção da harmonia e estabilidade e garantiu que o Governo en-



tende as palavras do presidente, considera-as “orientações básicas dos diversos trabalhos” e vai aplicá-las na sua acção.

Salientando também que Macau tem mantido a sua atenção na construção do “Centro Mundial de Turismo e Lazer” e na “Plataforma” com os países de língua portuguesa, Chui Sai On falou em aspectos positivos da governação, destacou os esforços no apoio aos mais desfavorecidos e vincou que o sucesso se deve ao prin-



cípio ‘um país, dois sistemas’ e ao apoio do Governo Central.

Para o futuro e com um governo totalmente renovado, Chui Sai On prometeu continuar a actuar tendo em conta as necessidades da população em áreas tão diversas como a saúde, educação, segurança social e “fazer face” às exigências do desenvolvimento estável” através da diversificação económica, formação de quadros e mais informação sobre a China. ■

A nova liderança de Macau

Uma equipa experiente, tecnocrata e maioritariamente bilingue. A RAEM é desde 20 de Dezembro liderada por um executivo renovado. Chui Sai On substituiu oito dos nove titulares dos principais cargos governativos e insuflou sangue novo também no Ministério Público. A aposta do Chefe do Executivo é clara: quadros experientes e qualificados para fazer frente aos novos e velhos desafios

“UMA EQUIPA com espírito inovador, capaz de injectar um novo dinamismo à governação do território.” Foi com estas palavras que Chui Sai On apresentou os membros do elenco governativo que ao longo dos próximos cinco anos estará ao leme dos destinos da RAEM.

O Chefe do Executivo deu a conhecer no início de Dezembro os novos titulares dos principais cargos quer do IV Governo da RAEM, quer do Ministério Público. Se na Procuradoria-Geral a substituição de Ho Chio Meng ao fim de 15 anos era aguardada, no Executivo as alterações promovidas por Chui Sai On e sancionadas pelo Governo Central atingiram o alcance de uma “quase” revolução. Chui, que iniciou a 20 de Dezembro o seu segundo e último mandato de cinco anos como líder do Executivo, conduziu uma remodelação exaustiva. Apenas Ho Veng On, que ocupou durante os últimos cinco anos o cargo de Comissário da Auditoria, transitou para o novo governo.

Dos oito novos dirigentes da RAEM, apenas o substituto de Francis Tam Pak Yuen na pas-



ta da Economia e Finanças, Lionel Leong Vai Tac, não domina a língua portuguesa. O empresário, que soube contornar com agilidade o declínio da indústria têxtil de Macau, é ainda responsável por uma outra excepção: é o único membro do IV Governo requisitado ao sector privado. A esmagadora maioria dos novos titulares dos principais órgãos apresenta



uma longa folha de serviço nas fileiras da administração pública, tendo dedicado parte substancial da carreira à gestão da causa comum. Exceção feita a Lionel Leong, todos os secretários integram há mais de duas décadas os quadros da função pública do território.

Chui Sai On salientou que durante os próximos cinco anos a nova equipa irá dar con-

tinuidade ao trabalho desenvolvido durante os 15 primeiros anos de vida da RAEM. Definindo os novos titulares dos principais cargos públicos como “personalidades com grande experiência”, o Chefe do Executivo acredita que eles vão dar o seu contributo à gestão da causa pública com uma abordagem inovadora e uma dinâmica renovada. ■



Secretária para a Administração e Justiça
SONIA CHAN HOI FAN,
VERSATILIDADE E EXPERIÊNCIA AO LEME DA ADMINISTRAÇÃO

Num elenco governativo maioritariamente constituído por homens, a pasta da Administração e Justiça irá continuar nas mãos de uma mulher. Sonia Chan Hoi Fan foi confirmada no cargo desempenhado por Florinda Chan ao longo dos primeiros 15 anos de vida da RAEM e, a exemplo do que sucedia com a sua antecessora, não falta a Chan Hoi Fan conhecimento de causa no que diz respeito à dinâmica interna dos serviços públicos do território.

Antes de assumir, em 1999, a tutela da justiça e da função pública, Florinda Chan contabilizava 25 anos de experiência nos meandros da máquina administrativa. O percurso de Sonia Chan Hoi Fan enquanto funcionária pública não é tão vasto, mas é mais eclético: desempenhou funções em três instâncias diferentes, antes de assumir em Abril de 2007 as funções de primeira coordenadora do Gabinete para a Protecção de Dados Pessoais.

Nascida na Província de Guangdong em Dezembro de 1964, completou uma licenciatura em Direito pela Universidade Sun Yat-Sen em 1986. Uma década depois, em 1996, concluiu

uma pós-graduação em Direito Penal pela Universidade Popular da China. Foi também em Direito Penal que obteve em 2000 o grau de mestre na mesma instituição.

Quando concluiu o mestrado, já se movimentava há quase uma década nos meandros da função pública. De 1994 a 1998, liderou a divisão de Registo Criminal da Direcção dos Serviços de Identificação e entre 1998 e 2010 assumiu o cargo de subdirectora dos Serviços de Identificação, estatuto que acumulou durante três anos – entre 2007 e 2010 – com as tarefas de coordenação do Gabinete para a Protecção de Dados Pessoais, organismo que dirigiu até 20 de Dezembro de 2014.

Casada, com dois filhos, desempenhou ainda funções como conselheira legal junto da Direcção de Serviços de Educação e Juventude, exercendo até recentemente o cargo de vogal da direcção da Associação Promotora da Instrução Pós-Secundária de Macau. A nova secretária ajudou a criar a Associação das Funcionárias Públicas de Macau, organismo a que presidiu durante oito anos, entre 1999 e 2007.



Secretário para a Economia e Finanças
LIONEL LEONG,
O EMPRESÁRIO COM TOQUE DE MIDAS

O recuo nas receitas geradas pelas operadoras de jogo premedita um reajustamento do mercado e Lionel Leong Vai Tac, de 52 anos, é o homem em quem Chui Sai On deposita confiança para recolocar sobre os eixos a economia. Proveniente do sector privado, a exemplo do que sucedia com o seu antecessor no cargo, Lionel Leong é um dos mais bem-sucedidos empresários de Macau, tendo desempenhado funções em vários organismos públicos. Com uma influência política crescente, foi um dos poucos empreendedores do território a conseguir contrariar a lenta agonia da indústria têxtil, ao converter as unidades industriais que possuía numa das maiores e mais avançadas lavandarias do mundo.

Nascido em 1962 no seio de uma família humilde – o pai era veterinário nos quadros do antigo Leal Senado – com raízes na Província de Guangdong, concluiu em 1983 uma licenciatura em matemática pela Universidade canadiana de Waterloo e regressou no mesmo ano a Macau para exercer funções numa empresa do sector têxtil. Em 1987, com 25 anos, tornou-se empresário, ao adquirir uma pequena unidade fabril em dificuldades financeiras. A Companhia Sang Seng empregava na altura pouco mais do que 30 funcionários, mas 12 anos bastaram para transformar a empresa num dos maiores activos industriais de Macau: em 1999

o conglomerado dava emprego a quase um milhão de operários e produzia anualmente três milhões de peças de vestuário que exportava para países como o Japão, os Estados Unidos, a Alemanha, o Canadá, a Coreia do Sul ou Singapura. Com o irromper da crise financeira internacional, os desafios com que o sector têxtil se confrontava acentuaram-se e em 2009 Leong Vai Tac reinventou-se como empresário, ao criar em Coloane uma das maiores lavandarias industriais do mundo.

Casado, com três filhos, tido como próximo do primeiro Chefe do Executivo, Edmund Ho, Leong Vai Tac potenciou ao longo da última década e meia um destacado perfil político. No domínio público, o novo Secretário para a Economia e Finanças foi assumindo ao longo dos anos cargos de enorme projecção, quer em Macau, quer junto da hierarquia da República Popular da China. Líder dos representantes da RAEM junto do 12.º Comité Nacional da Conferência Consultiva do Povo Chinês, membro do Conselho Executivo e vice-presidente da influente Associação Industrial de Macau, é ainda vice-presidente do Conselho Consultivo do Ambiente e teve um papel preponderante na fundação, em 1997, do Centro de Pesquisa Estratégica para o Desenvolvimento de Macau, um dos mais influentes *think tanks* do território.



Secretário para a Segurança
WONG SIO CHAK,
MÉTODO E DILIGÊNCIA NO COMBATE AO CRIME

Cresceu a ouvir articular os fonemas de cum dos mais conservadores e arcaicos dialectos falados no sul da China – o Teo-chew – e a ecléctica infância passada na região de Jieyang, na Província de Guangdong, acabaria por embalar Wong Sio Chak para uma carreira versátil e cosmopolita. Nascido em Setembro de 1968, obteve uma licenciatura em Direito pela Universidade de Pequim em 1990 e entre 1991 e 1993 deu continuidade aos estudos, ao cursar português e Direito na Universidade de Coimbra na qualidade de bolseiro de Macau. Completou a seguir uma pós-graduação na Universidade de Macau, tendo entrado ao serviço da Polícia Judiciária em Fevereiro de 1994. Desempenhou o cargo de técnico-superior na polícia de investigação até Dezembro do mesmo ano, tendo exercido depois durante 11 meses as funções de conselheiro judicial. Entre 1995 e 1997, foi um dos funcionários da Polícia Judiciária que tomaram parte no programa de formação de magistrados lançado pela administração portuguesa e promovido pelo Centro de For-

mação Jurídica e Judiciária. Concluído o programa de Formação de Magistrados Judiciais e do Ministério Público, foi nomeado para o cargo de procurador do Ministério Público junto do Tribunal Judicial de Base, antes de ocupar, em 1998, o cargo de director-adjunto da polícia de investigação. Em Dezembro de 1999, começou a desempenhar funções como director-substituto da Polícia Judiciária. Em Março de 2000, foi nomeado procurador-adjunto e em Novembro do mesmo ano ascendeu ao topo da hierarquia da polícia de investigação, ocupando até ao final do último ano o cargo de director daquela força policial. O extenso mandato de quase uma década e meia à frente dos destinos da Polícia Judiciária ficou pautado pela modernização das instalações e dos métodos de investigação adoptados pela organização. Presidente honorário da Associação Cultural e Policial Kuan Tai, Wong Sio Chak substituiu a 20 de Dezembro Cheong Kuok Va na liderança da Secretaria para a Segurança. É casado, com duas filhas.



Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura
ALEXIS TAM,
O AMIGO DE PORTUGAL

Nascido no Myanmar, Alexis Tam Chon Weng assume aos 51 anos a pasta dos Assuntos Sociais e Cultura, depois de no último elenco governativo ter sido o rosto e a voz do Executivo. Filho de um comerciante de ouro, emigrou para Macau era ainda uma criança, na sequência das perseguições de que as comunidades chinesas radicadas no Myanmar foram alvo. O pai possuía várias ourivesarias em Yangon e deixou os negócios para trás para recomeçar a vida em Macau.

Católico, Alexis Tam completou a instrução primária numa escola administrada pela irmãs da Sagrada Família, fez o ensino secundário na Escola Pui Ching e no início da década de 80 partiu para Taiwan para estudar gestão de empresas na Universidade Nacional de Chengchi. Regressado a Macau, trabalhou durante alguns meses numa instituição bancária, mas a ligação à banca acabou por não vingar. Acabou por embarcar numa nova aventura menos de um ano depois, rumando a Lisboa com uma bolsa de estudos. Em Portugal, obteve o diploma do nível superior de Cultura e Língua Portuguesa, um diploma em gestão de Recursos Humanos e uma pós-graduação em Gestão Estratégica, ministrada pela Universidade Católica. A estadia na capital portuguesa acabaria por lhe mudar a vida: em Lisboa, conheceu Maria da Conceição, a mulher com quem viria a casar. O casal tem duas filhas, com 17 e 15 anos de idade.

No Verão de 1989, ingressou no Serviços de Estatística e Censos tornando-se o primeiro funcionário de origem chinesa a assumir a função de director-adjunto. A ligação à DSEC acabaria por ser interrompida ao fim de pouco mais de um ano, com Alexis Tam a rumar uma vez mais ao estrangeiro para frequentar, em Glasgow, um mestrado em administração de empresas. No regresso a Macau, é convidado pelo então secretário-adjunto Jorge Rangel a integrar os Serviços de Administração e Função Pública.

Dirigiu durante dois anos a Escola Superior de Administração e Ciências Aplicadas do Instituto Politécnico de Macau, foi coordenador do Gabinete de Apoio ao Ensino Superior e presidente da comissão de fiscalização do Fundo de Segurança Social, antes de ter sido convidado, em 1999, a chefiar o gabinete do então secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, Chui Sai On. Em 2009, com a ascensão de Chui Sai On à liderança do governo, Tam tornou-se, primeiro, chefe de gabinete do Chefe do Executivo, e depois porta-voz do Governo. Fluente em português, é próximo quer da comunidade portuguesa quer do governo de Lisboa e uma tal proximidade é vista como um importante trunfo. Em Junho de 2014 foi distinguido pelo presidente português, Aníbal Cavaco Silva, com a comenda da Ordem do Infante D. Henrique pelo esforço desenvolvido na consolidação da língua e da cultura portuguesas em Macau.



Secretário para as Obras Públicas e Transportes
RAIMUNDO ARRAIS DO ROSÁRIO,
O REGRESSO A CASA

Movimenta-se com o mesmo à-vontade entre mestres-de-obra e a nata da diplomacia mundial e regressa a Macau após 15 anos de importante trabalho “embaixatorial” para assumir a supervisão daquela que é, porventura, a mais exigente das pastas de governação, a das Obras Públicas e Transportes. Durante os 15 primeiros anos de vida da RAEM, o macaense, de 58 anos, foi o rosto de Macau na Europa, ao liderar a Delegação Económica e Comercial do território em Lisboa e ao desempenhar as funções de representante permanente de Macau junto da União Europeia. A conjugação de funções levou-o a viajar ostensivamente entre Lisboa, Bruxelas e Genebra, cidade onde está sediada a Organização Mundial do Comércio. Sem gozar institucionalmente do estatuto de “embaixador”, desempenhou ao longo da última década e meia o papel de um diplomata hábil, habituado a lidar com tudo o que diz respeito à imagem de Macau fora de portas.

Nascido em Macau em Agosto de 1956, licenciou-se aos 22 anos em engenharia civil pela Universidade do Porto, tendo-se posteriormente especializado em mecânica de solos. Depois

de ter estagiado no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, voltou a Macau em finais da década de 70, ingressando na função pública como técnico superior na repartição de Obras Públicas e Transportes, organismo que veio a liderar entre 1987 e 1990. Desempenhou por inerência funções na Comissão de Terras e em 1991 foi convidado pelo último Governador de Macau, Vasco Rocha Vieira, para ocupar o lugar de deputado no hemiciclo. Integrou ainda o Comité de Redacção da Lei Básica da RAEM e a equipa que esteve na origem da própria RAEM.

Casado, com dois filhos, Raimundo do Rosário foi convidado em 2000 pelo primeiro Chefe do Executivo, Edmund Ho, para liderar a representação de Macau em Lisboa, um cargo de enorme prestígio e responsabilidade, tendo em conta os vínculos seculares existentes entre Portugal e Macau. Enquanto director da Delegação Económica e Comercial de Macau em Lisboa, foi responsável pelos trâmites de cooperação bilateral entre Lisboa e o Palácio da Praia Grande, assumindo protagonismo nos trabalhos de preparação de vários acordos comerciais e culturais.



Comissário Contra a Corrupção
ANDRÉ CHEONG VENG CHON,
A PERSEVERANÇA NO COMBATE À CORRUPÇÃO

Nascido em Pequim em Setembro de 1966, André Cheong licenciou-se em Humanidades e Letras pela Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim e no início da década de 90 instalou-se em Macau para cursar Direito na Universidade de Macau.

Desempenhou funções na Fundação Macau entre 1991 e 1996. Fluente em português, foi nomeado para o cargo de director-adjunto da Direcção de Registos e Notariado em 1996, ao fim de pouco mais de meio ano de serviço na função pública. Um ano depois, assumiu o cargo de director da Conservatória do Registo Predial. Depois de ter ocupado vários cargos ao longo dos anos em que esteve com a direc-

ção dos Serviços de Justiça, alcançou o topo da hierarquia em 2000, como director do organismo, quando a Direcção dos Serviços de Justiça se transformou em Direcção de Serviços de Assuntos Jurídicos. Enquanto responsável máximo pela Direcção dos Serviços de Assuntos de Justiça, foi um dos principais intervenientes na regularização dos contratos de prestação dos serviços de televisão por cabo e de prestação dos serviços públicos de transportes colectivos. Ao longo da última década e meia, presidiu também à Comissão de Apoio Judiciário e integrou quer o Conselho Consultivo para a Reforma da Administração Pública, quer o Conselho Consultivo da Reforma Jurídica.



Comissário da Auditoria
HO VENG ON,
DE PEDRA E CAL ENTRE CÁLCULOS E CONTAS

Ho Veng On, o único alto dirigente que acompanha Chui Sai On na transição para o novo governo, fez carreira na Direcção de Serviços de Administração e Função Pública, tendo alcançado o cargo de vice-director do organismo. Nascido em Macau em Junho de 1962, foi assessor do então secretário-adjunto para a Administração, Educação e Juventude, Jorge Rangel, e consultor na então repartição dos Serviços de Educação e Juventude, antes de ser convidado pela último Governador de Macau, Vasco Rocha Vieira, para ajudar a preparar e a consolidar o gabinete do primeiro Chefe do Executivo da RAEM, Edmund Ho. Foi chefe de gabinete de Edmund Ho, desempenhando em simultâneo os cargos de secretário do Conselho Executivo, de representante do governo junto da administração da TDM e de responsável pela gestão dos interesses do território no seio do Grupo de Ligação de Cooperação entre

Guangdong e Macau. Em 2009, foi promovido a Comissário da Auditoria, cargo em que se manteve com a entrada em funções do IV Governo da RAEM.

Na década de 1980 concluiu o curso do magistério em língua portuguesa, tendo completado um curso em tradução da agora extinta Escola de Técnicas de Tradução da antiga Direcção dos Assuntos Chineses. Licenciado em Administração Pública pela Universidade de Macau e com um mestrado em Relações Internacionais pelo Instituto Nacional de Administração da China, foi professor de tradução na Direcção dos Assuntos Chineses e no Instituto Politécnico de Macau. Membro fundador da Associação dos Licenciados em Administração Pública, foi vice-presidente deste organismo entre 1993 e 2009, ajudando ainda a formar a Associação de Tradutores do território e a Associação dos Antigos Alunos da Universidade de Macau.



Comandante-Geral dos Serviços de Polícia Unitários
MA IO KUN,
DETERMINAÇÃO E EXPERIÊNCIA NA ADMINISTRAÇÃO DAS POLÍCIAS

Nascido em Macau em Fevereiro de 1963, o novo Comandante-Geral dos Serviços de Polícia Unitários (SPU) substituiu no final de Janeiro do ano passado Lei Sio Peng à frente dos destinos da Polícia de Segurança Pública e em menos de um ano ascendeu ao topo da hierarquia, substituindo o macaense José Proença Branco na liderança dos Serviços de Polícia Unitários. Foi admitido, no início da década de 1980, na Escola Superior das Forças de Segurança de Macau, tendo obtido uma licenciatura em Ciências Policiais. Em 1983, integrou a Polícia de Segurança Pública. Completou o curso de Comando e Liderança ministrado pela academia de polícia e em 1996 foi convidado para assumir o cargo de Comissário de Instrução da Escola Superior das Forças de Segurança, instituição que acabaria por vir a dirigir um ano depois.

Em 1998 assumiu funções como chefe do Departamento de Trânsito do Corpo de Polícia de Segurança Pública, permanecendo no cargo até 2001, ano em que foi nomeado para o cargo de número dois da hierarquia da Polícia de Segurança Pública. Durante os sete anos em que coadjuvou Lei Sio Peng foi por várias vezes distinguido pelos serviços prestados às forças policiais do território, recebendo das mãos de Edmund Ho a Medalha de Mérito Profissional.

Em Abril de 2010, Ma Io Kun foi promovido a adjunto de José Proença Branco nos Serviços de Polícia Unitários, assumindo funções como responsável pelo Centro de Análise de Informações, a unidade de contra-espionagem dos SPU. Prestou funções nos Serviços de Polícia Unitários até ao final do mês de Janeiro do ano passado, quando regressou ao Corpo de Polícia de Segurança Pública para liderar aquela força policial.



Directora dos Serviços de Alfândega
LAI MAN WA,
OLHAR ATENTO NAS FRONTEIRAS

Antes de ingressar nas fileiras das forças de segurança, em meados da década de 1980, trabalhou como funcionária numa agência de importação e de exportação, foi desenhadora num atelier de arquitectura e vendeu bilhetes de avião e pacotes de férias numa agência de viagens. Lai Man Wa é o único rosto do novo governo a protagonizar uma promoção directa no seio do organismo em que desempenhava funções, substituindo a 20 de Dezembro o seu superior Choi Lai Hung à frente dos destinos dos Serviços de Alfândega.

Nascida em Macau em Janeiro de 1959, inscreveu-se em 1984 na Escola Superior das Forças de Segurança, tendo participado num programa de

treino intensivo que a levou a integrar, um ano depois, a Polícia Marítima. Em Outubro de 1990, já depois de ter concluído uma licenciatura em Ciências Policiais, foi promovida a inspectora. Em Março de 1999 assumiu o cargo de vice-directora da então Polícia Marítima e manteve o estatuto de número dois do organismo com a transformação daquela força policial na Direcção de Serviços de Alfândega. Desde que foi integrada, há três décadas, nas fileiras das Forças de Segurança, foi aprofundando competências em diferentes metodologias de investigação, contribuindo de forma preponderante para a organização de um sistema de acompanhamento contínuo da actividade criminal.



Procurador-Geral do Ministério Público
IP SON SANG,
UM NOVO FÔLEGO NA PROCURADORIA

Oriundo da cidade de Yangjiang, na Província de Guangdong, onde nasceu em 1964, concluiu o curso de Direito na Universidade Sun Yat-sen em 1987, seguido de uma pós-graduação em Direito Internacional. No início da década de 1990, foi seleccionado pelo gabinete do último Governador de Macau para estudar português e direito na Universidade de Coimbra. Permaneceu em Portugal entre 1991 e 1993 e no regresso assumiu funções como jurista na Direcção dos Serviços de Estatística e Censos. Em Maio de 1995 foi destacado para a Direcção dos Serviços de Assuntos Laborais, onde cumpriu durante pouco mais de seis meses as funções de jurista, antes de assumir o estatuto de conselheiro judicial. Em 1998 concluiu o curso de forma-

ção de magistrados ministrado pelo Centro de Formação Jurídica e Judiciária, e no mesmo ano iniciou funções como procurador do Ministério Público. Em 1999, concluiu um mestrado em Direito Internacional Público, e assumiu o cargo de juiz no Tribunal Judicial de Base. Em Janeiro de 2011, foi nomeado presidente do colectivo de juizes do tribunal de primeira instância da RAEM. Em 2012 foi convidado para presidir também ao Tribunal Administrativo, vindo ainda posteriormente a assumir funções como presidente da Comissão de Assuntos Eleitorais da 5.ª Assembleia Legislativa, sendo responsável pela coordenação do acto eleitoral que elegeu uma boa parte dos deputados que integram actualmente o hemiciclo.

MEDALHAS E TÍTULOS HONORÍFICOS

50 méritos reconhecidos



Em ano de celebração do 15.º aniversário da RAEM, o Governo distinguiu 50 personalidades e organizações com 36 medalhas e 14 títulos honoríficos, mais 10 do que em 2013. Vitor Ng, antigo presidente da Fundação Macau, recebeu a medalha de honra Lótus de Ouro, enquanto Candice Chio Ngan Ieng, vice-presidente da Associação Geral das Mulheres de Macau, foi agraciada com a medalha de honra Lótus de Prata

HONRA LÓTUS DE OURO



Vitor Ng

HONRA LÓTUS DE PRATA



Candice Chio Ngan Ieng

MÉRITO PROFISSIONAL



Liu Chung Laung

MÉRITO PROFISSIONAL



João Augusto da Rosa

MÉRITO PROFISSIONAL



Mário Évora

MÉRITO INDUSTRIAL E COMERCIAL



Ung Choi Kun

MÉRITO INDUSTRIAL E COMERCIAL



Ip Kai Ming

MÉRITO INDUSTRIAL E COMERCIAL



Un Chong San

MÉRITO INDUSTRIAL E COMERCIAL



Kevin Ho King Lun

MÉRITO TURÍSTICO



Air Macau

MÉRITO TURÍSTICO



Hoi Man Pak

MÉRITO TURÍSTICO



Lao Nga Wong

MÉRITO TURÍSTICO



Grupo Future Bright

MÉRITO EDUCATIVO



Tse Chi Wai

MÉRITO EDUCATIVO



Vu Hon In

MÉRITO EDUCATIVO



Hoi Soi Kuai

MÉRITO EDUCATIVO



Tam Wai Chan

MÉRITO CULTURAL



TDM - Teledifusão de Macau

MÉRITO CULTURAL



Lao Hua

MÉRITO CULTURAL



Ricardo Pinto

MÉRITO CULTURAL



Lio Kuok Man

MÉRITO ALTRUÍSTICO



Equipa do Hospital de Dia do Centro Hospitalar Conde de São Januário

MÉRITO ALTRUÍSTICO



Arlene Trant

MÉRITO ALTRUÍSTICO



Isabel Marreiros

MÉRITO DESPORTIVO



Pun Keng Man

MÉRITO DESPORTIVO



Sam Kei

VALOR



Divisão de Investigação e Combate
ao Tráfico de Estupefacientes da
Polícia Judiciária

VALOR



Socorristas das Divisões de
Operações e de Ambulâncias do
Corpo de Bombeiros

DEDICAÇÃO



José Chu

DEDICAÇÃO



Chan Wai Pan

DEDICAÇÃO



Fong Iek Seng

DEDICAÇÃO



Au Ning Kin

DEDICAÇÃO



Leong Kok Kin

SERVIÇOS COMUNITÁRIOS



Lam Sut Peng

SERVIÇOS COMUNITÁRIOS



Chan Sun Tao

SERVIÇOS COMUNITÁRIOS



Pau Soi leng

TÍTULO HONORÍFICO DE VALOR



Choi Sut lan

TÍTULO HONORÍFICO DE VALOR



Chao Man Hou

TÍTULO HONORÍFICO DE VALOR



Equipa de Saltos para a Água

TÍTULO HONORÍFICO DE VALOR



Li Yi

TÍTULO HONORÍFICO DE VALOR



Huang Junhua

TÍTULO HONORÍFICO DE VALOR



Cheung Pui Si

TÍTULO HONORÍFICO DE VALOR



Paula Carion

TÍTULO HONORÍFICO DE VALOR



Liu Qing

TÍTULO HONORÍFICO DE VALOR



Wang Junnan

TÍTULO HONORÍFICO DE VALOR



Chan Ian Weng

TÍTULO HONORÍFICO DE VALOR



Lo Kin lan

TÍTULO HONORÍFICO DE VALOR



Cheong Wai Hang

TÍTULO HONORÍFICO DE VALOR



Chao Koi Wang

TÍTULO HONORÍFICO DE PRESTÍGIO



Li Pak Ho

BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: www.bnu.com.mo

O **Banco Nacional Ultramarino** é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大西洋銀行



— Desde 1902 —

Ponte para o futuro

 FÁTIMA VALENTE

A paisagem e economia de Macau já são marcadas por pontes, mas a futura ligação Hong Kong–Zhuhai–Macau não só vai alterar a imagem da cidade, como dar passos de gigante na integração das três regiões do sul da China





A IDEIA é antiga e começou a ser estudada nos anos 1980. Hoje, o projecto – de que o empresário de Hong Kong Gordon Wu foi o grande entusiasta – desafia os olhos de quem apanha um *ferry* no aeroporto de Hong Kong, mas também emerge do Delta do Rio das Pérolas na zona norte de Macau, e do outro lado da fronteira, em Zhuhai. “Esta ponte é muito importante para Macau. Vai facilitar os transportes e minimizar o tempo de viagem, fazendo com que as três regiões fiquem integradas economicamente na mesma plataforma”, diz Addy Chan, vice-presidente da Associação dos Engenheiros de Macau. “Depois desta ligação, a economia vai crescer ainda mais”, vaticina o engenheiro.

Além dos desenvolvimentos na economia de Macau, incluindo nos sectores do turismo, convenções e exposições, o Gabinete para o Desenvolvimento de Infra-estruturas de Macau (GDI) destaca a dinâmica que a futura ponte deverá dar ao comércio externo da China, com a “abertura das regiões ocidentais de Guangdong a todo o mundo, incluindo o transporte dos seus produtos aos mercados da União Europeia, países de língua portuguesa e Sudeste da Ásia”, refere o gabinete. “Macau e Zhuhai podem criar conjuntamente

“ É MUITO INTERESSANTE E UM CASO RARO NO MUNDO, PORQUE A MAIOR PARTE DAS LIGAÇÕES É ENTRE CIDADES E NÃO ENTRE DIFERENTES REGIÕES”

**ADDY CHAN, VICE-PRESIDENTE
DA ASSOCIAÇÃO DOS
ENGENHEIROS DE MACAU**

te uma plataforma de serviços económicos e comerciais destinados à Província de Guangdong, na estratégia de desenvolvimento coordenado das regiões do Grande Delta do Rio das Pérolas.”

Desafios na construção

Conhecida pelo *design* em forma de “Y”, a Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau era, à data em que foi apresentada, apenas superada em comprimento pela travessia sobre o lago Pontchartrain, nos Estados Unidos. No imaginário

GCS



colectivo ficou a ideia de que quando estiver concluída, em 2017, vai ser a maior travessia em número de quilómetros na China, o maior investimento, e o mais complexo túnel a atravessar o mar. “É uma grande distância. A ponte principal tem 29 quilómetros, mas no total das ligações estamos a falar em mais de 50 quilómetros”, aponta Addy Chan.

Além da distância, as características da navegação do Delta do Rio das Pérolas e outras condicionantes como a proximidade do aeroporto de Hong Kong somaram desafios à construção da grande obra, cujo *design* tem uma esperança de vida estimada em 120 anos. Os cálculos necessariamente tiveram de equacionar “alguns pontos críticos” como a intensidade dos ventos – em épocas de tufão, mas também durante o Inverno –, e eventuais abalos sísmicos, acrescenta o engenheiro.

Uma das mais complexas partes da construção corresponde ao túnel subaquático, que irá ligar as duas ilhas artificiais nas extremidades leste e oeste e atravessar os canais de navegação, respectivamente, de Ling Ding Oeste e de Tong Gu. O túnel foi a solução encontrada para fazer face aos limites de construção em altura junto ao aeroporto de Hong

A TRAVESSIA EM NÚMEROS

PERCURSO TOTAL
55 KM

FAIXAS DE RODAGEM
6 (TRÊS EM CADA SENTIDO)

VELOCIDADE MÁXIMA
100 KM/HORA

PRIMEIRA PEDRA
15 DE DEZEMBRO DE 2009

DATA PREVISTA DE CONCLUSÃO
2017

Fonte: Gabinete para o Desenvolvimento de Infra-estruturas (GDI)





“ ASSIM QUE A PONTE ESTIVER CONCLUÍDA, VAMOS TESTEMUNHAR A CONCRETIZAÇÃO DE UMA MEGACIDADE INTEGRADA FORMADA PELOS CENTROS COSMOPOLITAS TRIPARTIDOS DE HONG KONG, MACAU E CANTÃO. ESTE TIPO DE INTEGRAÇÃO VAI SER SEMELHANTE AO DA BAÍA DE SÃO FRANCISCO E AS ÁREAS DE NOVA IORQUE E NOVA JERSEY”

LEONARDO DIOKO, DIRECTOR DO CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DE TURISMO IFT

Kong e também para permitir a passagem dos navios de grande porte.

Os desafios estendem-se também a outras áreas, sendo, por exemplo, fazer alterações no tráfego na saída junto a Macau, uma vez que tanto nesta região como em Hong Kong conduz-se pela esquerda, mas na China é pela direita. “É muito interessante e um caso raro no mundo, porque a maior parte das ligações é entre cidades e não entre diferentes regiões”, frisa o engenheiro.

Plataforma para o mundo

A superação das dificuldades da obra vai reduzir a distância por estrada entre Hong Kong e Macau das actuais quatro a cinco horas para cerca de 30 minutos, com estimados benefícios para as três regiões.

No caso de Macau, Addy Chan sublinha as vantagens da ponte para a dinamização dos projectos em Hengqin (Ilha da Montanha), como o parque industrial e de tecnologia de medicina tradicional chinesa, além de projectos de turismo e logística. “Vai ser necessário escoar os produtos da Ilha da Montanha para o exterior, pelo que a minimização dos custos e tempo é uma mais-valia para fazê-los chegar ao terminal

de contentores de Hong Kong”, sublinha o vice-presidente da Associação dos Engenheiros.

Por outro lado, Addy Chan defende que a futura travessia é uma oportunidade para o aeroporto de Macau. “A capacidade actual do aeroporto de Hong Kong está perto do limite, não pode ter muito mais companhias de baixo custo. Mas se o tempo de viagem entre Hong Kong e Macau for reduzido para meia hora, Macau pode ser aproveitada para desenvolver os voos de curta duração.”

Algumas vozes referem que a infraestrutura será sobretudo usada por autocarros turísticos e para o transporte de pessoal e mercadorias. No caso de Macau, adianta o engenheiro, deverão também ser equacionadas ligações ao Metro Ligeiro e serviços de autocarros, de forma a evitar que mais veículos entrem na região e criem maiores congestionamentos no tráfego.

Já Leonardo Dioko, director do Centro de Investigação de Turismo do Instituto de Formação Turística de Macau (IFT), estima que os desafios no turismo não sejam muito diferentes dos já criados pelo “intenso e rápido crescimento nos últimos anos” na região. “Vai registar-se um aumento de tráfego – tanto em termos de transportes como em número de pessoas – mas, ao



mesmo tempo, a ponte vai facilitar o fluxo entre cidades. Por exemplo, os que viajam de Hong Kong para o oeste da República Popular da China, podem fazê-lo sem passar por Macau”, adianta o investigador, ressaltando, no entanto, a necessidade de “um bom planeamento do turismo, gestão e monitorização *in loco*, sobretudo durante as alturas de maior tráfego”.

Para Leonardo Dioko, a principal mais-valia da ponte é a de facilitar o trânsito e a circulação de pessoas de e para Macau e Zhuhai, por um lado, e para leste (Hong Kong e Shenzhen), por outro, contribuindo para aliviar “os congestionamentos nos terminais de *ferry* entre

Hong Kong e Macau, assim como nas fronteiras terrestres entre Macau e Zhuhai”. Depois há as vantagens da redução do tempo e conforto na travessia, mas ainda “é preciso saber qual o preço que os viajantes estão dispostos a pagar por essa conveniência e rapidez”.

Quanto à integração regional, o docente não tem dúvidas: “Assim que a ponte estiver concluída, vamos testemunhar a concretização de uma megacidade integrada formada pelos centros cosmopolitas tripartidos de Hong Kong, Macau e Cantão. Este tipo de integração vai ser semelhante ao da Baía de São Francisco e as áreas de Nova Iorque e Nova Jersey.” ■







PORMENORES

Localização

Começa em San Shek Wan, na ilha de Lantau (Hong Kong), e atravessa o Delta do Rio das Pérolas até Zhuhai e Macau.

Trajecto

Os 55 quilómetros incluem a ponte principal (29,6 km) e os acessos a Hong Kong (12 km) e Zhuhai (13,4 km), este com termo previsto na zona de Hungwan. Parte da travessia será realizada debaixo de água, num túnel subaquático (6,7 km) que irá fazer a ligação entre duas ilhas artificiais, uma junto ao aeroporto internacional de Hong Kong e outra entre Zhuhai e Macau.

Infraestruturas

Projecto inclui postos fronteiriços e parques de estacionamento nas ilhas artificiais. No caso de Macau está também prevista uma zona de reserva para estação do Metro Ligeiro.

Obras

A execução das ilhas artificiais atingiu a última fase. A construção do túnel subaquático prossegue, depois de já terem sido instalados 12 dos 33 segmentos, cada um deles com 180 metros de comprimento.

Investimento

Os governos dos três territórios acordaram no investimento de 15,73 mil milhões de yuans como capital principal da futura travessia. O valor é participado em 35,1 por cento pela China, em 50,2 por cento por Hong Kong e em 14,7 por cento por Macau. Os restantes custos de construção são cobertos através de financiamentos por crédito.

Execução

A construção das estruturas principais da ponte é suportada conjuntamente pelas três partes, Guangdong, Hong Kong e Macau, enquanto as obras dos postos fronteiriços e acessos às três regiões são assumidas por cada uma das partes.

Fonte: Gabinete para o Desenvolvimento de Infra-estruturas (GDI)

**O CÉU
É O LIMITE**



T ALEXANDRA LAGES

Quatro décadas passaram desde que a China e o Brasil se tornaram parceiros comerciais. O sucesso é tremendo, mas ainda há muito por explorar. Empresas brasileiras falam na primeira pessoa e partilham as suas expectativas para o futuro

O BRASIL e a China comemoraram no ano passado quatro décadas de parceria comercial graças ao estabelecimento de relações diplomáticas em 1984. Dados da Confederação Nacional da Indústria do Brasil apontam que na última década a corrente de comércio entre os dois países aumentou dez vezes, o que faz do país sul-americano o terceiro principal parceiro mundial dos chineses. No universo lusófono, os brasileiros ocupam a liderança absoluta e, neste momento, a China é o sexto maior destino de investimentos das multinacionais brasileiras. Ainda assim, empresários e analistas brasileiros acreditam que ainda há muito potencial por explorar.

Em declarações à MACAU, o analista Santiago Bustelo, do Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC), diz que existem cerca de 80 empresas brasileiras presentes no mercado chinês, focadas sobretudo em três áreas de actuação: prestação de serviços, como escritórios de advocacia, consultorias de negócios, *tradings* e bancos; produção de manufacturas, e recursos naturais. A Petrobras, empresa estatal, insere-se nesta última categoria. Começou a estabelecer uma relação comercial de sucesso com a China há 14 anos: “Hoje, vendemos petróleo para os principais refinadores detentores de cotas de importação naquele mercado”, afirma Terezinha Santos, porta-voz da multinacional.

A procura de petróleo por parte da China “continuará a crescer nos próximos anos”, e por isso mesmo, a Petrobras “pretende participar activamente neste mercado, comercializando petróleo”, garante a porta-voz. A empresa brasileira possui outros parceiros internacionais, mas a China representa um dos principais destinos das exportações.

Dados compilados pelo Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Brasil mostram que no primeiro semestre de 2014 o Brasil exportou óleos brutos de petróleo para a China no valor de 1591 milhões de dólares norte-americanos, num total de 2398 toneladas. A Petrobras assinou acordos de cooperação com a chinesa Sinopec em 2004, no mesmo ano em que a firma brasileira inaugurou o seu escritório na China. O documento prevê a exploração conjunta de petróleo em águas profundas e o desenvolvimento de refinarias.

Em 2005, a Petrobras e a China National Petroleum Corporation (CNPC) assinaram um memorando de intenções para avaliar a viabilidade de uma parceria nas áreas de refino, ductos, exploração e produção de petróleo no Brasil, na China e em outras regiões do mundo. Actualmente, a companhia estatal brasileira é parceira da CNPC nos campos de pré-sal.

Apesar das relações com a China estarem a de-





correr de vento em popa, Terezinha Santos prevê alguns desafios para o futuro. “Há sinais de que o governo chinês venha a flexibilizar a regulamentação do sector de petróleo permitindo que pequenos e médios refinadores tenham direito a cotas de importação de petróleo. Caso isso aconteça, estaremos diante do desafio de desenvolver este novo segmento de mercado competindo com outros produtores de óleo.”

O petróleo ocupa o terceiro lugar na pauta de exportações brasileiras para a China, representando 6,7 por cento das vendas na primeira metade de 2014. Em primeiro lugar, com 50,2 por cento, está a soja, seguida do minério de ferro.

Momento de desenvolvimento

No sector dos serviços, a mais recente novidade foi a abertura da primeira agência do Banco do Brasil (BB) em Xangai, em Maio do ano passado. Sérgio Quadros, gerente da instituição na maior cidade chinesa, afirma que o objectivo “é actuar no fluxo de comércio entre o Brasil e a China, atendendo a empresas brasileiras que se estabelecem na China e empresas chinesas que estão investindo no Brasil, além de bancos chineses”. O balanço de quase um ano de abertura é positivo e o banco está a tentar tirar partido do crescente interesse de empresas brasileiras e chinesas de olho no comércio bilateral. “Somos especializados na participação em operações sindicalizadas e financiamento de investimentos fixos de empresas brasileiras na China. No Brasil, oferecemos várias linhas de crédito muito competitivas para auxiliar os investimentos das empresas chinesas no país”, refere.

Quando abriu portas, contava com 45 clientes dentre as cerca de 80 empresas brasileiras com negócios na China, mas o potencial de negócio ainda é grande. “O momento é de desenvolvimento e prospecção de oportunidades para apoiar a expansão do fluxo de comércio bilateral”, aponta Sérgio Quadros. Várias empresas chinesas que possuem negócios com o mercado brasileiro ou interesse em investir no

NUMA VISITA OFICIAL AO BRASIL REALIZADA EM JULHO DE 2014, O PRESIDENTE CHINÊS APRESENTOU OBJECTIVOS MUITO PARA ALÉM DA COOPERAÇÃO BILATERAL. APESAR DE JÁ TER GRANDES INVESTIMENTOS NA AMÉRICA LATINA, OS CHINESES QUEREM USAR O BRASIL COMO PLATAFORMA DE LANÇAMENTO PARA NOVOS PROJECTOS COM OS VIZINHOS LATINO-AMERICANOS

Brasil estão a abrir conta no BB Xangai. “A nossa previsão é de contínuo crescimento em razão das oportunidades que existem entre os dois países, aumento do fluxo de comércio, vinda de empresas brasileiras para a China e chegada de mais empresas chinesas ao Brasil”, afirma.

O Banco do Brasil é o primeiro banco da América Latina a abrir portas em território chinês. “Conhecemos muito bem o mercado brasileiro e podemos apoiar nossos clientes na China, porque já temos relacionamento de longo prazo no Brasil. Estamos aptos também a apoiar as empresas chinesas que estão se instalando no Brasil, ou que pretendem aumentar as suas vendas para o mercado brasileiro, com um amplo portefólio de produtos e serviços para oferecer.”

Num estudo que avaliou as exportações do Brasil para a China e o consumo do mercado chinês, a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (APEX) identificou um novo nicho de oportunidades na área agro-alimentar. Três quartos das exportações brasileiras concentram-se apenas na soja, e a agência aponta que o milho tem potencial para “tornar-se relevante na pauta das exportações” dado o crescente consumo na China. As carnes de porco, vaca e de frango, mel, vinho, cerveja, café e sumos de fruta são outros itens que devem captar a atenção dos empresários brasileiros.

Dificuldades pelo caminho

Um relatório do CEBC divulgado em 2012 aponta que são muitas as dificuldades encontradas

TOP DAS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS PARA A CHINA

1
APARELHOS ELÉCTRICOS PARA
TELEFONIA OU TELEGRAFIA
US\$ **1,4** MIL MILHÕES

2
PRODUTOS QUÍMICOS ORGÂNICOS
US\$ **1,01** MIL MILHÕES

3
APARELHOS E PARTES PARA
RÁDIO E TELEVISÃO
US\$ **910** MILHÕES

4
PARTES E ACESSÓRIOS PARA MÁQUINAS
E EQUIPAMENTOS MECÂNICOS
US\$ **742** MILHÕES

5
FERRO FUNDIDO, FERRO E AÇO
US\$ **656** MILHÕES

TOP DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS PARA A CHINA

1
SOJA
US\$ **12** MIL MILHÕES

2
MINÉRIOS DE FERRO
E SEUS CONCENTRADOS
US\$ **6,7** MIL MILHÕES

3
ÓLEOS BRUTOS DE PETRÓLEO
US\$ **1,6** MIL MILHÕES



pelos brasileiros para operar na China, como as diferenças culturais, a distância física, a falta de informações sobre o mercado chinês e de como entrar nele, a regulamentação de diversos sectores pelo governo local, as divergências estratégicas com parceiros locais e o não reconhecimento da China de práticas internacionais de respeito à propriedade intelectual.

Nesse sentido, o Banco do Brasil pretende oferecer produtos e serviços à medida das necessidades das empresas brasileiras para driblar estas dificuldades. “Acredito que o mesmo ocorra com as empresas chinesas que se instalam no Brasil, em especial no que tange a mercado e legislação, principalmente a tributária”, diz Sérgio Quadros.

Olhando para o futuro, o executivo entende que a China vai continuar a ser o principal parceiro comercial do Brasil e as relações comerciais vão aumentar ainda mais. “Isso tende a ocorrer não só pela importação de *commodities*, mas de outros produtos agregados. Vale citar, como exemplo, o interesse que vem sendo demonstrado pela China em relação à carne brasileira. Além disso, cada vez mais as em-



BALANÇA COMERCIAL EM 2014

EXPORTAÇÕES
 US\$ **23,9** MIL MILHÕES
 (+4%)

IMPORTAÇÕES
 US\$ **18,4** MIL MILHÕES
 (+5%)

SALDO
 US\$ **5,5** MIL MILHÕES
 (+2%)

CORRENTE
 US\$ **42,3** MIL MILHÕES
 (+4%)

PROJECTOS DE INVESTIMENTO CHINÊS NO BRASIL 2012-2013

ANUNCIADOS
7

CONFIRMADOS
24

VALOR DOS PROJECTOS

ANUNCIADOS
 US\$ **1,6** MIL MILHÕES

CONFIRMADOS
 US\$ **6,9** MIL MILHÕES

presas brasileiras enxergam a China como um mercado consumidor – e não somente exportador de manufacturados –, o que propicia o aumento na quantidade de empresas brasileiras em instalação na China,” afirma.

De acordo com o Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Brasil, o fluxo comercial entre o Brasil e a China totalizou, no ano de 2013, 83,3 mil milhões de dólares, reflectindo-se num aumento de 10 por cento em relação ao ano anterior. Foi ainda um recorde histórico, superando, em oito por cento, o antigo pico de 77,1 mil milhões registado em 2011.

A fabricante de aviões comerciais Embraer, que figura entre as líderes no mercado mundial, é uma das mais conhecidas empresas brasileiras actuautes da China que conseguiu superar barreiras e ganhar o seu espaço. A companhia inaugurou uma fábrica em 2002 e, após um período de dificuldades, retomou as actividades em 2012 por meio da assinatura de um acordo para o fabrico de jactos executivos – modelo Legacy 600/650 - usando infra-estruturas, recursos financeiros e mão-de-obra da *joint venture* Har-

Fonte: CEBC e Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Brasil

bin Embraer Aircraft Industry Co., Ltd. (HEAI). Segundo a Embraer, o mercado chinês é um dos mais importantes para a indústria aeronáutica e em mais de dez anos de operação, a empresa constituiu uma base sólida de clientes chineses, que incluem companhias como China Southern Airlines, China Eastern Airlines, Tianjin Airlines, Hebei e Henan Airlines Airlines.

Outra empresa brasileira que também investe na área de transportes na China é a Marcopolo, fabricante de carrocerias de autocarro instalada no sul do Brasil desde 1949. Em 2001, abriu uma fábrica de componentes na Província de Jiangsu, que abastece fabricantes de autocarros chineses e de outros países da Ásia. A aproximação com o governo chinês e a instalação no país foram importantes para romper as barreiras de exportação que empresa enfrentava.

Simplificar é preciso

Em 2006, o casal João Bonatto e Marianne Novaes reparou num número crescente de brasileiros interessados em importar produtos da China, e de chinesas com vontade de exportar para o Brasil. Por isso, decidiu criar uma empresa em Hong Kong - a Fama - que servisse de elo de ligação entre os dois lados, prestando assessoria a empresários. O café entrou na lista das prioridades quando João e Marianne repararam que o interesse dos consumidores chineses em relação à bebida estava a mudar. Criaram a empresa

Red Gold Coffee no ano passado e começaram a importar café directamente do produtor, que faz parte da família da dupla de empresários.

Marianne até está a completar um doutoramento em consumo na Universidade Sun Yat-Sen, e depois de já ter vivido em Hong Kong, Pequim e Shenzhen, não tem dúvidas em afirmar que há ainda muito trabalho a ser feito pelos brasileiros na China. “Quem tem olho grande não entra na China, já dizia um velho ditado. O mercado é muito grande e próspero, mas muito trabalho ainda deve ser feito”, diz o marido João.

Actualmente, a empresa Fama tem dez clientes brasileiros. Já no que diz respeito aos clientes chineses, é um segmento ainda a desenvolver. Contudo, segundo João Bonatto, a empresa já tem quatro clientes chineses a importar café. O empresário acredita que o volume de negócios entre a China e o Brasil poderia ter uma dimensão muito maior, e por isso apela aos governos de ambos os países para facilitarem os processos alfandegários para as pequenas e médias empresas.

O brasileiro acredita que Macau e Hong Kong têm uma palavra a dizer na melhoria das relações comerciais entre a China e o seu país. “Pode ser uma grande chance para Macau e Hong Kong conseguirem se identificar ainda mais com o comércio internacional entre os dois países, auxiliando ambas as partes, simplificando e estimulando o comércio entre os dois



NA ÚLTIMA DÉCADA O COMÉRCIO ENTRE OS DOIS PAÍSES AUMENTOU DEZ VEZES, O QUE FAZ DO PAÍS SUL-AMERICANO O TERCEIRO PRINCIPAL PARCEIRO MUNDIAL DOS CHINESES

países. Promovendo a facilidade de serem portos livres e desmistificando os processos.”

Neste momento, a empresa Fama está a desenvolver um projecto de energia solar e um portal onde os fabricantes chineses podem divulgar os seus produtos directamente para as regiões e clientes no Brasil. Os dois projectos deverão ser lançados em breve.

Plataforma para a América Latina

Após quatro décadas de relações comerciais, o Brasil procura agora atrair investimento chinês para o país, principalmente na área dos transportes e da logística. O presidente do CEBC, Sérgio Amaral, acredita que os dois países entraram numa nova fase de cooperação e de parcerias empresariais mais diversificadas. O Brasil pode beneficiar da experiência e tecnologia chinesas para actualizar infra-estruturas de transportes, entre outras.

Numa visita oficial ao Brasil em Julho do ano passado, o presidente chinês Xi Jinping apresentou objectivos muito para além da cooperação bilateral. Apesar de já ter grandes investimentos na América Latina, os chineses querem usar o Brasil como plataforma de lançamento para novos projectos com os vizinhos latino-americanos. O Chefe de Estado chinês propôs a criação de dois fundos, no valor de 25 mil milhões de dólares, e de uma linha de crédito especial de até 10 mil milhões para os países da América Latina e do Caribe. Durante a reunião com países da região, organizado em Brasília, o presidente chinês também propôs a criação do Fórum América Latina-Caribe e China, que deve reunir-se pela primeira vez este ano em Pequim.

Até então, a relação da China com a América Latina tem sido a de concentrar investimentos em áreas de matéria-prima, especialmente minério, mas sem associações com empresários locais e relações políticas mais profundas. A excepção tem sido o Brasil, com quem a coordenação tem sido maior, incluindo os projectos de cooperação, e onde o país tem aumentado os investimentos em parcerias. A intenção chinesa de usar o Brasil como plataforma pode ampliar os benefícios para os brasileiros, até a manutenção de mercados tradicionais do país na região, que poderiam ser perdidos se os chineses actuassem por conta própria. ■



LUSOFONIA 

JOÃO CABOZ SANTANA,
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO
INTERNACIONAL DAS COMUNICAÇÕES
DE EXPRESSÃO PORTUGUESA

“Os membros de Macau têm cada vez mais vantagens em fazer parte da AICEP”

T NUNO G. PEREIRA **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

Dirigente garante que a presença das entidades locais na associação lusófona de comunicações traz-lhes grandes benefícios, através das sinergias resultantes do contacto permanente com os mercados internacionais que falam português





Como define a importância da Associação Internacional das Comunicações de Expressão Portuguesa (AICEP) no universo da lusofonia?

A AICEP acompanha as comunicações lusófonas (Macau e os oito países de expressão portuguesa) há 25 anos, estudando a sua convergência no contexto de evolução e importância crescente do sector. Temos na nossa associação os operadores de correios e de telecomunicações, os respectivos reguladores e, desde o ano passado, também as televisões. Em qualquer economia as comunicações desempenham um papel fundamental. Sendo alguns dos países representados na nossa associação grandes motores de crescimento mundial, veja-se bem a importância que o sector tem, e cada vez mais terá, no seu desenvolvimento.

E onde entra a língua portuguesa, já que no sector das comunicações há uma presença avassaladora do inglês?

Tudo o que disse é relevante no mundo da lusofonia, na medida em que o português é também, a par das comunicações, um dos eixos estruturantes da nossa associação. É a quinta língua mais falada do mundo, a terceira na In-



ternet e a primeira no hemisfério sul. Portanto, os negócios – e neste caso as comunicações em português – têm um peso muito importante. Nesse pressuposto, se todos os países da lusofonia fossem uma só economia seria a quarta mundial, o que dá uma ideia da importância das comunicações da lusofonia como factor de coesão social e de criação de emprego nas respectivas economias.

Como é que a associação é motor da convergência das comunicações no espaço onde se fala português?



A acção da AICEP é sobretudo de estímulo ao desenvolvimento, com um vasto plano anual de actividades, presente nas diferentes geografias de onde são oriundos os cerca de 40 membros associados. Procuramos contribuir para o seu crescimento enquanto organizações fundamentais num sector de grande dinâmica, tendo por base as tecnologias de informação. Quanto mais trabalharmos nessa valorização, através de formação, *networking* e inserção em projectos de cooperação, mais lhes criamos competências. Esta é a nossa missão, contribuindo assim para a consolidação das comunicações em língua portuguesa.

De que forma é que associados com contextos tão diferentes podem encontrar uma união proveitosa para todos?

A AICEP tem uma característica singular: actua em geografias muito distintas, em diversas valências. E todos os membros aprendem uns com os outros, graças à partilha de experiências. Estas sinergias permanentes fazem com que os resultados sejam de grande criação de valor para cada associado. Haver países com um estado de evolução mais acentuada não é um problema, mas uma mais-valia para o exercício da actividade da AICEP. A troca de experiências é muito mais rica, aprendemos com os erros uns dos outros e valorizamos aquilo de bom que cada um está a fazer. No final do dia temos grandes resultados e saímos com muito mais competências.

Ao promover essas sinergias, a AICEP também gera negócio entre os seus membros?

Não é esse o objectivo da associação, mas pôr todos os envolvidos a falar entre si permite que desenvolvam parcerias. E é fantástico que surjam assim novas oportunidades de negócio.

Há muitos casos desses?

Sim, já há várias parcerias formadas.

Macau é uma porta privilegiada para os países de língua portuguesa entrarem na China. Como é que a AICEP olha para esta oportunidade?

Procura aproveitar da melhor forma possível. Macau tem representação na nossa associação desde 1996, através dos sectores postal (Correios de Macau) e de telecomunicações (CTM) e, desde 2013, da Direcção dos Serviços de Re-

LÍDERES REÚNEM EM MACAU

“Um Futuro em Rede: Oportunidades e Desafios” foi o tema do Encontro de Altos Dirigentes da AICEP que se realizou no final de 2014, decorrendo pela primeira vez em Macau. Em dois dias de “intenso trabalho”, como sublinhou João Caboz Santana, “ousou-se pensar o futuro do sector”. A base dos debates esteve em quatro pilares – banda larga, mobilidade, digitalização e virtualização –, mas as conversas debruçaram-se sobre as incertezas que o futuro das telecomunicações enfrenta, em aspectos como consolidação dos mercados, papel da regulação, mudanças sociais, evolução das economias, avanços tecnológicos. “Vivemos a era do digital, da convergência, da mobilidade. Falamos por isso na era do consumidor, que nunca teve tanto poder como agora – é ele que dita as regras. É este debate e as suas múltiplas ramificações que destaco. De privacidade, de segurança, de como os modelos de negócio têm de ser adaptados, tornando-se cada vez mais digitais, entre outras questões que se colocam nesta nova era.”



gulação de Telecomunicações. Só falta o outro grande operador, a TDM, mas há contactos nesse sentido e esperamos boas notícias em breve. Temos muito orgulho em ter estes membros. É uma presença que demonstra a consolidação do português falado em Macau e dá aos associados locais a oportunidade de estarem em permanente contacto com todos os mercados lusófonos. Ao mesmo tempo, os outros associados podem acompanhar o desenvolvimento do sector das comunicações, também muito acelerado, na Ásia, concretamente em Macau e no resto da China. ■



Vai um copo de vinho?

T CLÁUDIA ARANDA F GONÇALO LOBO PINHEIRO

O vinho está a tornar-se uma forma de estar na vida entre jovens locais e turistas que vêm à procura de marcas célebres. É também opção para uma carreira de prestígio na indústria do turismo

ENTRE UM vinho francês de Bordeaux, origem do prestigiado Château Lafite Rothschild, ou um tinto português proveniente da mais antiga região demarcada do mundo – o Douro, berço do Vinho do Porto, da Barca Velha e de alguns dos melhores vinhos de 2014, segundo a revista *Wine Spectator* – a escolha é imensa e está disponível em Macau.

Com o aumento de turistas em Macau – em 2014 foram mais de 30 milhões – cresce também o mercado consumi-

COM O AUMENTO DE TURISTAS CRESCE TAMBÉM O MERCADO CONSUMIDOR DE VINHOS DE QUALIDADE E AUMENTAM AS NECESSIDADES DA HOTELARIA E DA RESTAURAÇÃO

dor de vinhos de qualidade em Macau e aumentam as necessidades da hotelaria e da restauração. Há uma grande procura de escanções e de gente que saiba combinar um vinho e comida com assinatura.

Para dar resposta às exigências da indústria do turismo, há também mais instituições de ensino a oferecerem formação na área dos vinhos. Há mais sessões de provas destinadas ao público e mais jovens de Macau a procurarem formação na área e a serem requisitados pela indústria hoteleira local.

Para Maggie Mak, 26 anos, nascida em Macau, vencedora em 2013 do concurso promovido pela Associação de Escanções de Macau, foi o gosto pela gastronomia que a levou a escolher a profissão. “Adoro comida e vinho, qual é o trabalho que permite estar perto de uma cozinha e de bons vinhos? É o de escanção”. Maggie Mak, que exerceu a profissão em um dos grandes hotéis da cidade, acredita que, para o seu ofício “Macau é uma cidade muito interessante”, porque há poder de compra e “muita riqueza”.

Prestígio numa taça

Na opinião da escanção, o consumo está a crescer, não só entre os turistas do Interior da China, mas também entre a população de Macau de diversas faixas etárias. Para os locais que têm mais conhecimento, a preferência vai para os vinhos portugueses, que são os que oferecem um “bom rácio custo e qualidade”, diz.

Oscar Cheong e Victoria Man, ambos de 28 anos e naturais de Macau, representam um pouco essa nova geração de jovens com profissões li-



berais e curiosa por conhecer coisas novas. Oscar Cheong trabalha numa galeria de arte e diz que bebe vinho, sobretudo em bares, quando sai com os amigos. Compra ocasionalmente no supermercado mas, como não tem muita ideia sobre vinhos, acaba por fazer as escolhas em função do preço.

Victoria Man, tradutora e diretora comercial, nota que em Macau beber vinho “está na moda e é elegante”, mas sobretudo entre “os meninos ricos e da classe média alta”. Victoria aprendeu a gostar de vinho português em Lisboa, onde fez um mestrado em Direito. “Geralmente só bebo vinho português, são bons e mais baratos, acho os vinhos franceses muito caros.”

A tendência é para o consumo aumentar, tanto na China como em Macau, dizem os especialistas. O Grão-Mestre da Confraria dos Enófilos de Macau, Filipe Cunha Santos, acredita que há vários factores que levam a que a China seja um mercado consumidor de vinhos em grande crescimento. O aumento de poder de compra e o prestígio associado ao consumo de produtos de reputação internacional são aspectos a ter conta. “O vinho tem sido uma moda que se tem desenvolvido nas classes média e alta, e julgo que há uma tendência para que esse consumo venha a aumentar.”

Educar o gosto

Consumo e educação estão intimamente ligados, diz Maggie Mak. “Quanto mais você sabe sobre vinho, maior é o seu consumo e mais disponível está para pagar por um vinho de melhor qualidade ou com uma melhor relação qualidade e preço.” Maggie acre-



Maggie Mak tem 26 anos e tornou-se escanção



ditada que “há uma grande procura de formação em vinho, o que mostra que as pessoas estão muito interessadas neste tipo de *hobbies*”.

A par com o aumento da clientela da China, Hong Kong, Coreia, Japão e Taiwan, têm surgido novos restaurantes, há cozinheiros reconhecidos internacionalmente a trabalhar em Macau e mais estabelecimentos galardoados com estrelas Michelin. “A vinda destes *chefs* está a desempenhar um papel importante neste crescimento no consumo de vinhos, porque um prato *gourmet* exige um vinho de grande qualidade”, explica a escanção.

A Confraria dos Enófilos de Macau é uma das organizações que tem contribuído para a divulgação do vinho no território. A organização junta cerca de 200 membros e foi criada para “educar e ajudar os importadores e dis-

tribuidores através de provas de vinhos e eventos no território”, indica Filipe Cunha Santos. “Quando começámos as provas em 1988 havia muito pouca educação sobre o vinho.”

Na altura, os vinhos portugueses prevaleciam no mercado local. “Com a liberalização do jogo em 2002, entraram no território empresas especializadas a concorrer com as empresas locais e a promover mais agressivamente os seus vinhos. Estas empresas têm vindo a ganhar mercado e es-

tão a dominar o mercado na China, Hong Kong, Macau e Taiwan”, explica Filipe Cunha Santos. “São empresas com um portefólio de vinhos portugueses muito pequeno e isso levou ao consumo de vinhos de outras origens em restaurantes e casinos.”

Apesar da entrada de novos produtos, França seguida por Portugal continuam a ser os principais países de origem do vinho importado para Macau. O vinho tinto representa cerca de 90 por cento das importações; o branco, cham-

PARA ALIMENTAR A INDÚSTRIA DO TURISMO, CONSUMIDORA DE VINHO E CARENTE DE TALENTOS, AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO DE MACAU TÊM VINDO A EXPANDIR A OFERTA DISPONÍVEL EM TERMOS DE FORMAÇÃO



panhe, espumantes e outros equivalentes ao restante valor das importações.

Indústria carente de talentos

Para alimentar a indústria do turismo, consumidora de vinho e carente de talentos, as instituições de ensino de Macau têm vindo a expandir a oferta disponível em termos de formação. O Instituto de Formação Turística (IFT) tem tido um papel relevante na formação, diz Filipe Cunha Santos. “Porque forma grande parte dos *bartenders* [empregado de bar] e *sommeliers* [escanções] de Macau”. Por outro lado, diz o enófilo, tem contribuído para a manutenção “do bom nome dos vinhos portugueses”, na medida em que inclui esta vertente nos seus cursos. “Os *bartenders* quando vão exercer a sua profissão conhecem e podem recomendar os vinhos portugueses.”

Maggie Mak confirma que o

seu interesse pelos vinhos em geral nasceu e cresceu no IFT onde se formou, uma vez que em casa a família não tinha o costume de beber vinho e não encarava a ideia com bons olhos. “Em Macau há uma cultura rica relacionada com Portugal, tive muitas oportunidades de aprender sobre viticultura portuguesa.”

Hugo Bandeira, professor e gestor da área de alimentação do IFT, acredita que apesar dos esforços da parte de quem dá formação, “ainda há pouco conhecimento sobre vinhos na sociedade”. “O tipo de clientela que vai aos restaurantes não é aquela que consome muito vinho ou que esteja educada ao nível do consumo. Há restaurantes de topo com boas cartas de vinho, mas a maior parte dos estabelecimentos têm cartas poucos cuidadas. Nos restaurantes chineses, a carta de vinhos normalmente é limitada,

porque o grosso da clientela não consome vinhos.”

O professor adianta que o número de alunos interessados em formar-se em vinhos ainda é reduzido, mas que está a crescer. Os jovens começam a perceber que é uma opção de carreira onde há pouca concorrência. “Um aluno com vocação que é formado em vinhos tem pouca concorrência. Quando os hotéis percebem que o aluno tem esse talento requisitam-no logo”, acrescenta.

A Faculdade de Turismo e Gestão Hoteleira da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST, na sigla inglesa), também oferece cursos na área do turismo e da gestão hoteleira.

Um estilo de vida

“O vinho francês é a escolha número um dos consumidores, seguido do português. O público mais conhecedor vem a Macau e quer experimen-



tar vinho português.” Esta é a experiência de Adolphus Foo, presidente da Associação de Escanções de Macau. Originalmente da Malásia, mas a trabalhar há sete anos num dos grandes casinos de Macau, Adolphus Foo explica que, onde trabalha, tem muitos clientes da China. “Normalmente, eles preferem vinhos franceses, em geral estão disponíveis a gastar muito dinheiro numa garrafa de vinho caro”, diz.

Mas, também, há os clientes que estão dispostos a conhecer produtos diferentes. “Podem vir de Singapura, Malásia, Filipinas, ou mesmo da China, onde há muito pouca escolha de vinhos portugueses ou de outros lugares. É uma experiência para eles encontrarem um vinho como o Barca Velha que não têm nos seus países.”

Adolphus Foo observa que há uma geração jovem em Macau que começa a mostrar interesse e a querer experimentar. O consumo local está a desenvolver-se, “os jovens começam por beber por curiosidade, depois começam a comprar e a aprender a combinar com a comida”. Entre os consumidores mais jovens, há estudantes universitários, funcionários de escritórios, executivos de casino. “Beber vinho tornou-se um estilo de vida”, explica Adolphus Foo.

Apesar do consumo estar longe do de Hong Kong, o escanção acredita que a tendência será para que as pessoas comecem a beber vinhos de maior qualidade e mais caros à medida que vão adquirindo conhecimento. “No início as pessoas pediam apenas vinho ao copo, agora são mais aventureiras e pedem a garrafa.” ■

ONDE APRENDER SOBRE VINHOS

O Instituto de Formação Turística (IFT) oferece cursos profissionais de curta duração que permitem obter certificados internacionais e cursos pós-laborais de introdução ao vinho. Um almoço ou jantar no restaurante-escola do IFT, que recebeu uma recomendação no Guia Michelin de 2014 e de 2015, pode também ser um bom ponto de partida para uma experiência no mundo dos vinhos.

PROVAS DE VINHO

- HOTEL FOUR SEASONS

Bar Azul, Cotai
Todas as sextas-feiras
18h00 às 20h00
MOP 150
Tel. (+853) 2881 8881

- MUSEU DO VINHO

O Museu do Vinho dispõe de uma selecção de vinhos para prova. Os visitantes mediante pagamento de um bilhete poderão fazer uma degustação de vinhos. MOP 15 (três copos) e MOP 10 (um copo). Todos os dias, excepto terças-feiras. 10h00 – 20h00
Tel. (+853) 8798 4108

- CONFRARIA DOS ENÓFILOS DE MACAU

A Confraria dos Enófilos de Macau organiza provas e cursos em cooperação com o IFT. Promove também um jantar anual da confraria com a *Hong Kong Wine Society* e organiza o festival anual *Wine&Dine*, no resort Venetian. Informações: <http://winesociety.org.mo/>





ROBERT MITCHUM · JANE RUSSELL
WILLIAM BENDIX

IN

MACAO



Directed by **JOSEF VON STERNBERG** · Screenplay by **BERNARD C. SCHOENFELD & STANLEY RUBIN**
Starring **THOMAS GOMEZ · GLORIA GRAHAME**

Os loucos anos do cinema

Em Macau o cinema surgiu ao mesmo tempo que a electricidade, no início do século passado. Começou por ser desprezado, depois apreciado apenas pela elite e só um pouco mais tarde passou a ser para todos

T LUCIANA LEITÃO

“ZANGARAM-SE AS pessoas por encontrarem a lotação esgotada e havia conflitos dentro de casais por o marido ou a mulher se terem esquecido de adquirir os bilhetes a tempo”, escreve Henrique de Senna Fernandes, no livro *Cinema em Macau*, a propósito de *The Perils of Pauline* (Os Perigos de Paulina), filme mudo exibido em Julho de 1915 no Vitória, e que levou definitivamente os macaenses às salas de cinema.

Quem viveu nesta altura provavelmente já não está cá para contar na primeira pessoa, mas Henrique de Senna Fernandes, que nasceu um pouco mais tarde, em 1923, publicou o resultado da sua pesquisa – e algum do seu saber de experiências feito – em crónicas que mais tarde foram coligidas pelo Instituto Internacional e deram origem ao livro *Cinema em Macau*.

Segundo a publicação, desconhece-se a data exacta em que surgiu o primeiro cinematógrafo – nome que se dava ao projector e, por extensão, às salas de cinema – do território, sabendo-se apenas que terá

surgido no início do século XX, logo a seguir à electricidade. E, se hoje é acarinhado, na altura era malvisto. “Era uma diversão desprezada, qualquer coisa equiparada à exibição de saltimbancos, apresentado em barracões de feira, que se admirava com curiosidade despidianda e sorriso desdenhoso, e de que até se tinha vergonha de falar”, escreve Henrique de Senna Fernandes. Na altura, “o chique e o bom”, para a comunidade macaense/portuguesa

NO TEATRO VITÓRIA VENDIA-SE BILHETES ATÉ PARA ASSSITIR A FILMES ATRÁS DO PALCO. ÀS SESSÕES MAIS CONCORRIDAS ERAM AS MATINÉES E AS DAS 19H30 COM FILMES DOS ESTADOS UNIDOS, RECORDA MIGUEL DE SENNA FERNANDES

eram as récitas e os concertos no teatro Dom Pedro V, a que se ia trajado a rigor.

Os barracões

De início, a população apenas tinha acesso a “filmes mudos em barracões sujos e desconfortáveis, em pleno Bazar, coração da cidade chinesa”, que é como quem diz nos actuais bairros do Lilau, São Lourenço, Santo Agostinho, Senado, Monte e Santo António.

Segundo o escritor, “o mais remoto cinematógrafo da altura” era o Chip Seng, na Rua da Caldeira, com bilhetes cujos preços variavam entre os oito e os 35 avos (de pataca), dependendo do assento. Havia também o Tin Lin, no Largo de Hong Kong Mío, com preços entre os dez e os 50 avos. Entre os outros cinematógrafos, contava-se também o Olympia, na Rua do Hospital (hoje, Rua Pedro Nolasco da Silva). Seja como for, eram apenas “sórdidos barracões, nada convidativos para os tait-pans [indivíduos ilustres] e os elegantes da época”.



Capitol

Programa para hoje, amanhã e estado - 14, 15 e 16 de Maio de 1931




ALL QUIET ON THE WESTERN FRONT

NADA DE NOVO NA FRENTE OCIDENTAL

— EM 17 ESTREIAS PARTES —

It was a ghastly scene as the soldiers in uniform of World War I walked down a dark street, surrounded by the smoke of battle. The scene was a picture of horror, a picture of the life of the soldier in the trenches of the Western Front. The scene was a picture of the life of the soldier in the trenches of the Western Front. The scene was a picture of the life of the soldier in the trenches of the Western Front.

Youth!

MILITARY		CIVILIAN		STUDENT	
1st	2nd	1st	2nd	1st	2nd
10	15	10	15	10	15
15	20	15	20	15	20

Cinematografo Vitoria

Trabalho de grande dimensão
com
David W. Griffith



D.W. GRIFFITH'S "WAY DOWN EAST"

WAY DOWN EAST

em
11 estórias partes

Interpretado pelos actores notáveis
Richard Barthelmess e Lillian Gish

Em estreia em 1931

Sexta-feira, Sábado e Domingo, 4, 5 e 6 de Junho de 1931

Vila parana e amadora... Apreta-se!!!

No dia 5 de Junho!!!

Muito importante!!!

Horário regular hoje de 14 h



CINEMA CAPITOL

Rua de S. Domingos
MACAU
Tel. 312

O MELHOR E O MAIS COMFORTAVEL
LUGAR DA SENSIBILIZACAO
REPRODUCAO SONORA FIDELISSIMA

-WESTERN ELECTRIC-
EQUIPO DO TIPO DAS MELHORES
CINEMA PROJECTORAS

-PARAMOUNT, FOX, UNIVERSAL-
-COLUMBIA, e UNITED ARTISTS-

院戲華國

二五五號
街行馬白門澳

前地馬建有球林氏專技公設
計分設樂舞及北社映音明區
明宜新華名邦空官機藝西
宜和同觀演色樂士器新電

Teatro D. Pedro V

Sábado, 17 de Outubro de 1931
às 8:30 horas de noite

SENSACIONAL ESPECTACULO

Depois apresentação do natural
galego português

SILVA SANCHES

NOVOS NUMEROS
NOVOS SCENARIOS
NOVO GUARDA-ROUPA

Preço de admisso - - \$3, \$2 e \$1
OP. VENDA DE BILHETS A PARTIR DA 12:00



"CINEMATÓGRAFO VITÓRIA"

Cinematografo "Victoria"

Inaugura-se, na noite de domingo, 9, o novo teatro do cinematografo "Victoria", construido sobre o terreno onde existia o edificio da cadeia publica.

Agradecemos o convite que gentilmente nos foi feito para assistirmos à inauguração.

"城多利"影戲院訂於 21:00 時(星期六)
在本院舉行開幕儀式。
該影戲院位於原公共監牢地段。恭候光臨

«TEATRO CHENG PENG»

Teatro "Cheng-peng"

Efectua-se neste teatro chinês, pelas 2 horas da tarde, a cerimonia do corte de tranças dos chines, estando já inscritos cerca de 200 individuos.

Agradecemos o convite para assistirmos a esse acto, dirigido pelo presidente da respectiva comissão, o sr. Lou-chung-jun.

"清平"戲院 謹訂於下午 2:00 時在本院舉行剪髮儀式。

現有 200 多人登記注册。

恭候光臨 委員會主席 Loo Chung Jun



CINEMA-VICTORIA

MATINEE | MUSICA

Quarta-feira, sexta e domingo

Para hoje, 17 de Setembro, às 11.00, 19.00 e 21.15

Richard Dix

"Knockout Reilly"

Grande drama em 8 partes

Para amanhã e segun-to-feira, às 11.00, 19.00 e 21.15

BEBE DANIELS IN **'STRANDED IN PARIS'**

	Ooo-lala! She's French! She's Frisky!		Wild and funny adventures under the water surface!
	STUNNING settings a new to her fellow Parisians!		Remember Miss Marmont?
			Girls! Girls! Girls!

with JAMES HALL, FORD STERLING and IRIS STUART
Directed by **ARTHUR ROSSON**

a Paramount Picture

VICTORIA

Programa para hoje

ELLEN GISH
with La Roupin, Grand Regis e Marie Dressler

One Romantic Night

Grande drama em 8 partes

AMANHÃ

Warner Bros! New Face-Maker - An All-Color Musical Comedy

ON WITH THE SHOW

The First 100% Musical Color, Talking, Singing and Dancing Picture.
A cast of color and comedy! More stars than the palace!

CINEMA-VICTORIA

MATINEE | MUSICA

Quarta-feira, sexta e domingo

Para hoje, 23 de Outubro, às 11.00 e 21.15 horas

RICHARD DIX

"TOO MANY HISSES"

Drama em 7 actos

Para amanhã 24 de Outubro, às 11.00 e 21.15

LAURA LA PLANTE

"THE CAT AND THE CANARY"

Atenção!!!

Para comemorar o sexto aniversário de fundação da Companhia Victoria com a **Hoopla Amusement**, a um reconhecimento de todos os amigos que a publicam desde o inicio dos seus trabalhos, realizamos das respectivas expensas desde 23 a 30 de Outubro, uma grande sessão de filmes que incluem entre as produções de primeira categoria **Clowning with Paramount**, e **Comical**, respectivamente, produzidos para este fim.

Apresentamos desta vez novos actores, realizamos também um pequeno preço das bilhetes para essas representações, e isto com a fim de proporcionar a todos os amigos de apreciar esta extraordinária festa.

O Gestor: **K. K. Lee**

A 9 de Janeiro de 1910, na rua do Dr. Soares (então rua da Cadeia), abre o Vitória. Naqueles primeiros tempos, o programa resumia-se a oito fitas curtas, que eram mudadas de dois em dois dias, adicionando-se, esporadicamente, um filme mais longo. De “barração”, o Vitória viria a mudar, instalando-se no edifício da Rua dos Mercadores, onde hoje se situa o banco Tai Fung.

Mas a má reputação de que gozava o cinema apenas se transforma, pelo menos entre a comunidade macaense, a partir da estreia do filme de série *The Perils of Pauline*. Foi então que o cinema passou a ser considerado uma ‘coisa de classe’, como diz Miguel de Senna Fernandes, recordando as palavras do pai, que já morreu, Henrique de Senna Fer-

nandes. Mais: “Os chineses não iam. Eram mais os macaenses e portugueses.”

Entretanto, também se instalou um cinematógrafo no Teatro Dom Pedro V, como descreve o jornal *O Progresso* de 13 de Setembro de 1914: “Esta empresa cinematográfica, instalada no edifício do Teatro Dom Pedro V desta cidade, tem, sem exagero, procurado meios para agradar ao público, com ricos dramas e variadíssimas fitas cómicas, belas ventoinhas e toda a espécie de acomodações; ultimamente, contratou um trio que diariamente executará variado e escolhido reportório”. Do programa deste cinema, constavam matinés especialmente dirigidas às crianças, todas as quintas-feiras e aos domingos, das 16h00 às 18h00, com

filmes apropriados. Os preços variavam entre os dez e os 40 avos, dependendo se fosse um bilhete para a galeria e plateia, para a plateia 1.ª classe ou plateia 2.ª classe. Crianças e soldados pagavam apenas metade do preço de um bilhete normal.

O gosto pelo filme de episódios estava para durar, até ao aparecimento do cinema sonoro, em 1931, contando-se “enormes êxitos de bilheteira”, conforme descreve Henrique de Senna Fernandes, entre filmes como *Lucille Love* (A Rapariga Misteriosa), *The Broken Coin* (A Moeda Partida) ou *The Clutching Hand* (A Mão Fatal).

Sobra o Vitória

Entretanto, vários cinemas foram aparecendo e desaparecendo com igual rapidez. Em





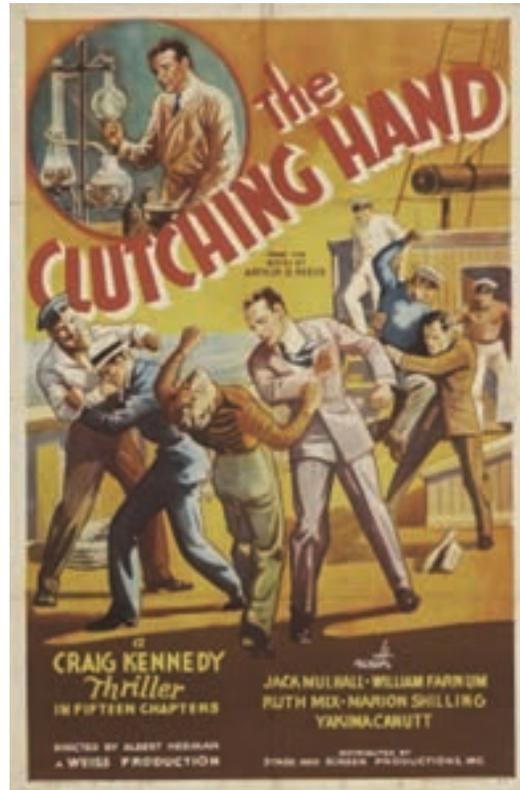
À MÁ REPUTAÇÃO DE QUE GOZAVA O CINEMA NOS ANOS 1910 APENAS SE TRANSFORMA A PARTIR DA ESTREIA DE THE PERILS OF PAULINE

1919, surgiu o Novo Teatro de Macau, que veio a desaparecer em 1920, por não poder arcar com as despesas de exploração. “Desgraçada terra esta onde raras são as boas iniciativas que não baqueiam”, lia-se a propósito, no jornal *Macaenses* na edição de 13 de Outubro de 1920. Mas, dois anos volvidos, abriu no mesmo espaço o Animatógrafo Macau, pelas mãos do empresário da terra Filipe Hung.

Foram anos conturbados com uma greve geral a de-

correr no cinema Chip Seng e com o Vitória a sofrer um ataque bombista. Entretanto, o público macaense e português dividia-se entre o Vitória e o Animatógrafo, até este último fechar. “Apesar de todos os espectáculos, o Vitória foi essencialmente uma casa de cinema. E citamos o Vitória, porque foi nele que se desbobinaram os melhores filmes mudos, não havendo outro cinematógrafo que se lhe equiparasse”, lê-se no livro *Cinema em Macau*.

Estava-se então em plena década de 1920, ainda antes da era do cinema sonoro, já com nomes sonantes como o do actor, realizador e produtor norte-americano Douglas Fairbanks, que lançavam modas no território. “O êxito de Fairbanks era tão grande entre a rapaziada de Macau que, nos dias que se seguiam à estreia das suas películas, desapareciam dos jardins, hortas e quintais, pela cidade e fora de portas, todas as estacas de bambu, convertidas em espa-



das para a petizada se esgrimir em grupos rivais, com grande perigo para os olhos e desespero de jardineiros e horticultores que então abundavam nesta Terra do Nome de Deus”, escreve Henrique de Senna Fernandes.

Foi também Fairbanks, juntamente com Charlie Chaplin (ou Charlot), quem atraiu os chineses às salas de cinema. “O maior deles foi sem dúvida Charlot. A sua aparição na tela [...] enchia o Vitória. Os chineses, simplesmente, adoravam-no.”

As modas da época

O cinema ditava tendências. Depois da exibição de *The Four Horsemen of the Apocalypse* (Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse), em que o actor Rudolph Valentino interpreta um dançarino de tango, o Clube de Macau permitiria que se bailasse esta

modalidade. “Os filmes de Valentino eram sempre um acontecimento. Aguardava-se com impaciência a sua exibição, e no dia de estreia estava a melhor gente de Macau no Vitória”, dizia o escritor macaense.

Desengane-se, porém, quem pensa que o Vitória era um local requintado e confortável, mesmo depois da mudança de instalações. “Quem desconheça o Vitória poderá julgar tratar-se de um cinema confortável, luxuoso, de bons assentos, e à altura dos magníficos filmes que exhibia. [...] Denominando-se a primeira casa de espectáculos, sem outra a fazer-lhe sombra, era, assim, um monumento de desconforto”, escrevia Henrique de Senna Fernandes.

Seja como for, era o teatro a que todos acorriam para ver as estreias vindas dos Es-

tados Unidos, mais que não seja por falta de alternativas. As sessões mais concorridas eram as matinées e as das 19h30, quase exclusivamente frequentadas por chineses. Sem possibilidade de ler as legendas em inglês do filme mudo, “naquela sessão da noite subia para uma espécie de púlpito, erguido num dos lados da sala, um cavalheiro que, em voz alta, ia explicando o enredo, em cantonês”, uma espécie de narrador que mudava o tom de voz, consoante a cena. Por seu turno, a última sessão tinha lugar às 21h30 e era frequentada sobretudo por portugueses. “Imagine-se que havia até bilhetes para ver o filme, atrás do palco”, diz Miguel de Senna Fernandes, recordando-se das palavras do pai, acrescentando que era o sítio favorito para os jovens e para os que tinham menos possibilidades.

Surgem posteriormente outros cinematógrafos, como o Long Ting Mong Toi, na esquina da Avenida Conselheiro Ferreira de Almeida com a Avenida Horta e Costa, paredes-meias com o jardim Lou Cau. “Todas as noites duas sessões, uma às 19h00 e outra às 21h30, sendo a última com acompanhamento de piano”, lê-se no *Cinema em Macau*. Mas as noites de festa duraram pouco tempo, fechando no mesmo ano, dada a morte do proprietário.

A corrida a Hong Kong

A região vizinha foi mais rápida do que Macau a trazer o cinema sonoro à região. Por isso, na estreia de *The Singing Fool* (A Última Canção), de Al Jolson, estavam presentes muitas pessoas do território,

DEPOIS DA EXIBIÇÃO DE THE FOUR HORSEMEN OF THE APOCALYPSE, O CLUBE DE MACAU PERMITIRIA QUE SE BAILASSE O TANGO



ALBERTO LUZ FRANCISCO, NETO DO FUNDADOR DO TEATRO CAPITOL, RECORDA AS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO ATÉ SER ENCERRADO COMO CINEMA NA DÉCADA DE 1980



GONCALO LOBO PINHEIRO

que aguentaram uma travessia de então mais de quatro horas, apenas para o efeito. “Em Macau tornou-se a conversa: ‘Já foste a Hong Kong ver talkies?’”, descreve o livro.

Foi também nesta altura que o Capitol abriu portas, apenas para exibir filmes sonoros. Em plena década de 1930, o Vitória e o Capitol projectavam os musicais de Hollywood. “Em Macau, ainda sem crise nenhuma, o povo enchia o cinema pelo puro gosto de ouvir e ver cantar e dançar os seus actores favoritos.” Os cartazes dos cinemas do território acompanhavam as tendências mundiais, começando por mostrar nesta altura musicais, depois filmes de guerra e posteriormente películas de terror.

Entretanto, os chineses continuavam a frequentar outro tipo de teatros. “Fala-se também de outro cinema, o Teatro Nanquim. Há ainda outros cinemas, mas de filmes mudos só para chineses – o Hoi Keang, na Rua Praia do Manduco, o San Kio, nos bairros chineses San Kio e Sé Kong”, esclarece Henrique de Senna Fernandes. Nesta altura, o Vi-

tória viria a encerrar, enquanto o Apolo viria a abrir.

Nesta altura e até meados dos anos 1980 e 1990, o cinema do Interior da China tinha ainda pouca expressão no território, e dos cartazes apenas constavam filmes da região vizinha, já que as películas de Xangai que então existiam, por dificuldades de compreensão da língua, não eram populares. Miguel de Senna Fernandes lembra-se de espreitar os filmes da China juntamente com os colegas da escola, apenas para perceber o que se passava do outro lado da fronteira. “Eram sobretudo filmes da China comunista.”

De cinema a centro comercial

Quem por lá passa, normalmente vai em busca de *waffles* com manteiga de amendoim e leite condensado ou das saladas de fruta vendidas no piso térreo e nem repara na fachada do edifício, que ainda mantém o letreiro da década de 1930. O Teatro Capitol (ou Kok Va, como era conhecido entre a comunidade chinesa), na Rua de Pedro Nolasco da Silva, fechou em

1987, mas foi um marco na vida da comunidade local.

Tinha 869 lugares, de plateia e galeria – como era conhecido o primeiro balcão – e supõe-se que terá aberto em 1931. Alberto Luz Francisco, neto do fundador, José Maria da Luz, conta o que lhe foi transmitido pela mãe e tios, entretanto já falecidos. “O meu avô era empresário nos anos 1920 e fundou o Capitol, mas antes disso já tinha sido fundador do Teatro Nanquim, na Rua 5 de Outubro, em sociedade com empresários locais”, recorda.

E rejeita a data que normalmente apontam como o ano da construção do Teatro Capitol, que é 1931. “O meu avô faleceu em 1929”, diz, acrescentando que seria impossível só ter sido inaugurado dois anos depois. Quando José Maria da Luz morreu, o filho mais velho, Alfredo Maria da Luz, que tinha então 19 anos, tratou da venda do teatro.

Alberto apenas conheceu o avô pelos testemunhos da mãe e dos tios. “O meu avô era a cabeça dos negócios”, afirma. Apreciava música, moda e cinema, mas era sobretudo um empresário. “Tinha uma com-



panhia de autocarros, uma casa de apostas, fazia vendas de carros de bois, porcos e galinhas. Tinha um matadouro. Fez muitos negócios.” E foi graças ao extenso património do avô que a família Luz conseguiu enfrentar as dificuldades após a Segunda Guerra Mundial. “Se a minha família não tivesse aqueles bens todos... Não havia arroz, pão nem manteiga”, diz, acrescentando: “Fomos vendendo [o património].”

Entretanto, nos anos 1960, nasce Alberto Luz Francisco, que, por desígnio familiar ou não, se torna uma aficio-

A FORMA COMO MACAU TEM SIDO REPRESENTADA NOS ECRÃS TEM VINDO A MUDAR. SE NOS ANOS 1950 ERA APENAS UM PALCO PARA ACTIVIDADES CRIMINAIS E GANGSTERS, HOJE JÁ COMEÇA A SER RETRATADA DE FORMA MAIS POSITIVA

nado do cinema. “Comecei a ver no Teatro Capitol, uma tia-avó levou-me a ver desenhos animados, tinha cinco ou seis anos”, recorda.

Ao longo da existência do Capitol, Alberto foi assistindo às transformações que foi sofrendo, longe das mãos da família Luz. “O Capitol continuou a ser cinema até ao fim dos anos 1980, mas já estava degradado.” A seguir ao seu encerramento enquanto teatro, os novos proprietários transformaram-no em centro comercial, fazendo algumas modificações interiores. Mas a fachada daquele que foi um dia um dos maiores cinemas do território continua lá, a lembrar tempos idos. “Os teatros de Hong Kong e até mesmo de Cantão eram todos naquele estilo.”

Um estereótipo em mudança

A forma como Macau tem sido representada ao longo dos anos nos ecrãs de cinema tem vindo a mudar, e é hoje mais variada. Se nos anos 1950 era apenas um palco para actividades criminais e gangsters, hoje em dia já começa a ser retratada de forma mais positiva.

Mao Sihui, director da Comissão de Investigação e Ensino da Língua Inglesa do Instituto Politécnico de Macau, realizou um trabalho, ainda por publicar, intitulado *Representações de Macau no Cinema Contemporâneo*, onde analisou a evolução ao longo dos tempos. Entre os nomes analisados encontram-se películas de origem ocidental como *Macao* (1952), de Josef Von Stenberg e Nicholas Ray, *Une histoire immortelle* (1968 – História Imortal), de Orson Welles, *The Man With the Gol-*

den Gun (1974 – Contra o Homem com a Pistola de Ouro), de Guy Hamilton, e longas-metragens de realizadores de Hong Kong, como *Casino* (1998), de Hin Sing Billy Tang.

Ao longo da sua pesquisa, Mao Sihui conclui que as representações cinematográficas de Macau têm vindo a mudar nos últimos 50 anos. “No início do século XX até provavelmente aos anos 50 e 60, Macau tem sido representado pelos ocidentais e pelo cinema de Hong Kong como um sítio para fugitivos, bandidos e pessoas que fogem ao castigo legal”, revela.

A primeira película analisada pelo investigador é *Macao*, que revela uma visão “típica ocidental” em relação ao território, em que este é considerado um “lugar exótico”, mas também um sítio onde há uma mistura de “obscuridade e leveza”. Já o cinema de Hong Kong, desde os anos 1960 até 1999, mostra Macau como um “lugar para as triades”, para as pessoas que querem controlar os casinos e lutar pela sua quota-parte.

Hoje em dia, a forma como Macau é representada no cinema é menos redutora. “Alguns filmes tendem a centrar-se mais nas vidas das pessoas nos dias de hoje e nas histórias que aqui têm lugar”, afirma, acrescentando: “Em filmes como *Look for a Star*, pode ver-se que Macau é retratado de forma mais positiva. Até mesmo em *Isabella*, em que a história gira à volta das vidas de um pai e a sua filha, pode ver-se a beleza dos edifícios do território e uma espécie de ligação entre as pessoas.”

Sem produção local

Macau tem grande potencial para ver desenvolvido a pro-



dução de cinema enquanto indústria cultural e criativa. Esta é uma das principais conclusões de Mao Sihui. Para o investigador, a região continua sem ter uma indústria cinematográfica, apesar de já se encontrarem alguns argumentistas e realizadores locais. “Há potencial para as pessoas fazerem filmes sobre Macau.”

A indústria do jogo é o pilar da economia, mas, segundo Mao Sihui, é tempo de haver um maior investimento nas indústrias culturais e criativas, em particular no cinema. De qualquer maneira, o investigador acredita que há vá-

rios factores por detrás da ausência de mais produção local. “Para quem quer ser realizador em Macau, são filmes pequenos de pequeno alcance”, diz, acrescentando: “É preciso investimento e apoio para cultivar talentos. É um grande projecto, que não se reduz apenas ao investimento.” Por isso, o investigador afirma que o território também deveria ter pelo menos um curso de cinema. “Por exemplo, se tivéssemos um instituto independente ou mesmo integrado numa universidade já seria bom. Precisamos de algo assim para cultivar talentos”, declara. ■

A culpa é da televisão

O auge do cinema em Macau deu-se entre a década de 1960 e 1970, mas chegados ao fim dos anos 1980 e início de 1990, os teatros começam a fechar, por falta de público

T LUCIANA LEITÃO **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

O CINEMA foi durante muito tempo considerado um dos poucos meios de diversão para a população da região. Mas, no fim da década de 1980, os estabelecimentos começam a fechar, dada a escassa afluência do público, muito por causa do surgimento da televisão, dos DVDs e da pirataria.

Alberto Luz Francisco, neto do fundador do teatro Capitol, ainda se recorda do dia em que foi pela primeira vez ao cinema. “Tinha cinco ou seis anos e fui ver desenhos animados ao teatro Capitol.” Começou aí, mas depois passou a ir, periodicamente, ao Império também para ver desenhos animados. “Inicialmente, chamava-se Broadway – situava-se entre a Rua do Campo e a Conselheiro Ferreira de Almeida, ao lado do restaurante A Vencedora.”

O pequeno Alberto, que ia quase sempre ao cinema com a tia-avó, lembra-se do dia em que conheceu o famoso actor norte-americano John Wayne. “Tinha nove ou dez anos e fui pedir autógrafa ao John Wayne ao teatro Império. Ele estava lá, no início dos anos 1960”, declara, acrescentando: “Estava cá para inaugurar um filme de *cowboys*.”

Naquela época, era comum os actores de Hollywood – os filmes que mais passavam nos cinemas do território – deslocarem-se a Macau para filmagens. “O teatro Império foi construído nos anos 1950 e vários actores dos EUA vieram a Macau filmar – a zona era bonita para filmagens, eram filmes de gangsters e contrabando.”

O Império estava então sempre cheio, já que Alberto não era o único interessado nas sessões. “Todos os sábados e domingos tinha sessões para crianças às 16h30. Via desenhos animados ou os *Three Stooges*. No meu tempo de instrução primária adorava esses filmes.”

O problema das legendas

Em pequeno, Alberto via os desenhos animados em inglês e, consoante foi crescendo, tinha preferência pelos filmes de Hollywood. Nas

salas, ao início, normalmente não se encontravam muitos chineses, já que, apesar de ter legendas, não era muito fácil acompanhar. “Punham um quadrado ao lado do ecrã, cansava. Depois, pouco a pouco, as legendas foram bater directamente no filme”, recorda.

Além de frequentar o Império, também ia ao Apolo – que se situava na actual Avenida Almeida Ribeiro, onde está hoje em dia a loja Esprit –, bem como ao Vitória, ao Capitol e até ao Oriental, na entrada da Calçada do Gaio. “Tudo dependia dos filmes – a minha tia gostava de filmes de acção e íamos ver todos os filmes de acção.”

Progressivamente, todos os cinemas que conheceu durante a infância e juventude foram fechando, entre os anos 1970 e o início dos anos 1990. “Nos anos 70, no Capitol, por exemplo, já só passava filmes pornográficos e depois passou a exhibir apenas filmes chineses, mas pouca gente aderiu e acabou por fechar.”

Nessa altura, os filmes em exibição eram sobretudo oriundos de Hong Kong e de Hollywood, e era muito raro passar películas da China. “Nos anos 80, eram sobretudo filmes de crime, *kung fu*, cinema de Hong Kong”, recorda. E as comunidades que aqui residiam dividiam-se, consoante a origem do filme. “Os portugueses iam só ver os filmes ocidentais, mas a comunidade chinesa também via filmes ocidentais”, diz, acrescentando: “Os filmes de Hong Kong eram muito fraquinhos – só nos anos 1980 é que começaram a melhorar.”

A partir dos anos 1950, surgiram os filmes a cores, que, na altura, eram, sobretudo, musicais. “Vi o *White Christmas* [Natal Branco] com o [cantor] Bing Crosby, que foi dos primeiros filmes coloridos a aparecer em Macau”, recorda. Nessa altura, ia sobretudo ao Império, que tinha a maior sala de cinema, com mais de 1200 assentos, seguido pelo Nam Van. Mas recorda-se de outros, como o Lido, em frente ao Canidromo, que esteve em funcionamento por mais de uma década. “Tinha filmes ocidentais e chineses também.”

Enquanto adolescente, Alberto, bem como os

seus colegas, andavam todos com calças apertadas de ganga e lenço branco, copiando o famoso actor norte-americano James Dean. Aficionado de cinema, o macaense foi seguindo sempre com atenção o que se passava nos cinemas locais, incluindo o progressivo desaparecimento das diferentes salas. “Era o único divertimento em Macau, a partir dos anos 80, passou a haver mais diversidade no entretenimento.” Além disso, como os teatros que existiam eram velhos e degradados, Alberto afirma que a população chinesa passou a preferir assistir à televisão em casa. “Fecharam os cinemas, porque tinham poucos espectadores. Quando apareceu a televisão, toda a malta, especialmente chinesa, preferia e o negócio era baseado na clientela chinesa.”

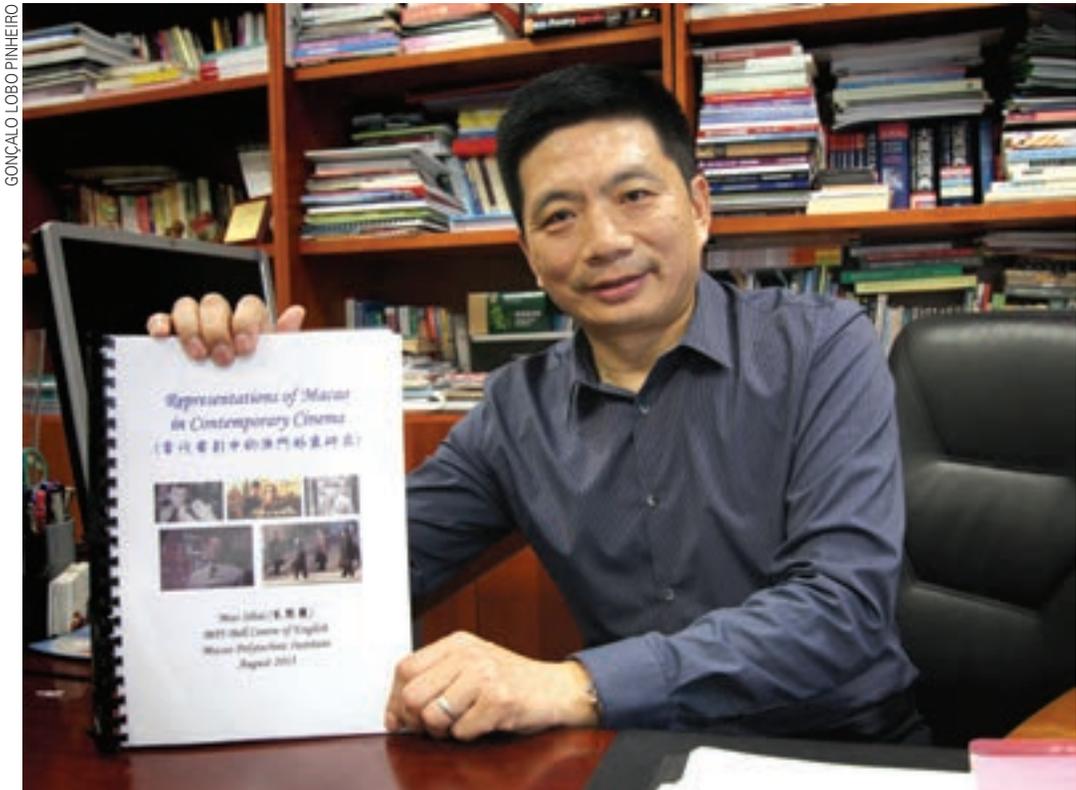
Agora, mais velho e já reformado, voltou a ir ao cinema, escolhendo as salas do Galaxy para assistir às novidades. “Prefiro pagar 250 patacas [pelo bilhete VIP] e sentar-me naqueles cadeirões. Vou às outras salas e tem muito barulho, fico chateado”, diz, acrescentando: “No Galaxy consigo ver filmes avançados de ficção científica, históricos, comédias. Gosto muito de filmes a três dimensões [3D] também.” Aliás, Alberto

○ CINEMA FOI DURANTE DÉCADAS UM DOS POUCOS MEIOS DE DIVERSÃO PARA A POPULAÇÃO. NO FIM DA DÉCADA DE 1980, OS TEATROS COMEÇAM A FECHAR DEVIDO À FALTA DE PÚBLICO, MUITO POR CAUSA DA TELEVISÃO, DOS DVDS E DA PIRATARIA

acredita que a exibição nos cinemas de filmes 3D tem vindo a trazer alguns espectadores locais de volta às salas.

Pouca oferta

Mao Sihui, director da Comissão de Investigação e Ensino da Língua Inglesa do Instituto Politécnico de Macau, diz que nos anos 1960 e 1970 Macau tinha várias salas para assistir a cinema, mas que pouco a pouco o número foi fi-



GONÇALO LOBO PINHEIRO



SONGALLO BOLO PINHEIRO

VINCENT HOI, REALIZADOR, APONTA QUE A SELECÇÃO DE FILMES NOS CINEMAS LOCAIS AINDA É LIMITADA, MAS SENTE UMA GRANDE APOSTA NA EXIBIÇÃO DE FILMES PRODUZIDOS NA CHINA, ESPECIALMENTE OS DE GRANDES DIRECTORES

cando reduzido. “Só mais recentemente com o Galaxy é que temos cinema com a última tecnologia, que permite ver filmes a três dimensões em Macau.”

Como apreciador de cinema, o investigador, que é autor de um trabalho ainda por publicar, intitulado *Representações de Macau no Cinema Contemporâneo*, acredita que os cartazes dos cinemas do território não são muito apelativos, já que apenas se vêem filmes de Hollywood, da China e de Hong Kong. “O público precisa de uma maior variedade para aumentar a sua experiência cinematográfica, demasiado dominada por Hollywood e grandes produções”, declara, acrescentando: “Macau precisa de cinema artístico, filmes antigos, filmes com orçamentos reduzidos que passem boas mensagens e tenham algo de especial a oferecer.”

Vincent Hoi, realizador local, concorda com Alberto e também escolhe o Galaxy como o seu

sítio de eleição para assistir a cinema. “Para mim e para muitos dos meus amigos, o Galaxy é o favorito, por causa das instalações e do equipamento de projecção, além dos assentos que são muito confortáveis”, esclarece. Mais: “No Galaxy, eles exibem o filme até ao fim, mostrando os créditos completos e noutros cinemas do território isso não acontece. Cortam o genérico e acendem as luzes.”

Quanto à selecção de filmes do Galaxy e dos restantes teatros do território, o realizador acha relativamente pobre, já que apenas exibem produções de Hollywood ou filmes “comerciais” da China e de Hong Kong. “Se se quer que a sociedade cresça de forma saudável, devia haver outros filmes”, afirma. No entanto, admite que, se houvesse outro tipo de selecção cinematográfica, talvez a população não se interessasse. “Os locais continuam a tratar o cinema como puro entretenimento, não têm um conhecimento profundo de arte e cultura”, afirma.

Mesmo assim, Vincent fica satisfeito por conseguir assistir nas salas de cinema do Galaxy grandes produções de nomes sonantes como Wong Kar Wai e Johnnie To, realizadores do território vizinho. “Se não tivéssemos esta opção, teríamos ainda menos filmes e uma menor selecção”, refere, acrescentando que vai buscar a outras fontes um tipo diferente de cinema. “Vou aos festivais de Hong Kong ou aos festivais do Centro Cultural de Macau”, diz, acrescentando que também compra DVDs.

Ao longo dos anos, Vincent Hoi, que nasceu na década de 1970, tem vindo a assistir ao decréscimo do número de cinemas no território. “Quando era adolescente ou apenas um miúdo, havia vários, como o Nam Van ou o Apollo.” Aliás, o realizador ainda se lembra de, nos anos 1980, o Capitol, por exemplo, apenas exibir filmes pornográficos, para cativar uma maior audiência. De resto, a maioria dos teatros existentes passava filmes de Hong Kong, Hollywood e poucos da China.

Ao longo dos anos 1980, com o surgimento das cópias em VHS, LD e depois em DVD, as pessoas foram progressivamente abandonando as salas de cinema, deixando-as vazias. “Os teatros começaram a fechar”, afirma. Com o advento da Internet, os locais cada vez mais optam por ficar em casa a ver filmes. Porém, hoje, com salas mais bem equipadas, Vincent acredita que mais locais tenham voltado ao cinema, sobretudo para ver filmes a três dimensões. “Os filmes 3D não são bons para ver em casa, é melhor no cinema.” ■

2015MIECF

Macao International Environmental
Co-operation Forum & Exhibition

2015年澳門國際環保合作發展論壇及展覽

主辦單位 Host



中華人民共和國澳門特別行政區政府
Government of the Macao
Special Administrative Region of
the People's Republic of China

綠色經濟

清新空氣 綻放商機

GREEN ECONOMY

Solutions for Clean Air



26 - 28 / 03 / 2015 · 澳門 MACAO

關注環保 · 親近自然 · 分享樂活

Thinking Green · Going Clean · Living Cool

www.macaomiecf.com

ufi
Approved
Event



2015MIECF

官方承辦單位 Host Co-ordinators

2015MIECF

項目經理 Event Manager

澳門特別行政區政府部門
Government Agencies of the
Macao Special Administrative Region


澳門貿易發展局
Instituto de Promoção do Comércio e de Estudos de Protecção do Ambiente
Bosch Trade and Environment Protection Institute


環境保護局
Macao Environmental Protection Administration

 koelnmesse

聯絡我們 Contacts

澳門 Macao

☎ (853) 8798 9675

✉ miecf@koelnmesse.com.hk

香港 Hong Kong

☎ (852) 2511 8112

✉ miecf@koelnmesse.com.hk

新加坡及其他國家/地區 Singapore & rest of the world

☎ (65) 6500 6742

✉ miecf@koelnmesse.com.sg

HISTÓRIA 

INDÚSTRIA DE
PANCHÕES DE MACAU

Os tempos áureos da pólvora

 PATRÍCIA CRUZ

O cartucho de pólvora revestido por papel vermelho típico das festividades chinesas foi durante mais de um século uma das principais indústrias do território, com grandes exportações para as comunidades chinesas espalhadas pelo mundo. Hoje desaparecida, da indústria de panchões de Macau resta apenas uma fábrica desactivada – a Iec Long, na Taipa – e embalagens coloridas em sites de leilão





OS CHINESES sempre usaram os panchões para afugentar a má sorte. Ou os inimigos, em guerras psicológicas à base do estouro. Uma lenda conta que o panchão assustava o monstro Nian, que comia pessoas e gado. Outra garante que servia para acordar o dragão que trazia a chuva da Primavera aos campos. Há quem acredite que com tais estalidos se queimam os pecados. Todos sabem que o vermelho e as faúlhas são bons presságios, assim como o fumo cria uma atmosfera positiva. E foi esta combinação que fez do panchão um modo de celebração irresistível, sobretudo no Ano Novo Chinês.

Em Macau, rebentar panchões é uma tradição antiga, não apenas reservada a épocas festivas, como acontece no resto da China. Foi também em Macau que primeiro se ouviu a palavra panchão, com raiz no chinês *pau-tcheong* (embarulho de pólvora). Ganhou expressão no mundo lusófono e consta até nos dicionários como regionalismo de Macau, significando “foguete chinês”.

O mais antigo alvará para estabelecimento de uma fábrica de panchões, que se encontra no Arquivo Histórico de Macau, remonta a 3 de Dezembro de 1881. Apesar de não fornecer a designação da fábrica, o documento contém várias informações importantes, nomeadamente o facto de já existir uma unidade do género no mesmo local. Por esta razão, supõe-



○ FABRICO DE PANCHÕES APARECE PELA ÚLTIMA VEZ NO ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE MACAU DE 1981. A INDÚSTRIA DE PANCHÕES ENTROU EM DECLÍNIO EM MEADOS DA DÉCADA DE 1970, DEVIDO À FALTA DE MÃO-DE-OBRA. ISTO PORQUE OS FUNCIONÁRIOS DAS FÁBRICAS COMEÇARAM A PROCURAR TRABALHOS MAIS LUCRATIVOS E SEGUROS NAS FÁBRICAS DE VESTUÁRIO, O SECTOR MAIS PRODUTIVO NAQUELA ÉPOCA



-se que a primeira fábrica de panchões do território terá surgido por volta de 1880.

A instalação deste tipo de unidades era regulada pelo Decreto de 21 de Outubro de 1863, que apresentava em anexo uma tabela de classificação dos estabelecimentos industriais, que se dividiam em 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, consoante o grau de insalubridade, incómodo ou perigo. As fábricas de panchões, devido ao elevado risco que representavam, pertenciam à 1.ª classe, a mais perigosa.

A indústria de panchões evoluiu e, em 1913, existiam já sete fábricas. Este número foi variando ao longo do tempo, à medida que algumas unidades eram fechadas e outras abertas (ver caixa). Os dados da Estatística Geral da Província de Macau e do Anuário Estatístico de Macau comprovam que a indústria de panchões era das mais importantes da região, assegurando as necessidades internas e uma fatia considerável das exportações, e empregando milhares de trabalhadores (3969, segundo registo de 1960).

O fabrico de panchões aparece pela última vez no Anuário Estatístico de Macau de 1981. A indústria de panchões entrou em declínio em meados da década de 1970, devido à falta de mão-de-obra. Isto porque os funcionários das fábricas começaram a procurar trabalhos mais lucrativos e seguros nas fábricas de vestuário, o sector mais produtivo naquela época. Por outro lado, o mercado tornou-se cada vez



mais competitivo e restrito. Os EUA, principais importadores dos panchões de Macau, diminuíram as encomendas após o estabelecimento de relações diplomáticas com a República Popular da China, o maior competidor de Macau no fabrico de panchões, em 1974. A juntar a esta situação, Hong Kong e Singapura cessaram as importações, depois de terem proibido o rementamento de panchões por questões de segurança.

Receita caseira

O processo de criação dos panchões decorria não só nas fábricas, como também em casas particulares, onde até as crianças se ocupavam de certas fases do fabrico. Depois de se abastecerem na fá-





brica com o papel necessário à confecção dos invólucros em forma de tubo, os artesãos efectuavam várias fases do processo em suas casas.

A primeira fase consistia em enrolar o papel várias vezes, numa espécie de prego comprido sem cabeça, comprimindo-o seguidamente, por enrolamento, num instrumento de madeira conhecido por *chó pau ká*. Esta operação era feita sobretudo por mulheres e crianças, normalmente no exterior das casas.

Após serem revestidos com papéis vermelhos, os tubos eram cortados num instrumento especial em forma de alavanca, o *chit pau cheong ká*, e agrupados em molhos de forma octogonal. De seguida, furavam-se, um a um, com um prego, e fechava-se uma das extremidades, batendo no topo. Levavam-se então à fábrica, onde eram cheios com pólvora. Posteriormente, os panchões eram entregues de novo aos artesões, que procediam à colocação dos rastilhos. Por fim, os panchões regressavam à fábrica, onde os tubos eram fechados e empacotados em maços, nos quais se colava um rótulo, com o nome da firma.

No início da década de 1910, a indústria de panchões começou a utilizar tubos compridos como invólucros dos panchões. Como em Macau só se faziam canudos curtos, a solução foi importar os invólucros da China, por via de Cantão. Só que em 1912, o Governo de Cantão proibiu a exportação de invólucros de panchões para Macau, o que ameaçava paralisar as fábricas de panchões.

Na sequência desta medida, o Governador de Macau pediu ao cônsul geral de Portugal em Cantão que averiguasse as razões da proibição. No ofício de resposta, é possível ler-se, *ipsis verbis*, o seguinte: “o Governo de Cantão pensou que era absolutamente ilógico permitir a exportação para Macau dos *envolucros* que depois eram importados sob a forma de panchões, quando essa fabricação poderia aqui *effectuar-se* em condições de preço muito melhores”. Ou seja, tratou-se de uma medida proteccionista.

O Governador de Macau convocou então uma conferência com os fabricantes de panchões, instigando-os a promover a indústria do fabrico de invólucros em Macau e oferecendo-lhes o auxílio que necessitassem. Todavia, os comerciantes de invólucros enviavam-nos para Hong Kong, onde existia uma fábrica de panchões. Só depois, mais caros, é que os invólucros voltavam a Macau.

NÚMEROS E DESTINOS

FÁBRICAS

1913 –	7
1920 –	6
1930 –	8
1940 –	5
1950 –	4
1960 –	10
1970 –	9
1980 –	2

PANCHÕES EXPORTADOS

1930	1.353.289 KG/MOP	507.446,18
1940	1.493.760 KG/MOP	328.627
1950	1.664.600 KG/MOP	3.570.215
1960	3.928.209 KG/MOP	6.957.788
1970	3.403.718 KG/MOP	17.506.671
1980	23.326 KG/MOP	213.245

DESTINO DAS EXPORTAÇÕES

HONG KONG, SINGAPURA, TIMOR, AUSTRÁLIA, NOVA ZELÂNDIA, ÍNDIA, LÍBANO, SEICHELES, IÉMEN DO SUL, SOMÁLIA, QUÊNIA, ZÂMBIA, ÁFRICA DO SUL, PORTUGAL, ESPANHA, BÉLGICA, DINAMARCA, NORUEGA, CANADÁ, ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, MÉXICO, SURINAME, BARBADOS, ANTILHAS HOLANDESAS E ARUBA



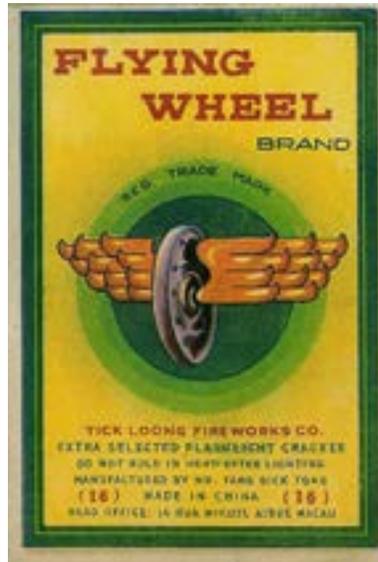
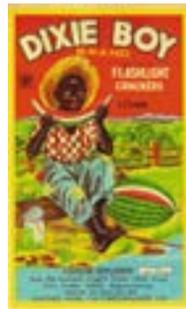
Mais tarde, veio a comprovar-se que a proibição era uma retaliação devido a disputas territoriais e ao facto de Macau cobrar impostos em território chinês. Como Portugal não reconhecia a China republicana, a situação foi-se arrastando até Março de 1919, altura em que os proprietários das fábricas de panchões de Macau entregaram um requerimento ao Governador. Solicitavam a proibição da exportação de salitre e enxofre (produtos indispensáveis para o fabrico de panchões) para Cantão, a qual foi autorizada pelo Conselho do Governo no mesmo mês.

Sombras na luz

Em meados de 1920, as fábricas de panchões começaram a utilizar métodos mais modernos e materiais mais perigosos. Foram passadas licenças a várias fábricas para a utilização da pólvora clorata, também conhecida por pólvora branca, muito mais perigosa do que a

tradicional pólvora negra. Embora tivesse aumentado a fiscalização, sobretudo para efeitos da renovação das licenças anuais, esta era pouco rigorosa, não tendo impedido que se registassem os acidentes mais trágicos da história da indústria de panchões.





A 26 de Novembro de 1928, por volta do meio-dia, ocorreu uma enorme explosão na fábrica de panchões Iec Long, que se ouviu em toda a península de Macau. Pereceram 12 pessoas, entre os seis e os 54 anos, e houve cinco feridos, entre os 14 e os 18 anos. No relatório da ocorrência, pode ler-se que “o desastre foi devido à falta de cuidado dos operários que estavam manipulando panchões, empregando clorato de potassa [utilizado na preparação da pólvora branca], numa das dependências da fábrica a esse fim destinada”.

O incêndio que se seguiu à explosão chegou a ameaçar toda a vila da Taipá, tendo destruído dez casas, dois estaleiros, uma cordoaria e quatro baracas (usadas como habitação). Para tal, contribuiu o facto de não haver meios na vila para combater o incêndio, que só foi extinto às 22h00.

Contudo, o maior acidente sucedeu na madrugada de 6 de Março de 1930, à 1h30 na fábrica Kuong Heng. Ouviram-se três explosões

sucessivas, que provocaram a morte a 44 trabalhadores e feriram oito. Segundo o relatório oficial, o acidente foi causado por um raio.

Estranhando-se tão elevado número de vítimas àquela hora, foi ordenada uma investigação, tendo-se apurado que “para a manufatura de uma grande encomenda de panchões feita à fábrica, combinou o gerente com os seus operários, na maioria mulheres, fazerem serões, mediante uma gratificação de 20 avos e mais uma refeição durante a noite, além da importância que tivessem de receber pelo trabalho feito”. Uma situação proibida por lei. Além disso, o proprietário da fábrica também não tinha colocado os obrigatórios pára-raios. E a tragédia poderia ter sido ainda maior se a chuva torrencial não tivesse apagado de imediato o fogo.

Em ambos os casos, os proprietários das fábricas pagaram o seguro de vida às famílias das vítimas e assumiram todas as despesas dos funerais, apesar de a tal não serem obrigados. ■

O ANO DA CABRA

NO CALENDÁRIO TRADICIONAL CHINÊS, 2015 SERÁ O ANO DA CABRA, UM DOS 12 ANIMAIS DO ZODÍACO ORIENTAL. O ÚLTIMO ANO DA CABRA FOI EM 2003 E O PRÓXIMO SERÁ EM 2027. DIA 19 DE FEVEREIRO INICIA-SE UM NOVO ANO LUNAR. OS SIGNOS COM AS MELHORES PREVISÕES EM 2015 SÃO O TIGRE, O COELHO, O CAVALO, O MACACO E O PORCO. ESTE SERÁ UM ANO PARTICULARMENTE ROMÂNTICO PARA O MACACO, O TIGRE E O RATO





Horóscopo

NO DIA 19 de Fevereiro o Sol e a Lua ocuparão a mesma longitude zodiacal, dando lugar a um fenómeno astronómico conhecido como Lua Nova. Digam-se de passagem, a bem do rigor, que esse evento ocorrerá, em zonas do mundo como Brasil ou Portugal, ainda nas últimas horas do dia 18.

Será a segunda Lua Nova após o solstício de Inverno (que teve lugar a 22 de Dezembro de 2014). Essa Lua Nova assinala o primeiro dia do primeiro mês lunar do ano (lunar) da Cabra. É o dia da festividade do Ano Novo Chinês, que em Macau é assinalada com três dias de feriados oficiais consecutivos, o que demonstra a importância do evento na cultura local.

Este é o pico do ciclo anual das festividades chinesas, que em Macau ainda são seguidas pela população com um respeito pela tradição que já é difícil encontrar em outras zonas da China.

O impacto da chegada do novo ano no quotidiano do território é bem maior do que o ano novo ocidental, que quase passa despercebido. Na noite de 18 para 19 de Fevereiro, em Macau como em outras zonas da China, a população sairá à rua para festejar a chegada do novo ano e correrá de forma maciça aos templos da cidade e das ilhas para aí pedir a ajuda dos deuses e consultar os adivinhos sobre o futuro.

Os dias que antecedem o pri-

meiro dia do novo ano são marcados por diversas iniciativas que vão construindo um crescendo psicológico para a explosão festiva que acompanha a chegada do primeiro dia do ano.

Uma dessas iniciativas é a “varredela”, que tipicamente deve ser feita no 28.º dia do 12.º mês lunar do ano que finda. Em 2015 esse dia corresponde a 16 de Fevereiro.

Como explica no seu almanaque o astrólogo Peter So, de Hong Kong, a “varredela” consiste em limpar a casa, como uma forma de saudar o novo ano que chega, com as suas energias renovadas. Além do 18.º dia poderão ser escolhidos

dias alternativos, tudo dependendo das circunstâncias pessoais ou familiares.

Sublinha o astrólogo chinês que na escolha do dia alternativo há que seguir sempre o princípio de “fortalecer a boa sorte e livrar-se da má sorte”. Quem teve muito boa sorte no ano do Cavalo deve varrer a casa a partir da porta de entrada (no sentido de fora para dentro), como quem quer “reter dentro da casa a energia positiva”. Ao passo que quem teve um ano do Cavalo realmente mau deve proceder em sentido inverso, isto é, de dentro para fora.

No caso em que o ano do Cavalo tenha sido mesmo extremamente mau, a tal ponto em não há nada que se



ALMANAQUES CHINESES

aproveite e se queira começar tudo do zero, então não faz mal escolher para dia da “varredela” o chamado “dia da Destruição”, em que o signo do dia está em choque directo com o signo do mês. Isso acontece, por exemplo, no 25º dia do 12.º mês lunar, isto é, 13 de Fevereiro do calendário gregoriano.

Enfim, uma curiosa superstição, que chama a atenção para o pormenor a que desce o almanaque, num ritual simbólico de “negociação” com as forças invisíveis do destino...

Simbologia pacífica

O clima psicológico da chegada do novo ano vai ao ponto de se reflectir no discurso dos políticos, em que, no caso de 2015, será provavelmente evocada a simbologia pacífica do signo do ano, isto é, a Cabra (ou, em alternativa, a Ovelha ou o Carneiro). Todos esperarão que essa simbologia se torne uma realidade, depois de 2014 (até Janeiro de 2015) ter estado sob a regência do tumultuoso Cavalo...

No calendário tradicional chinês 2015 será o ano da Cabra, um dos 12 animais do zodíaco oriental. O último ano da Cabra foi em 2003 e o próximo será em 2027.

O signo zodiacal deste ano é apelidado em chinês de yang 羊, carácter que tanto pode ser traduzido como “cabra”, “ovelha” ou “carneiro”. Os adivinhos chineses que dominam a língua inglesa costumam traduzir yang 羊 ou como *goat* ou como *sheep*. O Governo de Macau usa actualmente a tradução de “ano da Cabra”. Na língua chinesa essa disparidade de nomes não se coloca porque se escreve sempre que este é um “ano

yang” 羊年, não havendo discussão a esse respeito.

Os almanques chineses indicam que 2015 é um ano *yiwei* 乙未, isto é, que resulta da combinação do caule celeste *yi* 乙 e com o ramo terrestre *wei* 未. No século XX apenas houve um ano *yiwei* 乙未, 1955.

O caule celeste *yi* corresponde ao elemento madeira, na sua vertente *yin*, ao passo que o ramo terrestre *wei* 未 é conhecido popularmente como *yang* 羊, Cabra. Os mestres do sistema Bazi costumam dizer que os 12 animais do zodíaco foram escolhidos como uma alternativa aos 12 ramos terrestres pois estes últimos são concebidos abstractos ao passo que as imagens vívidas dos animais do zodíaco são mais fáceis de recordar pelos não versados nas

abstracções da filosofia tradicional chinesa.

Em termos populares pode dizer-se então que este é o ano da Cabra e do “elemento” madeira, ou então da “Cabra Verde”, uma vez que o verde é a cor simbólica da madeira.

Para o astrólogo Raymond Lo, de acordo com a sua análise anual, podemos esperar que 2015 venha a ser um ano mais pacífico do que o findo ano do Cavalo. É verdade que a madeira e a terra (que é o elemento dominante do ramo terrestre *wei*, ou signo da Cabra) estão em conflito, já que a madeira “controla” ou “destrói” a terra. Daí o astrólogo concluir que 2015 será (portanto, continuará a ser...) um ano de conflitos, mas ele deposita uma grande esperança no papel da madeira, na sua versão *yin*.

É que a madeira *yin* (uma planta, uma flor ou os ramos de uma árvore), com a sua flexibilidade, ajudará a que as partes envolvidas estejam abertas a fazer concessões, tornando assim mais fácil caminho da reconciliação (ao contrário da sua contraparte yang, que, com a inflexibilidade de uma árvore, tornou 2014 um ano pouco dado a cedências).

Parte da envolvimento da festividade do ano novo chinês são as previsões dos almanques para cada um dos 12 signos, de que a revista MACAU apresenta uma síntese, como acontece todos os anos, nas páginas que se seguem.

Os signos com as melhores previsões em 2015 são o Tigre, o Coelho, o Cavalo, o Macaco e o Porco. Este será um ano particularmente romântico para o Macaco, o Tigre e o Rato. ■

RAYMOND LO
PREVÊ QUE 2015
SERÁ (PORTANTO,
CONTINUARÁ A
SER...) UM ANO DE
CONFLITOS, MAS
O ASTRÓLOGO DE
HONG KONG DEPOSITA
UMA GRANDE
ESPERANÇA NO PAPEL
DA CONCILIADOR
DA MADEIRA, NA
SUA VERSÃO YIN,
QUE SIMBOLIZA A
FLEXIBILIDADE DE
UMA PLANTA OU DE
UMA FLOR



RATO

Anos: 1924, 1936, 1948, 1960, 1972, 1984, 1996
(entre 4 de Fevereiro desse ano a 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Depois da mudança, a bonança

Tudo depende do que aconteceu no ano do Cavalo. A oposição então ocorrida entre o signo desse ano (2014) e o Rato é um fenómeno a que os adivinhos chineses atribuem muita importância. Significa, acima de tudo, mudança (muitas vezes com contornos negativos). Se essa mudança efectivamente se concretizou (até Janeiro de 2015), então os nativos do Rato devem esperar agora a bonança. Dir-se-ia que a energia do choque se terá "escoado" através desse acontecimento concreto. Caso contrário, a primeira metade do ano da Cabra (isto é, até Julho de 2015) poderá ainda reservar ainda algumas surpresas. Tudo isto de acordo com as especulações dos almanaques chineses. À parte disto, o ano da Cabra promete ser mais pacífico e virado para o progresso. Ainda deverão ser evitados os choques de personalidades e mal-entendidos no relacionamento com os outros mas o tom é claramente positivo. Os nascidos sob o Rato terão oportunidade de mostrar o seu valor, dar-se a conhecer, e deverão estabelecer uma estratégia virada para o futuro, semeando agora para colher mais tarde.

Os almanaques referem a presença este ano de uma "estrela", uma espécie de Cupido, que irá "apadrinhar" relacionamentos muito especiais. Bons embora passageiros...

O melhor aliado do ano: o Macaco

- ♥ AMOR ★★☆☆☆
- 📁 TRABALHO ★★☆☆☆
- 💰 DINHEIRO ★★☆☆☆
- 🏥 SAÚDE ★☆☆☆☆



BÚFALO

Anos: 1925, 1937, 1949, 1961, 1973, 1985, 1997
(entre 4 de Fevereiro desse ano a 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Entre a estagnação e a mudança

Os nativos do Búfalo terão perante si um dilema curioso. Por um lado, atravessarão um ano sob a regência de outro "animal" com muitas semelhanças. Ambos relacionados com a vida do campo e os ambientes pacíficos e dominados pelo elemento terra, na sua vertente *yin*. Isso pode ser bom, mas talvez demasiado bom... Um dos almanaques chega ao ponto de empregar a imagem de dois campos de cultivo com muitas potencialidades mas sem nenhum dinamismo de desenvolvimento. Um desperdício. Mas por outro há que ter em conta que o Búfalo e a Cabra se opõem no zodíaco, gerando um "choque de energias". Ora, isso significa mudanças, algumas desejadas, outras não. Mas sempre mudanças, uma alteração do *statu quo*, incluindo viagens. No meio desta relativa indefinição, sublinham alguns almanaques que os nascidos sob o Búfalo devem aproveitar este período para uma aposta nas questões ligadas à carreira profissional, já que esse é o campo da vida mais promissor. No campo sentimental, as perspectivas serão melhores para as pessoas do sexo feminino.

Os almanaques vêem em 2015 um tempo decisivo para os Búfalos. Apesar de mudanças e algumas surpresas acabarão por ficar numa posição de maior autoridade, devido ao poder do elemento madeira. Terão as suas vidas sob controlo

O melhor aliado do ano: o Cavalo

- ♥ AMOR ★★☆☆☆
- 📁 TRABALHO ★★☆☆☆
- 💰 DINHEIRO ★★☆☆☆
- 🏥 SAÚDE ★★☆☆☆



TIGRE

Anos: 1926, 1938, 1950, 1962, 1974, 1986, 1998
(entre 4 de Fevereiro desse ano a 3 de Fevereiro do ano seguinte)

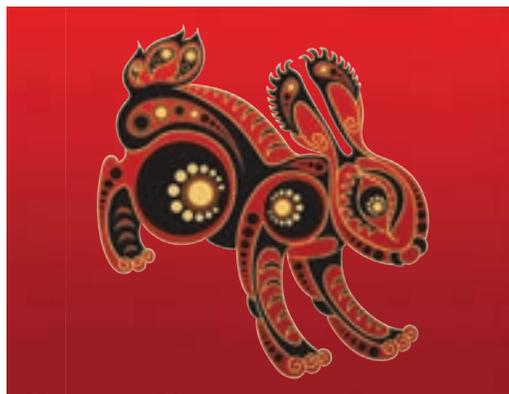
Um Tigre encantador...

É facto assente na simbologia dos almanaques que o Tigre tende a dominar a Cabra (signo do ano), ou seja, terá uma supremacia sobre os acontecimentos. Paralelamente ocorre a presença de uma estrela simbólica muito desejada, a Felicidade Celestial, que promete o que o seu próprio nome indica, isto é, a felicidade, e dará a capacidade de influenciar positivamente as outras pessoas. É muito bom que isso aconteça já que os Tigres se verão constantemente "rodeados" por pessoas que tanto podem ser amigas como rivais. Em muitos casos o uso da força será completamente inútil, ao passo que a diplomacia e a compreensão poderão fazer milagres. A força (que os Tigres costumam ter em abundância) deve afinal ser canalizada para a conquista de resultados concretos, no trabalho e nos negócios. O dinheiro e os bens materiais estarão em foco. Nesse campo, dizem os almanaques, há muito potencial neste ano da Cabra. Sem esquecer, no entanto, que a Felicidade Celestial abençoará igualmente o amor, sendo os nativos do sexo masculino particularmente beneficiados.

O Tigre é um dos três signos com melhor "sorte" no amor neste ano – sublinham os almanaques. Mesmo em assuntos menos românticos, o seu encanto pessoal será uma espécie de magia

O melhor aliado do ano: o Porco

♥ AMOR	★★★★☆
📁 TRABALHO	★★★★☆
💰 DINHEIRO	★★★★☆
🏥 SAÚDE	★★★★☆



COELHO

Anos: 1927, 1939, 1951, 1963, 1975, 1987, 1999
(entre 4 de Fevereiro desse ano a 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Conviver é preciso

A via para o sucesso é o relacionamento com as outras pessoas e a ajuda que estas podem dar. A promessa de boas notícias no lado romântico da vida, que os almanaques previam para o findo ano do Cavalo, ainda poderão concretizar-se no corrente ano (se isso ainda não aconteceu), até ao mês de Julho. Mas o que está em causa este agora é o relacionamento com os outros em todos os aspectos da vida. Por exemplo, na vida profissional o êxito chegará não tanto devido ao esforço pessoal mas sim como consequência da intervenção de outras pessoas. Na vida dos negócios e em tudo o que tenha a ver com ganhos materiais, as coisas serão mais fáceis quando resultantes de ligações familiares e de amizade ou da boa impressão causada nos parceiros ou nos clientes. Isto é, no centro dos acontecimentos estarão sempre as redes de contactos e relacionamentos, que permitirão verdadeiros milagres. Devem portanto os Coelhos sair da toca este ano e cultivar o convívio humano, fazendo-o da forma mais desinteressada possível. Tudo o resto que tiver que acontecer, acontecerá de forma natural e espontânea.

Um aspecto decisivo, que torna este ano muito positivo para os Coelhos é o facto de o seu signo e o signo do ano, a Cabra, pertencerem a uma mesma família zodiacal, juntamente com o Porco

O melhor aliado do ano: o Porco

♥ AMOR	★★★★☆
📁 TRABALHO	★★★★☆
💰 DINHEIRO	★★★★☆
🏥 SAÚDE	★★★★☆



DRAGÃO

Anos: 1928, 1940, 1952, 1964, 1976, 1988, 2000
(entre 4 de Fevereiro desse ano a 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Um Dragão generoso

O Dragão e a Cabra são predominantemente dominados pelo elemento terra, o que cria alguma afinidade entre eles, mas a verdade é que os dois signos vivem em mundos diferentes. O Dragão foi feito para voar, indo além do mundo quotidiano, ao passo que a Cabra pertence ao mundo terra-a-terra dos campos de cultivo. Alguns almanaques, jogando com o facto de o Dragão também conter em si algum elemento água, muito desejável para o campo, concluem que o Dragão pode ajudar a Cabra mas não o inverso. Ou seja, as expectativas dos Dragões para este ano devem ser moderadas, nomeadamente no que diz respeito ao dinheiro, negócios e bens materiais, área pouco promissora. Não é um ano bom para investir – deve-se assumir uma estratégia conservadora. Relativamente à carreira e reputação, 2015 trará novidades. É nessa direcção que devem ser canalizados os esforços, procurando sempre trabalhar em equipa, mobilizando vontades. Finalmente, as relações com as outras pessoas tendem a ocupar um lugar importante, mas não ao ponto de se despertar alguma “química” que produza algo de radicalmente novo.

Uma das chaves para a conjuntura do Dragão em 2015 é a força do elemento madeira. Este tende a disciplinar a terra (elemento dominante do Dragão) o que é bom, despertando a ambição e a competitividade

O melhor aliado do ano: o Macaco

- ♥ AMOR ★★☆☆☆
- 📁 TRABALHO ★★☆☆☆
- 💰 DINHEIRO ★★☆☆☆
- 🏥 SAÚDE ★★☆☆☆



SERPENTE

Anos: 1929, 1941, 1953, 1965, 1977, 1989, 2001
(entre 4 de Fevereiro desse ano a 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Hibernando...

A energia universal *qi* circula da Serpente para a Cabra. A Serpente, que está forte e protegida, pode ajudar a Cabra. E, na medida em que a ajudar, vencerá... Traduzindo para a vida prática isso significa que a via para o sucesso passa muito por brilhar através do sucesso dos outros. Por exemplo, os nativos da Serpente ajudam os seus colaboradores a brilhar e, por via disso, a sua reputação sai reforçada. Ou então, na sua qualidade de pais, se conseguirem que os seus filhos tenham bons resultados nos estudos (ou na vida profissional), brilharão por essa via. Por outro lado, os nascidos sob a Serpente devem aproveitar, eles próprios, todas as oportunidades para mostrar o seu valor. Isso deve ser visto como uma sementeira, um investimento para o futuro. Um dia chegará a altura de colher. Outra particularidade do ano é a presença da estrela Yi Ma, a “estrela da mobilidade”, que indica a probabilidade de deslocações e viagens. Sempre que acontecer uma destas situações, isso será uma boa notícia, portadora de boa sorte.

Apesar da predisposição para viagens e deslocações, este é um ano de acumulação de forças e conhecimentos. A maior parte do tempo a Serpente permanecerá enrolada sobre si própria, embora preparando activamente o futuro

O melhor aliado do ano: o Galo

- ♥ AMOR ★★☆☆☆
- 📁 TRABALHO ★★☆☆☆
- 💰 DINHEIRO ★★☆☆☆
- 🏥 SAÚDE ★★☆☆☆



CAVALO

Anos: 1930, 1942, 1954, 1966, 1978, 1990, 2002
(4 de Fevereiro desse ano a 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Da noite para o dia

A generalidade dos almanaques considera que o fim do ano do Cavalo não terá sido fácil para os nativos do mesmo signo. Mesmo que tenha havido sucesso, os custos do mesmo terão sido elevados... Mas para este ano da Cabra as previsões têm um tom completamente diferente. O Cavalo e a Cabra combinam bastante bem, permitindo boas parcerias com outras com pessoas ou, mesmo, com as circunstâncias. A capacidade de formar relações de complementaridade é aliás umas das chaves do ano, em todas as áreas da vida. Outra componente é a protecção. Quer haja problemas, quer não, aparecerá sempre alguém a proteger e a querer ajudar, garantem os almanaques. Ou então haverá, pura e simplesmente, boa sorte! A energia apaixonada é o dom dos nativos do Cavalo, o que faz com que os outros os adorem. O outro lado da moeda, na sua simbologia, é o de passarem a vida a trabalhar para os outros. É a altura de fazer agora algumas tréguas em relação a este último aspecto. Não se esforcem tanto, e dêem uma oportunidade à boa sorte! Tão simples como isso.

O elemento madeira, que este ano está particularmente forte, "alimenta" o fogo do Cavalo. Ou seja, torna-o mais forte, preparando-o para o futuro. É bom para a aprendizagem e a vida académica

O melhor aliado do ano: a Cabra

- ♥ AMOR ★★★★★
- 📁 TRABALHO ★★★★★
- 💰 DINHEIRO ★★★★★
- 🏥 SAÚDE ★★★★★



CABRA

Anos: 1931, 1943, 1955, 1967, 1979, 1991, 2003
(entre 4 de Fevereiro desse ano a 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Com cuidadinho se vai ao longe

Este é o ano da Cabra, o que não é necessariamente uma boa notícia para os nascidos sob o mesmo signo. É como alguém entrar no terreno dominado por outra pessoa (um semelhante), despertando uma reacção da parte do "proprietário" do território. Isto é apenas uma imagem. Na prática os nativos da Cabra devem contar acima de tudo com a competição. É claro que se forem cuidadosos nesta sua caminhada por "terreno alheio" o ano poderá acabar por ser positivo. Os almanaques recomendam um comportamento o mais *low profile* possível. Sempre que surgir uma situação que possa conduzir a um conflito, a recomendação é: recuar, contornar, evitar a confrontação! Apesar de alguma tendência para imaginar que tudo vai correr mal, a verdade é que este ano deve ser encarado como um tempo de caminhada objectiva para o sucesso. Vale a pena ser ambicioso agora, visando mais o sucesso futuro do que o sucesso imediato. O dinheiro e o amor são, à partida, os aspectos menos beneficiados. Mas no caso concreto das pessoas do sexo feminino até pode ser um ano positivo em termos sentimentais.

Apesar de alguma "trepidação", o elemento madeira deste ano desempenha um papel decisivo. Ele disciplina e torna ambicioso o elemento terra da Cabra. É a caminhada, cuidada mas determinada, para o poder

O melhor aliado do ano: o Cavalo

- ♥ AMOR ★★★★★
- 📁 TRABALHO ★★★★★
- 💰 DINHEIRO ★★★★★
- 🏥 SAÚDE ★★★★★



MACACO

Anos: 1932, 1944, 1956, 1968, 1980, 1992, 2004
(entre 4 de Fevereiro desse ano a 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Amor e sucesso

Num plano simbólico, o Macaco é inteligente, activo e amante da liberdade. Ao passo que a Cabra está muito ligada à vida dos campos de cultivo e é um animal pacífico. O Macaco pode entrar em território alheio e fazer o que lhe apetece, que a Cabra não se importa. Um palco perfeito. Em termos de circulação da energia, há que ter em conta dois factores. Por um lado, a terra da Cabra alimenta, apoia e protege o metal do Macaco. Isso prenuncia um ano de algum conforto e em que os nativos do Macaco se viram para o lado lúdico e criativo da vida. Por outro lado, há que ter em conta a presença da madeira, um elemento também forte este ano, que representa o dinheiro e os bens materiais. As oportunidades virão ter com eles de forma espontânea e, em grande parte, como resultado de uma boa rede de contactos pessoais, que funcionará na perfeição. Finalmente os nascidos sob o Macaco contarão com a presença da Estrela do Amor, que garantirá uma capacidade muito especial no relacionamento com os outros, seja no amor ou em outros aspectos da vida.

A Estrela do Amor é uma das “influências” dominantes do ano. Mas os nascidos sob o Macaco podem igualmente contar com O Sol, o que significa que as pessoas do sexo masculino terão um papel decisivo nas suas vidas

O melhor aliado do ano: o Rato

♥ AMOR	★★★★☆
📁 TRABALHO	★★★★☆
💰 DINHEIRO	★★★☆☆
🏥 SAÚDE	★★★☆☆



GALO

Anos: 1933, 1945, 1957, 1969, 1981, 1993, 2005
(entre 4 de Fevereiro desse ano a 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Em tom de férias

Nos negócios ou em questões relativas ao dinheiro e aos bens materiais, os nascidos sob o Galo terão de contar sobretudo com as suas próprias forças. Mesmo assim, esta faceta da vida será uma das tónicas do ano, sendo de prever que surjam oportunidades. A outra tónica tem a ver com um certo ambiente de “recarregar de baterias”, o que poderá passar, por exemplo, pela decisão de aprender alguma coisa de novo, seja no âmbito da vida profissional, seja na vida pessoal. No amor as pessoas do sexo masculino estarão mais beneficiadas mas mesmo as do sexo feminino beneficiam de algum tom positivo. A recomendação final é: não faz mal cederem, até certo ponto, à tendência para descontrair um pouco, dentro dos limites do razoável, mas paralelamente devem definir objectivos muito concretos a serem alcançados ao longo do ano. Muito em especial não devem ignorar os assuntos práticos, tanto mais que aí estará uma das tónicas do ano. Se assim procederem o saldo será claramente positivo, havendo progresso e mesmo alguma sorte inesperada.

Alguns almanaques argumentam que, neste ano os nativos do Galo andarão algo “apagados”.

O metal, seu elemento dominante, não terá a oportunidade de brilhar, por falta de água e excesso de terra. Mas será apenas uma fase passageira

O melhor aliado do ano: a Serpente

♥ AMOR	★★★★☆
📁 TRABALHO	★★★★☆
💰 DINHEIRO	★★★★☆
🏥 SAÚDE	★★★☆☆



CÃO

Anos: 1934, 1946, 1958, 1970, 1982, 1994, 2006
(entre 4 de Fevereiro desse ano a 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Um ano de oportunidades

Em termos simbólicos, o Cão e a Cabra pertencem à vida do campo, das herdades e das quintas. Estão habituados a encontrar soluções pragmáticas para as respectivas gestões territoriais. É sempre possível tornar simples o que, de outro modo, poderia ser complicado, lembra um almanaque chinês. Esse é o lado bom. O menos bom tem a ver com alguma irritabilidade e um lado mais emocional do que o costume da parte dos nascidos sob o Cão. Uma vez controlado esse aspecto, surge-nos um ano que coloca a vida profissional no centro dos acontecimentos, com oportunidades promissoras. Ora, para conseguirem tirar proveito das mesmas os nativos do Cão terão de recorrer à ajuda de colegas ou sócios, o que torna o bom relacionamento com os outros uma das chaves para o sucesso. Mas não será bom para investimentos e não devem acreditar nas “grandes ideias”, em termos de negócios. Os sócios ou parceiros acabarão sempre por ser os verdadeiros beneficiados. Finalmente, no amor a tônica é mais positiva do que negativa, embora não excepcional.

De acordo com os almanaques, surge no destino dos nascidos sob o Cão a “estrela” A Lua.

Significa a entrada em cena, de forma construtiva, de uma pessoa do sexo feminino. Será poderosa e decisiva para o sucesso

O melhor aliado do ano: o Tigre

♥ AMOR	★★★★☆
📁 TRABALHO	★★★★☆
💰 DINHEIRO	★★★★☆
🏠 SAÚDE	★★★★☆



PORCO

Anos: 1935, 1947, 1959, 1971, 1983, 1995, 1997
(entre 4 de Fevereiro desse ano a 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Em sintonia com o ano

Para o Porco o elemento madeira, particularmente forte neste ano, significa a acção, a expressão dos talentos pessoais e a reputação ou, mesmo, a fama. O mesmo elemento tem a ver com uma ligação especial existente entre o Porco e a Cabra, o que prenuncia o aparecimento de circunstâncias muito favoráveis. Será mais fácil concretizar os projectos pessoais. A energia universal qi circula do elemento água (do signo do Porco) para o elemento madeira do ano. Isso cria uma “corrente” benéfica, que deve ser aproveitada. Devem manter-se atentos às circunstâncias que se vão desenvolver e deixar-se levar, sem medo, por essa circulação de energias. Finalmente as redes de contactos – sejam amigos, familiares, colegas ou clientes – desempenharão um papel muito importante ao longo do ano. Aliás, os nativos do Porco têm um dom especial de criar um bom ambiente nos relacionamentos pessoais. Finalmente há que ter em conta o tom de sorte que tende a acompanhar o Porco ao longo de toda a sua vida, e que isso estará em evidência este ano.

Apesar de a capacidade de estar em evidência e brilhar ser uma das tónicas do ano, há que não esquecer o elemento terra (da Cabra), que ajuda a disciplinar a água do Porco. É importante manter a exigência e a ambição a longo prazo

O melhor aliado do ano: o Coelho

♥ AMOR	★★★★☆
📁 TRABALHO	★★★★☆
💰 DINHEIRO	★★★★☆
🏠 SAÚDE	★★★★☆

ícones **C**hineses

O ALTAR COMEÇOU POR HABITAR AS RUAS DA CHINA ANTIGA E SÓ ENTROU EM CASA PARA SIMPLIFICAR OS RITUAIS, FAZENDO JUS AO PRAGMATISMO SÍNICO. JUNTO AO ALTAR, OU *SAN WAI* EM CANTONÊS, TIRA-SE O PULSO À VIDA DOS CHINESES, À SUA ANCESTRALIDADE E LINHAGEM, PORQUE É NESSE EIXO, SÍMBOLO DA UNIÃO, QUE GRAVITA A ESFERA FAMILIAR

T PATRÍCIA LEMOS

Como uma janela aberta para o mundo espiritual, o altar sempre foi sagrado para a família chinesa, mas hoje em dia são sobretudo os crentes no feng shui (風水) que não os dispensam em casa. Ali são venerados antepassados e divindades celestiais, satisfeitos todos os seus caprichos. Tudo para que as preces da vida terrena sejam atendidas. Rico ou pobre, sofisticado ou modesto, com divindades coloridas pintadas em vidro ou estátuas intactas mas menos lustrosas, manda a tradição que o *san wai* não se ausente da morada chinesa. Casa sem altar é residência de chineses de outra família, em cujo lar são feitas as suas orações. E se dois altares abençoarem uma só casa, é certo que sobre o mesmo tecto vivem duas famílias. Apesar desta intimidade com a família, o altar continua a ser exibido e a estar bem à vista de quem passa na rua. Talvez por isso não seja de estranhar que

tenham migrado para os locais de trabalho – onde quer que vivam ou labutem chineses –, em lojas e restaurantes, estrategicamente colocados junto à caixa registadora, um sinal claro da importância que os chineses dão ao dinheiro. Em casa, no trabalho ou no templo, a maioria dos chineses não esquece as suas obrigações. Mas não tão religiosamente como antes. Uma nova geração acredita que esta veneração aos antigos pode atrair más energias. Se os mais novos perdem o costume, os mais velhos, mais devotos, mantêm acesa a chama. Não acreditam que a conversa

com os antepassados, em tom de homenagem póstuma, perturbe o recomeço da sua nova vida no além, essa sim uma suspeita que circula entre a nova geração.

ALTARES TRADICIONAIS DE MACAU

Os chineses de Macau também correm para os altares, sobretudo durante as festividades, seguindo os preceitos taoístas, como aliás acontece noutras zonas costeiras da China, como na Província de Fujian. Com luzes em forma de vela sempre acesas, colocadas em cada ponta, os *san wai*



ALTAR CHINÊS (神位, SAN WAI)

podem ainda incluir retratos e placas com os nomes dos falecidos. Outros altares de Macau são os budistas com as suas pinturas de fundo do Buda e os sete copinhos, que tanto levam água perfumada como um divino caracol ou oferendas vegetarianas. No altar taoista, há velas, pauzinhos de incenso, alimentos, flores e divindades. Decorado a gosto e sem regras muito precisas, o altar pode incluir três divindades celestiais que simbolizam sorte/felicidade (福 fok), prosperidade/sucesso (祿 luk) e longevidade (壽 sau). Não tão venerado como ícone religioso, este trio divino é sobretudo usado como amuleto, conforme fez notar o escritor macaense Leonel Barros no livro *Templos, Lendas e Rituais*. Veneração mais rigorosa merecem outros potenciais moradores do palanque espiritual, como a deusa Kun Iam, o sorridente buda da fertilidade, o modesto deus da terra ou o rosado deus do dinheiro. As três divindades não animam apenas as casas, também enchem os templos de energias positivas. Em Macau partilham alegremente o espaço espiritual com as deidades budistas, até porque nenhum templo da região é totalmente exclusivo duma só religião. De acordo com a estudiosa Ana Maria Amaro, nas capelas dos templos chineses de Macau existem altares principais e secundários, dedicados aos deuses da riqueza, patronos da medicina e deusas protectoras de crianças.



DIAS DE MAIOR VENERAÇÃO

Primeiro e 15.º dia de cada mês lunar
Festividade dos Espíritos Esfomeados
Ano Novo Chinês
Durante os 49 dias de luto
Aniversário da morte de entes queridos

Quem não tem como contratar um mestre (師傅 sifu) para montar o altar no seu lugar da sorte e a na data mais auspiciosa, deve ter em conta algumas convenções.

O ALTAR DEVE

- estar sempre limpo
- ocupar um lugar estável, junto a uma parede
- ser colocado num local respeitável com a exclusiva função de altar
- estar acima do nível da cabeça de uma pessoa sentada

NÃO DEVE

- ter nenhuma esquina apontada na sua direcção
- ter estátuas partidas ou lascadas, as mesmas devem ser benzidas • por um monge do templo
- ter receptáculos vazios virados para cima

UM ALTAR NUNCA DEVE SER COLOCADO

- no quarto de dormir ou casa de banho
- por debaixo duma escada
- por cima de uma porta
- a seguir a uma janela

Vidas pintadas de fresco

T FILIPA QUEIROZ **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

Se por acaso vir um quadro parecido com os de Denis Murrell mas assinado com outro nome não se espante. Com oficinas de pintura esgotadas em 2014, há dezenas de jovens chineses a desenvolver a técnica única do artista australiano radicado em Macau. A Fundação Rui Cunha juntou mestre e discípulos numa exposição



HÁ QUEM diga que imitação e criatividade são inseparáveis. Quando olha para os quadros dos alunos, muito semelhantes aos seus na fase inicial da carreira, Denis Murrell sente apenas orgulho. “É só o ponto de partida”, diz, junto às obras dos alunos na Galeria da Fundação Rui Cunha.

Natural de Melbourne, na Austrália, o pintor contou à MACAU, semanas antes da inauguração, que nos tempos de estudante de Arte em Sidney teve professores “bastante iluminados que não deixavam copiar”. “Éramos criticados se copiássemos, tudo tinha de vir da nossa cabeça”, explica. “Davam-nos um tema para explorarmos sozinhos e de forma completamente livre. Era um estilo de ensino muito diferente do chinês.”

Quando se mudou para Macau em 1989, Murrell, formado também em ensino do Inglês como Segunda Língua, trabalhou como professor do idioma e ao mesmo tempo começou a explorar a paixão antiga pela pintura. Com o

passar do tempo foi aliando as duas disciplinas, alicerçadas pelo seu forte instinto pedagógico, e condimentando com a própria experiência multicultural.

Engraçado, dinâmico, gentil e amigo são adjectivos repetidos pelos alunos a quem, entre outras coisas, Denis Murrell ensinou a sua técnica *sui generis* de combinação de tinta acrílica com tinta da china e papel absorvente. “Sem limites e sem restrições”, é como Elaine Koon a descreve. A aluna do pintor diz que o método é “divertido e interessante”, porque “estimula a criatividade e o sentido artístico” e não é limitada a quem tenha bases de pintura.

Ela foi uma das cerca de 40 jovens a frequentar as oficinas de pintura de Murrell no Museu de Arte de Macau no ano passado, muitas sem qualquer experiência artística prévia. “Eu nunca tinha tido aulas de pintura, nem sabia desenhar muito bem, mas o Denis fez-me sentir confiante e feliz”, diz Phoebe Choi. Um amigo recomendou-lhe as aulas do pintor que, segun-



O artista com Ung Vai Meng, presidente do Instituto Cultural de Macau

do a jovem, a par com as paletas e os pincéis eram repletas de “alegria e sorrisos”.

“Eram livres”, resume Helen Leong. “São muito diferentes, ele não tem muitos alunos de cada vez porque gosta de interagir com eles; respeita as nossas ideias e ajuda-nos a alcançar os nossos objectivos.” Helen diz que tinha nove anos quando conheceu Denis Murrell. O pintor recorda-se dela com sete. Ensinou-lhe Inglês até ir para a universidade. Foi o primeiro estrangeiro com quem teve contacto directo.

“Claro que tinha medo dele no início”, confessa Helen. Murrell conta que depois de ela ter ido estudar moda para Taiwan, não conseguia encontrar emprego em Macau e foi ter com ele para lhe pedir para experimentar fazer um quadro. “Quando vi a pintura achei que era belíssima, tinha claramente talento”, recorda o pintor. “E na oficina ela brincava com toda a gente, era muito livre, às vezes os outros até já lhe iam pedir conselhos em vez de virem ter comigo”, continua. Helen, por seu lado, confessa: “O Denis foi um óptimo professor e eu considero-o o meu benfeitor, apesar de nunca lho ter dito.”

Lição número 1

“Digo sempre aos meus alunos: nunca se comparem com os outros, compitam com vocês mesmos”, responde Denis Murrell quando lhe perguntámos se costumava comparar a sua pintura com a de outros artistas de Macau quando começou a entrar no círculo artístico local, do qual faziam parte nomes como Ung Vai Meng, Mio Pang Fei e Konstantin Bessmertny.

“Costumávamos jantar muitas vezes. Era conversar, beber e dizer mal dos quadros um dos outros”, atira. “Mas não demasiado para ninguém sair magoado. Mas como é que se pode competir quando as pessoas têm ideias completamente diferentes? E de qualquer forma eu descobri uma maneira diferente de pintar.”

Foi em 1991, por acidente, que Murrell deixou cair um pouco de tinta no chão que limpou com um lenço. Sentiu-se de tal forma inspirado pela mancha de acrílico vermelho no papel absorvente que acabou por incluí-la numa instalação. “Agora está no museu. Não tem nome. Naquela altura cheguei a dar nomes a alguns quadros mas depois desisti porque acho que [a pintura abstracta] é como a



QUANDO SE MUDOU PARA MACAU EM 1989, MURRELL TRABALHOU COMO PROFESSOR DE INGLÊS E AO MESMO TEMPO COMEÇOU A EXPLORAR A PAIXÃO ANTIGA PELA PINTURA. COM O PASSAR DO TEMPO FOI ALIANDO A ARTE AO IDIOMA

música clássica: não tem palavras, cada pessoa quando ouve tem uma ideia diferente.”

Elaine Koon fez um curso de pintura a óleo antes de ter aulas com Denis Murrell. Quería pintar coisas com um significado para oferecer a alguém especial. Ia para o estúdio e pintava a partir de fotografias ou imagens que gostasse, mas admite que não sentia grande inspiração. Pelo contrário, sentia-se frustrada de cada vez que um quadro não ficava parecido com a imagem que tentava replicar.

“Quando terminei o curso fui por curiosidade a uma sala de aula do Denis, vi os pedaços de papel a secar com padrões e cores muito bonitas e perguntei o que iam fazer com aquilo”, conta. Quando deu por ela, estava a inscrever-se na oficina do artista. “Nas aulas do Denis não fica definido à partida como vai ser um quadro, vou fazendo à medida que



sinto. Quando chego a um ponto em que não sei o que fazer o Denis dá-me sugestões mas não ordens, encoraja-me a experimentar”, diz Elaine.

As oficinas foram um sucesso. Tiveram tantos candidatos que o Museu de Arte teve de recorrer à selecção aleatória feita por computador para escolher as turmas de apenas 15 eleitos. A esmagadora maioria do sexo feminino. Muitos dos trabalhos foram expostos ao público em Janeiro na mostra colectiva *Ponto de Partida*, em conjunto com os de outros alunos que passaram pelo estúdio do artista.

A exposição foi organizada pela Fundação Rui Cunha pela facto de um dos seus objectivos ser estimular a criatividade artística, e por possibilitar que os jovens exponham os seus trabalhos juntamente com o mestre, como explicou Tubal Gonçalves à MACAU. “Serviu também para prestar homenagem ao mestre Denis Murrell expondo alguns dos seus trabalhos”, acrescentou.

“Um dos melhores quadros da exposição é o de uma menina que tinha 12 anos quando o fez”, conta Murrell. “Ela é muito tímida e detesta pintar, gosta é de dançar, mas os pais pediram-me para falar com ela para que pudesse praticar o inglês antes de ir estudar para o estrangeiro e acho que está a resultar.”

O mesmo aconteceu com outras duas crianças que não queriam aprender inglês mas os pais insistiram e pediram para que o professor os cativasse. Um está agora a estudar em Taiwan, a outra continua a ser acompanhada pelo artista e quer continuar a pintar. Na óptica de Murrell, a arte é uma terapia. “Antes não sabia mas pode de facto mudar a vida das pessoas de uma forma que nem imaginam.”

Lição número 2

Para pintar é preciso espaço. Uma coisa que em Macau não abunda, antes pelo contrário. É um problema sério, agravado com o aumento do preço das rendas, ao qual nem veteranos como Murrell estão imunes. O estúdio privado do pintor apenas lhe permite receber cerca de três alunos de cada vez. Zero quando tem grandes encomendas.

Elaine Koon gostava de ser artista a tempo inteiro “se não tivesse de pensar em (se) sustentar”, mas considera que o facto de ter estudado fora de Macau já lhe permitiu ter um maior contacto e sensibilidade no que toca à arte. Tal como viajar até países como a Itália onde “coi-

sas tão insignificantes como uma maçaneta, a maneira como as pessoas se vestem ou a cor que usam para pintar as paredes” lhe “abriram os olhos e a mente”.

A jovem lamenta, no entanto, que de um ponto de vista global a arte na cultura chinesa seja vista como “um luxo, algo que uma pessoa vai apreciar ao museu apenas quando não tem mais nada para fazer”, mas reconhece que o sentido artístico tem aumentado. Em grande parte graças ao investimento no desenvolvimento da arte e da cultura nos últimos anos por parte do Governo, que trouxe a Macau exposições como *Neo-Idolatria* do célebre pintor chinês Yue Minjun; o “esforço notável” do sector privado, como por exemplo a abertura do Espaço de Arte do resort MGM onde estiveram patentes mostras como *Venus de Botticelli*, e o trabalho das organizações sem fins lucrativos como a Art For All.

“Gostava de ver o ambiente artístico de Macau aproximar-se dos padrões internacionais, tal como a cidade em si se está a aproximar de um centro de turismo mundial”, sugere Elaine.

Phoebe Choi diz que mais do que ser pintora profissional quer ser uma pintora feliz, e para tal prefere manter a arte como passatempo. Apesar de tudo, não nega que o meio artístico local “está melhor”. Diz mesmo que “qualquer pessoa pode ser artista” com a ajuda das redes sociais, do governo e das instituições de ensino.

Helen diz que não conhece muitos artistas mas vê “muitas pessoas a fazer exposições” o que lhe dá alguma esperança. “Não tenho sonhos mas gostava de um dia poder fazer quadros grandes se tivesse sítio para os pintar.”





Helen Leong: “Gostava de um dia poder fazer quadros grandes”

Até lá, vai frequentando o estúdio de Murrell. “Sinto-me livre quando pinto, não tenho de me preocupar com o que os outros dizem. É algo que pertence a mim e a mais ninguém. A minha mente abre-se e sinto que posso fazer qualquer coisa.”

Lição número 3

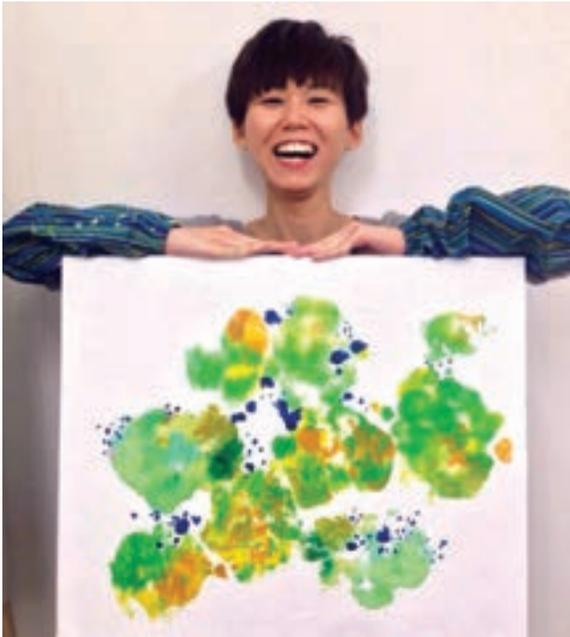
Exposições, prémios e contactos são muito importantes. O tal “ponto de partida”, primeiro passo para Helen, Phoebe, Elaine e colegas. Para Denis Murrell, que a curiosidade e uma agenda de contactos oferecida por alunos de Macau em Melbourne trouxe ao território há 25 anos, o processo não foi tão simples. Partiu de um desses alunos. Cristina Mio, filha do pintor Mio Pang Fei. Segundo Murrell foi ela que, à chegada a Macau, o encorajou a pegar nos pinéis e meter mãos à obra.

“O pai andava por aí e muita gente estava a fazer arte abstracta, coisa que sempre quis fazer, por isso pulei a cerca do semi-abstracto e atravessei o rio até ao abstracto – o que requer algum esforço, sabe? Não foi fácil”, confessa. “Li muitos livros, comprei muitas revistas, falei com pessoas do Instituto Cultural, pratiquei, fiz vários pequenos quadros que ofereci a pessoas até que um dia fiz a exposição na Casa Garden, organizada pelo Círculo dos Amigos da Cultura”, pronuncia o artista em português quase perfeito. Apenas o nome do Círculo, porque a aprendizagem do cantonês foi onde, há muitos anos, o pintor decidiu apostar todas as fichas.

No mesmo ano, 1994, Murrell expôs também na galeria da Livraria Portuguesa e depois disso em vários locais, dentro e fora de portas. China, Hong Kong, Japão, Malásia, Filipinas, Coreia, Estados Unidos, Canadá, Portugal. “Cheguei a ser convidado para ir viver para Portugal e ser um pintor português!”, revela. Fã de Maria Helena Vieira da Silva, em 1996 dois portugueses propuseram-lhe residência em Setúbal, onde chegou a fazer algumas exposições. “Mas depois o governo mostrou-se contra o apoio ao trabalho de estrangeiros e acabei por não ficar.”

Murrell venceu o 1.º e 2.º Prémios de Pintura Ocidental na Bienal de Arte de Macau em 1995 e 1997, o 1.º Primeiro Prémio da XIII Exposição Colectiva de Artistas de Macau em 1996, e levou para casa o Prémio de Bronze na *Forte Cup XX Century Asian Pacific Art Competition* (em Washington D.C.). “Esse foi o empurrão, tal como o apoio dos artistas de Macau”, diz o

DENIS MURRELL/ACERVO PESSOAL



Phoebe Choi nunca tinha pintado antes na vida até começar a ter aulas com Murrell



Elaine Koon diz que o método do artista estimula a criatividade

pintor. Entre eles o actual presidente do Instituto Cultural, Ung Vai Meng, que esteve presente na inauguração da exposição colectiva de professor e alunos em Janeiro.

“Além de um excelente professor e grande artista, o Denis introduziu às gerações mais jovens uma forma diferente de pensar, uma forma diferente de expressar as emoções”, disse Ung Vai Meng. “Ele é, sem dúvida, um membro da nossa família de Macau cuja postura e trabalho tão jovem e tão colorida nos inspira.”

Aos 67 anos, é com carinho e um brilho nos olhos que Denis Murrell fala da cidade onde

inspirou e foi inspirado, dos alunos e do futuro. Não vive da arte mas vive com arte. “Tenho muitos amigos locais, especialmente chineses, sou convidado para casamentos e aniversários”, conta, divertido. Os presentes são geralmente pinturas.

Mas e agora que vários jovens fazem quadros iguais aos seus? “Não me fará clientes, eles não têm a minha experiência, vão ser sempre diferentes e à medida que o tempo passar vão mudando de estilo.” Não tivessem tantos outros mestres inspirado novos artistas e criado correntes no passado, por isso o pintor pretende continuar a ensinar não só pelo prazer como pela perpetuação da técnica. “Não vim para Macau para ser rico, se vender o número de quadros suficientes para viver sou um homem feliz”, diz.

Mas e se fosse rico? “Gostava de financiar as escolas mais pobres para que tivessem departamentos artísticos. Algumas precisam de edifícios melhores, gostava de lhes dar dinheiro para isso e para financiar bolsas de estudo aos meus alunos para estudarem no estrangeiro.”

Denis Murrell tem na calha mais oficinas no Museu de Arte e foi convidado para leccionar um curso na Universidade de Ciência e Tecnologia. Em 2016 vai ter uma exposição individual no Centro UNESCO de Macau. ■

À EXPOSIÇÃO FOI ORGANIZADA PELA FUNDAÇÃO RUI CUNHA PELA FACTO DE UM DOS SEUS OBJECTIVOS SER ESTIMULAR A CRIATIVIDADE ARTÍSTICA, E POR POSSIBILITAR QUE OS JOVENS EXPONHAM OS SEUS TRABALHOS JUNTAMENTE COM O MESTRE



Mio Pang Fei e a arte que se respira

T SOFIA JESUS F CARMO CORREIA

Mio Pang Fei é um dos mais conceituados artistas contemporâneos da China. Em Macau desde os anos 1980, prepara-se para representar o território na Bienal de Veneza. Uma distinção que não esperava, a caminho dos 80 anos. O desafio foi aceite. Ou não fosse a arte o ar que ainda hoje respira



MIO PANG Fei tinha cinco ou seis anos quando se apaixonou pela pintura. Foi nas paredes e portas da sua casa, em Xangai, que começou a desenhar os tigres e leões que via com os pais no jardim zoológico. Uma trapalhada que era preciso limpar, dizia a mãe; já, para o pai, a bicharada era prenúncio de um talento que haveria de desabrochar. E assim foi.

Nascido em Xangai em 1936, Mio Pang Fei é hoje uma referência incontornável na história da arte contemporânea da China. Porque a idade não perdoa, longe vão os dias em que pintava telas gigantescas. Mas continua a criar, dedicando-se, sobretudo, à caligrafia.

Foi com surpresa que Mio soube que tinha sido selecionado pelo Museu de Artes de Macau para representar a RAEM na 56.^a Bienal de Veneza, que decorre entre Maio e Novembro deste ano. *Caminho: Aventura de um Artista* é o nome da exposição que vai montar no Pavilhão de Macau na cidade italiana.

A mostra, que inclui pinturas e instalações, vai oferecer uma retrospectiva do trabalho de Mio e deverá dividir-se em três partes, explica o artista: uma inspirada nos tempos da Revolução Cultural, para que o público conheça melhor os “anos terríveis” que a China atravessou; outra dedicada à série *Margem das Águas*; e uma terceira onde serão exibidos trabalhos da série *Pós-Caligrafia*.

Chegar onde chegou não foi fácil. Pelo meio há uma história de perseguições e perseverança. Uma história que anda de braço dado com a da própria China.

Arte clandestina

No liceu, Mio Pang Fei enveredou pela área das engenha-

MIO TEM PEÇAS INTEGRADAS EM VÁRIAS COLECÇÕES ESPALHADAS PELO MUNDO, FOI GALARDOADO COM DIVERSOS PRÉMIOS E, EM 1999, O GOVERNO DE MACAU ATRIBUIU-LHE A MEDALHA DE MÉRITO CULTURAL

rias, mas nos tempos livres o esquiço era outro. Fazer cálculos à volta de materiais de construção era coisa que o “aborrecia muito”, por isso, e depois de ter tido algumas aulas particulares de desenho, acabou por decidir estudar Belas-Artes em Fujian.

Foi na então Faculdade Normal de Fujian que reparou num hiato no ensino da história de arte. Ausente das aulas estava o que foi feito no Ocidente, a partir das últimas décadas do século XIX. Curioso, inconformado, deitou mãos à obra e começou a investigar. Foi nessa incursão insubordinada por livros e revistas que descobriu o impressionismo, o fauvismo e o cubismo, movimentos que influenciariam o seu percurso como artista.

Terminada a licenciatura, Mio ainda trabalhou alguns anos em Fujian, onde chegou a participar na produção de grandes painéis de homenagem ao socialismo, usados em exposições da época. No início dos anos 1960, regressou a Xangai e improvisou um ateliê em casa,

onde deu aulas de desenho durante cerca de dois anos. Depois arranjou emprego como desenhador de embalagens de brinquedos, até ao início da Revolução Cultural.

Famílias como a de Mio, proprietária de uma fábrica, sentiram na pele as represálias do novo regime. O artista culpava as políticas desadequadas pela fome que afligia milhares de chineses, e terão sido opiniões deste género, partilhadas com as pessoas erradas, que, a par do seu contexto familiar, levaram a que fosse “punido”. Os castigos, garante, não lhe alteraram as convicções. Nem a paixão pela arte. Se o dia era marcado pela dureza do trabalho fabril forçado, à noite fechava as cortinas de casa e desenhava em segredo. A sua arte não era bem vista na China da época e acabou por destruir algumas das obras que produziu nessa altura.

Foi no clima restritivo da Revolução Cultural que Mio começou a estudar caligrafia e pintura chinesas, procurando formas de incorporar ideias do mundo ocidental na arte tradicional da China. Um longo trabalho de investigação que culminaria na concepção do que é hoje conhecido como neo-orientalismo, uma abordagem artística que visa reconstruir uma estética oriental e marca de forma única a obra de Mio Pang Fei.

Fuga para Macau

Na década de 1980, determinado em pegar na família e abandonar a China, Mio tentou obter um visto de estudante para os Estados Unidos, mas o pedido foi recusado devido à sua idade. Tentou também emigrar para Hong Kong, onde a mulher tinha familiares, mas sem sucesso. Foi então que Macau,



onde morava um irmão, surgiu no horizonte.

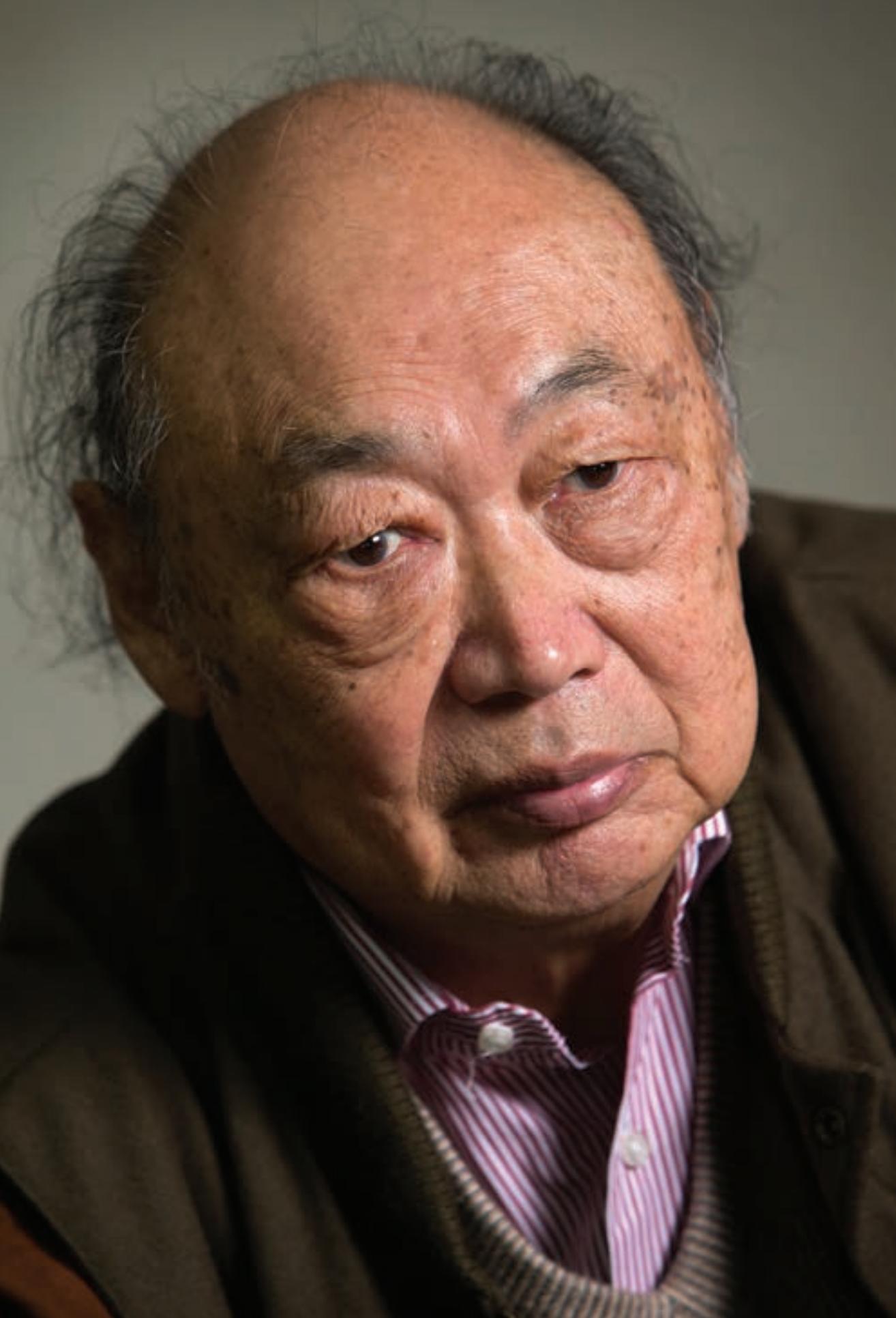
Chegou a Macau no final de 1982. Sem grandes expectativas. No bolso, recorda, trazia apenas 100 dólares de Hong Kong. Na mente, a imagem pré-concebida de uma cidade vincada pelo jogo e mergulhada numa situação económica pouco favorável.

A primeira impressão não foi a melhor, confessa: “um lugar antiquado”, com pessoas de mentalidade “pouco aberta”, “relutantes em aceitar novas ideias vindas de fora”. Por outro lado, não foi fácil encontrar emprego devido à idade e ao facto de não dominar nem o cantonês nem o português. Valeu-lhe um contacto de Hong Kong que lhe arranjou trabalho como desenhador em projectos de hotelaria para o Interior da China. Mas não demoraria muito até que a arte voltasse a cruzar-se no seu caminho.

A primeira exposição

Um dia, por acaso, mostrou fotografias de algumas das suas obras a uma pessoa que ficou tão impressionada com a sua qualidade que lhe sugeriu que fizesse uma exposição em Macau. Mio ainda respondeu que “não tinha dinheiro” para isso, mas foi-lhe garantido apoio e, em Dezembro de 1985, acabou por conseguir expor no antigo Museu Luís de Camões, em conjunto com a mulher, Un Chi Iam, também ela pintora.

Bem-disposto no olhar que deita ao passado, Mio ainda se lembra de quando estava em casa a preparar as pinturas abstractas para essa exposição e alguém lhe disse que era melhor fazer algo que agradasse mais ao público chinês, como “flores” ou “peixes” ou símbolos de “boa sorte”. Ignorou o conselho.



Terminou os quadros na própria manhã do dia da inauguração. Mas, mesmo com “o óleo ainda por secar”, a mostra foi um sucesso. Pediram-lhe que fixasse preços para os seus quadros, mas esta era uma prática a que não estava habituado e, para que ninguém comprasse as obras, optou por colocar preços bastante acima do que lhe tinham recomendado. O truque saiu-lhe furado: foram muitos os compradores. A sorte de Mio estava finalmente a mudar.

A arte de ser feliz

Depois da exposição, visitada por vários dirigentes locais, foi-lhe dada a oportunidade de integrar uma delegação e viajar meio ano pela Europa, para ver ao vivo as obras de arte que há tanto tempo esmiuçara à distância, às escondidas. Depois, em 1986, ele e um grupo de artistas fundaram o grupo Espaço de Arte do Albergue, que desempenhou “um papel muito activo” na promoção do desenvolvimento local das artes. Desde então, admite, Macau mudou. Hoje, nota, as pessoas “estão mais abertas ao que vem de fora”, há mais jovens a participar em actividades artísticas e há também “mais interessados” em arte moderna.

Mio teve uma longa carreira como pintor profissional, investigador e educador. Foi docente na Academia de Artes Visuais de Macau, antecessora da actual Escola Superior de Artes do Instituto Politécnico de Macau. Deu também aulas na Universidade de Artes de Nanjing, no Colégio de Belas-Artes da Universidade de Xangai e ainda na Universidade de Wolverhampton, no Reino Unido.

Mio tem peças integradas em várias colecções espalhadas pelo mundo, foi galardoado



RECENTEMENTE, A SUA HISTÓRIA FOI REGISTADA PELA LENTE DO REALIZADOR PORTUGUÊS PEDRO CARDEIRA, NO DOCUMENTÁRIO MIO PANG FEI. NO CINEMA COMO AO VIVO, EM CASA, FRENTE A UMA CHÁVENA DE CHÁ, VÊ-SE QUE A ARTE É O AR QUE RESPIRA

do com diversos prémios e, em 1999, o Governo de Macau atribuiu-lhe a Medalha de Mérito Cultural. São dezenas as exposições em que já participou, em Macau, no Interior da China, ou em países como Singapura, Malásia, Japão, Austrália, Portugal e Bélgica.

Recentemente, a sua história foi registada pela lente do realizador português Pedro Cardeira, no documentário *Mio Pang Fei*. No cinema como ao vivo, em casa, frente a uma chávena de chá, vê-se que a arte é o ar que respira.

Pintar, explica, fá-lo sentir-se “feliz”, ainda que por vezes o processo de criação seja “dolo-

roso”. No mundo, pouco mais há que lhe interesse, diz. Já nos tempos da faculdade, conta, entre risos, preferia ir virando a camisa do avesso a perder tempo a lavar a roupa. Ainda hoje gosta de viver “uma vida simples”, “longe de sarilhos”.

Brinca que não sabe tomar conta de si próprio e é com um brilhinho nos olhos, espelho de gratidão, que elogia a dedicação da mulher a cuidar da família durante todos estes anos, sacrificando a sua própria carreira artística para que Mio se concentrasse na dele. Mio conspira arte, sim. Mas, aqui e ali, deixa perceber também que a arte não é a sua única paixão. ■

PALCOS DE ILUSÃO E SEDUÇÃO

Paisagem Perceptual e Ligações Perigosas são duas das produções locais que integram a edição 2015 do Festival Multiformas. Espectáculos de teatro e dança, com recursos multimédia, para apreciar, em Fevereiro, no palco do Centro Cultural de Macau

Está aí mais uma edição do Festival Multiformas. Uma iniciativa do Centro Cultural de Macau (CCM) que dá a conhecer produções locais de diferentes géneros artísticos. Este ano o destaque vai para o teatro e a dança, aliados ao mundo multimédia.

Em *Paisagem Perceptual*, a encenadora Jenny Kok inspirou-se em pessoas com necessidades especiais. Pessoas que, no entender da artista, têm uma sensibilidade táctil diferente, que as leva a perceber o mundo de uma outra forma, reagindo a ele de um modo distinto. Nesta peça de teatro experimental, marcadamente física, a encenadora, que actua também em palco, desafia o público a reflectir sobre o que é isto da realidade. E da ilusão. Um desafio de 45 minutos, lançado com a ajuda de



efeitos sonoros e de luz, que contaram com o trabalho do músico e engenheiro de som Eric Chan e do *designer* visual Gabriel Fung. *Paisagem Perceptual* sobe ao palco do Pequeno Auditório do CCM nos dias 13 e 14 de Fevereiro e é seguida, nessas mesmas noites, do bailado multimédia *Ligações Perigosas*, um espectáculo do Teatro Aether, inspirado no famoso e polémico romance do francês Choderlos de Laclos, sobre a aristocracia do século XVIII. Com a duração de 45 minutos, a versão do Teatro Aether oferece um olhar contemporâneo sobre a história da Marquesa de Merteuil e do Visconde de Valmont, que se envolveram num perigoso jogo de sedução. Segundo o CCM, as personagens do espectáculo do grupo de Macau comunicam através da dança, de projecções e dos “novos dialectos”, “provocantes”, popularizados pelas redes sociais.

O cartaz da edição 2015 da série Multiformas não fica por aqui. Do programa fazem parte também outros dois espectáculos: a produção de dança e teatro *Não sei onde*, de Chan Chi Cheng, Tracy Wong e Liu Yan Cheng, no palco do CCM a 6 e 7 de Fevereiro; e a peça de teatro infantil *O Lobinho Mau*, a cargo do grupo Teatro Areia Preta, em cena a 7 e 8 de Fevereiro, também no CCM. *Não sei onde*, interpretado por duas bailarinas de Macau a viverem no exterior e por um coreógrafo de Taiwan, explora o tema da identidade e do sentimento de pertença, numa sociedade cada vez mais alienada das suas raízes. Já *O Lobinho Mau*, com marionetas e elementos multimédia, é uma adaptação original de três contos infantis (*O Capuchinho Vermelho*, *Os Três Porquinhos* e *O Lobo e os Sete Cabritinhos*), onde o vilão decide tornar-se vegetariano.

PAISAGEM PERCEPTUAL

13 E 14 DE FEVEREIRO ☉ 19H30
CENTRO CULTURAL DE MACAU
Bilhetes a MOP 120

LIGAÇÕES PERIGOSAS

13 E 14 DE FEVEREIRO
21H00
CENTRO CULTURAL DE MACAU
Bilhetes a MOP 120



TEATRO



Cookin' NANTA

O famoso espectáculo da Coreia do Sul, que tem corrido mundo desde 1999, mistura ritmos tradicionais coreanos com estilos modernos. Sem barreiras linguísticas, tem como pano de fundo uma história passada numa cozinha e promete fazer rir o público, que é convidado a interagir.

ATÉ 22 DE MARÇO
DE TERÇA-FEIRA A DOMINGO
SANDS THEATRE

Bilhetes a partir de MOP 280



MÚSICA



Fantasia de Piano, por Serena Wang

Com apenas dez anos de idade, Serena Wang é considerada a menina-prodígio da China ao piano. A actuar em Macau pela primeira vez, a jovem artista, que começou a tocar aos cinco anos e desde então já arrecadou vários prémios, vai interpretar Beethoven e Shumann, num concerto de hora e meia.

13 DE MARÇO ☉ 20H00
TORRE DE MACAU

Bilhetes a partir de MOP 80



Seoul in Love – Concerto do Dia de São Valentim

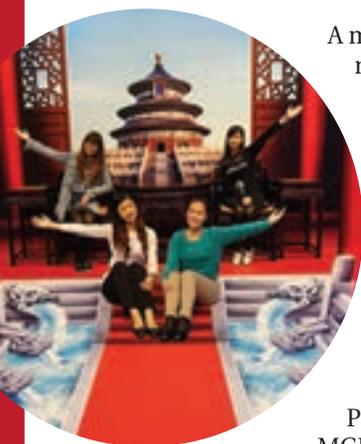
No Dia dos Namorados, o CCM recebe a violinista sul-coreana Dami Kim. Um espectáculo de hora e meia orientado pelo maestro Francis Kan, e cujo programa prevê interpretações de Mozart, He Zhanhao e Chen Gang, Mahler e Bizet.

14 DE FEVEREIRO ☉ 20H00
CENTRO CULTURAL DE MACAU

Bilhetes a partir de MOP 80

MADEIRA PRECIOSA

Levaram anos a construir, mas levam apenas segundos a deslumbrar. Duas obras-primas da arte do entalhe em madeira de sândalo vermelho estão agora em Macau. Peças impressionantes que reproduzem em miniatura dois monumentos de Pequim. Para apreciar no MGM Art Space



A madeira entra pelo nariz logo à chegada à exposição. Um aroma acolhedor que convida a ficar. Ao fundo, numa vitrine, ferramentas rudimentares alimentam a curiosidade de quem adivinha que, nas salas ao lado, há tesouros artesanais que levaram anos a esculpir.

Patente no Art Space do MGM, por ocasião do 15.º aniversário da RAEM, a exposição

Antigas Portas de Pequim em Madeira de Sândalo Vermelho traz a Macau uma réplica da Sala da Oração pelas Boas Colheitas, do Templo do Céu, e uma outra da Porta de Yongding. Ambas as miniaturas dos famosos monumentos da capital chinesa foram trabalhadas à escala de um para dez.

As duas obras-primas pertencem ao Museu de Sândalo Vermelho da China, criado em 1999 pela colecionadora Chan Lai Wa. Um museu que, em 2011, viu a importância da sua “escultura em sândalo vermelho” ser reconhecida pelo Conselho de Estado chinês, que a inseriu na lista do património cultural intangível do país.

Dotada de uma componente multimédia que passa, por exemplo, pela projecção de um céu que vai mudando de cor ou por sons de passarinhos a cantar e cavalos a trote, a exposição agora patente em Macau oferece ao visitante uma série de explicações sobre esta arte milenar do entalhe em sândalo vermelho. É assim que ficamos a saber que este tipo de madeira, considerado um dos mais preciosos do mundo, cresce nas ilhas do sul do Pacífico e nalguns países do Sudeste Asiático, podendo levar centenas de anos a amadurecer.





A miniatura da Porta de Yongding, uma das muitas portas da velha Pequim, impressiona, desde logo, pelo tamanho. Com dez metros de comprimento, 7,52 de largura e 2,6 metros de altura, a obra de 6,5 toneladas reflecte a mestria de cerca de uma centena de artesãos, que recorreu a técnicas tradicionais chinesas de marcenaria para unir milhares de peças minúsculas, sem usar um único prego. Além do sândalo vermelho, parte da réplica da Porta de Yongding é construída em madeira de

Yinchen. Uma outra madeira valiosa, que se encontra “enterrada nos rios”, explica-nos o guia de serviço, apontando para um dos troncos em exibição, ainda em estado bruto.

O mesmo guia conta que a miniatura da Sala da Oração pelas Boas Colheitas, do Templo do Céu, “levou cinco a seis anos a completar” e também “envolveu o trabalho de cerca de 100 artesãos”. Com 3,8 metros de altura e nove metros de diâmetro, a obra reproduz ao mínimo detalhe o lugar onde os imperadores das dinastias Ming e Qing rezavam aos deuses para que estes lhes garantissem uma boa safra.

A par desta exposição, o MGM Art Space apresenta também a mostra *100 Fotografos Focados em Macau*, com trabalhos de mestres de Macau, Hong Kong, Interior da China e Taiwan. Uma iniciativa do jornal *China Daily*, que mostra como aqui e ali a tradição ainda sobrevive na Macau do século XXI.

ANTIGAS PORTAS DE PEQUIM EM MADEIRA DE SÂNDALO VERMELHO

ATÉ 22 DE MARÇO
MGM ART SPACE
DE TERÇA-FEIRA A DOMINGO
Entrada livre



Self/Unself – Design Contemporâneo Holandês

São 27 obras de *design* contemporâneo com assinatura de famosos artistas e estúdios da Holanda. Segundo o Centro de Design de Macau, a mostra é inédita no território e dá ao público a oportunidade de contactar com trabalhos “*avant-garde* e experimentais” do *design* holandês. ATÉ 15 DE MARÇO
CENTRO DE DESIGN DE MACAU
RUA DA FÁBRICA, 5
DE TERÇA-FEIRA A DOMINGO
(EXCEPTO QUINTA-FEIRA)

Entrada livre



Arte Coreana por Oh Young Sook e Kim Yeon Ok

As formas geométricas de Oh Young Sook representam, nas palavras da própria, uma forma de criar “inovação a partir da substância original”. Já Kim Yeon Ok é vista pela crítica como alguém que procura uma nova comunicação, a partir de elementos tradicionais. Obras de arte contemporânea vindas da Coreia do Sul. ATÉ 15 DE FEVEREIRO
GALERIA IAO HIN
RUA DA TERCENA, 39

Entrada livre



Obras-Primas Rubras: Peças de Laca do Reinado do Imperador Qianlong – Museu do Palácio Imperial

Fruto de uma cooperação de 15 anos entre o Museu de Arte de Macau e o Museu do Palácio Imperial, a mostra traz a Macau mais de 120 peças lacadas distribuídas por dez temáticas. Tesouros de uma arte chinesa milenar que conheceu um impulso importante no reinado de Qianlong.

ATÉ 8 DE MARÇO
MUSEU DE ARTE DE MACAU
DE TERÇA-FEIRA A DOMINGO
Bilhetes a MOP 5

PORQUÊ MACAU?

T SOFIA JESUS

A ideia surgiu-lhe numa noite de Verão quando passava a ponte vinda da Taipa. Christine Hong olhou o horizonte e descobriu que a cidade onde nascera já não era a mesma. Mais à frente, numa família de cabelos louros, a sair de um supermercado, apercebeu-se que Macau era agora um sítio onde as pessoas “escolhem ficar”. E deu consigo a pensar: “Porquê?”

Why Macau (ou Porquê Macau, em português) é um livro que reúne testemunhos de 26 autores. São histórias de vida contadas na primeira pessoa, na língua que mais agrada a cada uma.

A prioridade na selecção dos textos foi a “diversidade”, explica a editora, Christine Hong, à MACAU. No livro, lançado recentemente pela Associação

Vinte e seis autores de diferentes etnias e contextos profissionais partilham impressões pessoais sobre Macau. Porque vieram, porque partiram, porque ficaram. Uma obra que reflecte o multiculturalismo que faz da cidade aquilo que ela é hoje

Cultural YunYi, de que Christine Hong é a fundadora, ouvem-se vozes de engenheiros civis, artistas, arquitectos, professores, funcionários públicos, empresários, executivos do sector do jogo, entre outros. Vozes de gente oriunda de Macau, do Interior da China e de lugares mais distantes,

GONÇALO LOBO PINHEIRO



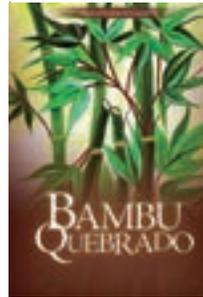
como Filipinas, Japão, Portugal, Alemanha, França ou Estados Unidos. Numa amostra tão diversificada, Christine Hong encontra, no entanto, algo em comum: “Todas estas pessoas chegam com um objectivo: fazer deste sítio um lugar melhor”. E todas têm uma parte em que vêem Macau “como um lugar muito acolhedor, um lugar onde é possível construir sonhos”.

“Não queria ser uma máquina”

Ao An Wa, 24 anos, é a mais nova dos 26 autores. Regressou há pouco tempo ao território, depois de se ter licenciado em Taiwan e passado cerca de dois anos a viajar pelo mundo. Nas páginas de *Why Macau*, a escritora *freelancer*, apaixonada também pela fotografia, explica, em chinês, tanto o que a levou a partir, como o que a levou agora a ficar. Partiu porque precisava de ver o mundo: “Não queria ser uma máquina”, explica à MACAU. Ficou, porque descobriu que, ao contrário do que pensava inicialmente, tem algo a dar de volta à cidade onde cresceu. “De início, achei que não conseguia respirar”, conta, apontando o dedo à imensidão de “tráfego”, “casinos” e “espaços comerciais”. Foi-lhe difícil encontrar um equilíbrio entre um “emprego interessante” e um “emprego chato”. Mas, depois de conhecer alguns artistas locais, e de a YunYi a ter desafiado a escrever o seu próprio livro (a lançar ainda este ano), percebeu que poderia dedicar-se às artes em Macau.

Com cada texto publicado apenas na sua versão original, *Why Macau* inclui depoimentos em sete idiomas diferentes. A editora não arriscou traduções, porque “é difícil” assegurar a sua qualidade, mas espera que quem compre o livro aproveite a deixa para pedir ajuda a um amigo nativo. Afinal, lembra, citando um dos autores, Macau é “um *cocktail*”. “Agora mais do que nunca.”

WHY MACAU
EDIÇÃO DE CHRISTINE HONG,
COM ILUSTRAÇÕES DE NIO NI
YUNYI ARTS AND CULTURAL
COMMUNICATIONS ASSOCIATION
175 PÁGINAS
MOP 178

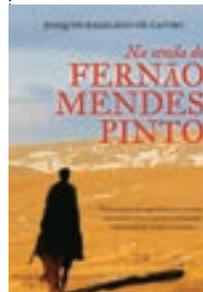


Bambu Quebrado

Maria Helena do Carmo
Chiado Editora, 2014

Escritora e historiadora, Maria Helena do Carmo narra, nesta biografia romanceada, episódios verídicos da vida de João Maria Ferreira do Amaral, um oficial da Armada que

chegou a ser governador de Macau. A história fica também marcada por um grande amor que desafia a mentalidade da época.



Na senda de Fernão Mendes Pinto

Joaquim Magalhães de Castro
Parsifal, 2013

As deambulações de Joaquim Magalhães de Castro pelo Oriente em busca de vestígios da presença portuguesa

levaram-no a reencontrar Fernão Mendes Pinto. Nesta obra, o investigador cruza as peregrinações de ambos, numa viagem aos lugares explorados no século XVI pelo famoso aventureiro português.



Quem conta um conto, acrescenta um provérbio

Zélia Mieirol e Marinela Ferreira
Escola Portuguesa de Macau, 2014

Mais um projecto das duas professoras da Escola Portuguesa de Macau, o livro reúne 1540 ditos populares e tem como protagonista a Capuchinho Vermelho. Elaborada a partir do trabalho realizado junto dos alunos, a obra cruza 11 histórias tradicionais, contadas com recurso a provérbios.



RUA DE SÃO DOMINGOS, DÉCADA DE 1970



F ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU

O NOME advém da Igreja de São Domingos ali localizada, que foi construída em 1587 com base numa estrutura e compartimentos de madeira. Inicialmente, a estrutura era conhecida em chinês por Pang Cheong Tong, que significa “casa de compartimentos em madeira”. A Rua de São Domingos, em pleno coração do antigo

Bazar Chinês, tem uma forte componente histórica. Diz-se que o pai de Sun Yat Sen era sapateiro numa das lojas desta via e que era frequente ver Sun, ainda menino, a brincar pela rua. No Outono de 1945, O Lon, membro do Partido Comunista, abriu ali uma clínica médica, onde deu uma enorme contribuição para o nascimento da nova China através da realização de trabalho clandestino.

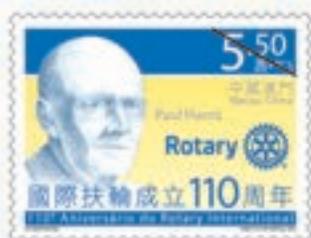


MACAU 2014

LIVRO DO ANO

As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do “MACAU 2014 - LIVRO DO ANO”, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

O “MACAU 2014 - LIVRO DO ANO” regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural do território, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. O “MACAU 2014 - LIVRO DO ANO” pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhados da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e no Centro de Informações ao Público, e na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios), ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa, bem como nas livrarias da The Commercial Press Ltd, em Hong Kong



收藏



Coleccione Selos
de Macau

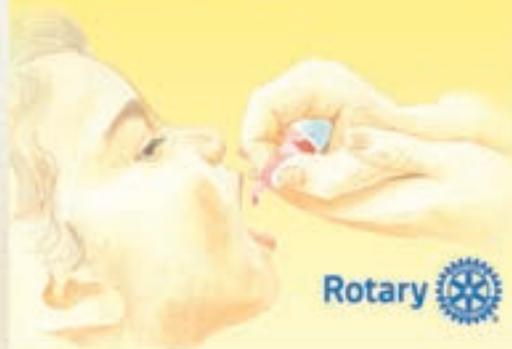
Collect
Macao's Stamps



國際扶輪成立 110^o周年
Aniversário do Rotary International



立即根除小兒麻痺
FIM À PÓLIO



Rotary



澳門議事亭前地
Largo do Senado, Macau

• 電話 Tel : (853) 8396 8513, 2857 4491
• 傳真 Fax : (853) 8396 8603, 2833 6603

• 電郵 E-mail : philately@macaupost.gov.mo
• 網址 Website : www.macaupost.gov.mo



齊心一意 助啟商賢
Aproximamos Pessoas. Facilitamos Negócios